



ampulhet@

crônicas futuristas

ORGANIZAÇÃO

Christina Ramalho

Natal/RN/2020



ISBN 978-65-88011-10-2

CRONISTAS

Ailezz Silva
Ana de Santana
Antonio Marcos dos Santos Trindade
Carlos Alexandre N. Aragão
Carmem Drumond
Christina Ramalho
Cristina Monteiro
Daniela Bento
Douglas Magnilson
Geóz Rodrigues de Melo
Gigia Talarico
Gorete Lira
Homero Carvalho Oliva
Ilane Ferreira Cavalcante
Ítalo de Melo Ramalho
Janaína Moreno Matias
Juliane de Carvalho Correia
Kelber Rodrigues
Laís de Jesus Vasco
Luana Santana
Luciana de Lima Arcanjo
Márcia Batista Ramos
Margarita Bustos Castillo
María del Mar López-Cabrales
Nadir Andrade Nascimento
Nathaniel Diggory
Pedro Henrique Varoni de Carvalho
Rafael Senra Coelho
Raquel Naveira
Rosângela Trajano
Sheila Senes
Suyene Correia Santos
Tania Werneck
Valéria Santana de Jesus
Vera Duarte
Yasmin Lima Resende

Título Original: *ampulhet@*. crônicas futuristas
© Copyright 2020 by Christina Ramalho e autores

Todos os direitos reservados. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do/a autor/a, título da obra, edição e paginação. A violação dos Direitos do Autor (Lei no. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Fotografia-base: Adèle Gaboreau
Arte: Christina Ramalho
Revisão dos/as autores/as e da organizadora
Diagramação: Christina Ramalho

Catálogo da Publicação na Fonte.
Fernando Antony Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165c Ramalho, Christina (org.).
ampulhet@: Crônicas futuristas. / Christina Ramalho (org.). – 1. ed.
– Natal/RN: Lucgraf, 2020.
333p.: il.; eBook (pdf).

Vários autores.
ISBN: 978-65-88011-10-2

1. Literatura. 2. Literatura – textos diversos. 3. Literatura – Crônicas. I. Título.

CDU 821.134
CDD 869.4

CONSELHO EDITORIAL LUCGRAF VIRTUAL

Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani
(UFRJ)

Prof. Dr. Fabio Mario da Silva
(UNIFESSPA)

Profa. Dra. Maria Aparecida Fontes
(Università degli Studi di Padova – Itália)

Prof.a Dra. Marlene de Almeida Augusto de Souza (UFS)

Prof. Dr. Raiff Magno Barbosa Pereira
(Colégio Pedro II)



SUMÁRIO

Apresentação (Christina Ramalho) – p. 13

BOLÍVIA

Gigia Talarico

La otra – p. 19

Lo mismo que ayer – p. 23

Homero Carvalho Oliva

Diario de la pandemia – p. 31

La ultima escena – p. 34

Márcia Batista Ramos

Las tijeras de podar rosas – p. 39

Regresando al pasado – p. 43

CABO VERDE

Vera Duarte

Uma viagem tormentosa – p. 49

A lua paradisíaca – p. 53

CHILE

Margarita Bustos Castillo

Revelación en las cuatro esquinas del mundo – p. 59

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA – ESPANHA

María del Mar López-Cabrales

Mejor que el WhatsApp: la tele transportación – p. 65

Dejadme entrar en vuestras vidas – p. 67

BRASIL

AMAPÁ

Rafael Senra Coelho

No tempo dos discos e dos cristais – p. 71

Nove e quarenta e nove – p. 78

BAHIA

Juliane de Carvalho Correia

Já viveu hoje? – p. 87

MATO GROSSO DO SUL

Raquel Naveira

Atlas – p. 93

Taças – p. 96

PARAÍBA

Gorete Lira

Afinal de contas, o que é mesmo o Natal? – p. 101

Que bom, o progresso chegou! – p. 104

PARANÁ

Nathaniel Diggory

Invólucro – p. 109

Monogamia manda lembranças – p. 123

PERNAMBUCO

Geóz Rodrigues de Melo

2061: O Encontro Com o Halley – p. 135

2061: Uma Noite Sublime – p. 138

RIO DE JANEIRO

Sheila Senes

Fragile Heart - p. 143

Laranja e Olíbano - p. 147

Tania Werneck

O reverso do agora - p. 153

O verdadeiro poder - p. 155

RIO GRANDE DO NORTE

Ana de Santana

Memória em estado sólido - p. 161

Rua que pulsa - p. 166

Ilane Ferreira Cavalcante

Lunápolis - p. 171

Memórias do ano que não acabou - p. 178

Janaína Moreno Matias

Ainda haverá abra"SS"o! - p. 185

悲劇被吸引了！ - Desenhou-se a tragédia! - p. 190

Rosângela Trajano

A alegria da minha velhice - p. 195

Mamãe e seu carro elétrico - p. 200

SÃO PAULO

Cristina Monteiro

Existo, logo não posto - p. 207

Rapunzel Zen - p. 211

Pedro Henrique Varoni de Carvalho

As cartas - p. 215

Cartografia da vida interior - p. 217

SERGIPE

Ailezz Silva

Choro sem lágrimas - p. 227

Lembranças futuras - p. 228

Antonio Marcos dos Santos Trindade

O fator maia - p. 229

Nikola - p. 235

Carlos Alexandre N. Aragão

Egoísmo cortante - p. 243

Tela do amanhã - p. 245

Carmem Drumond

Azul e vermelho piscando - p. 247

O oco do tempo - p. 250

Christina Ramalho

Rebelião no *Agenda* ★ - p. 255

Cem - p. 261

Daniela Bento

A bala azul - p. 265

A fome não se chipa - p. 267

Douglas Magnilson

2024 - p. 271

A revolução do cheiro - p. 273

Ítalo de Melo Ramalho

Decreto - p. 277

Estreitos e sortidos - p. 280

Kelber Rodrigues

A pena - p. 283

O racismo - p. 285

Laís de Jesus Vasco

Carta para um jovem - p. 287

Um futuro no passado - p. 290

Luana Santana

À deriva - p. 293

IA - p. 296

Luciana de Lima Arcanjo

O chip da felicidade - p. 301

Passagem para Marte - p. 305

Nadir Andrade Nascimento

dh15h4at - p. 309

O planeta Terra é azul, e não há nada que eu possa fazer - p. 312

Suyene Correia Santos

Natal em Tempos Pandêmicos - p. 317

Rede de Intrigas Cibernéticas - p. 320

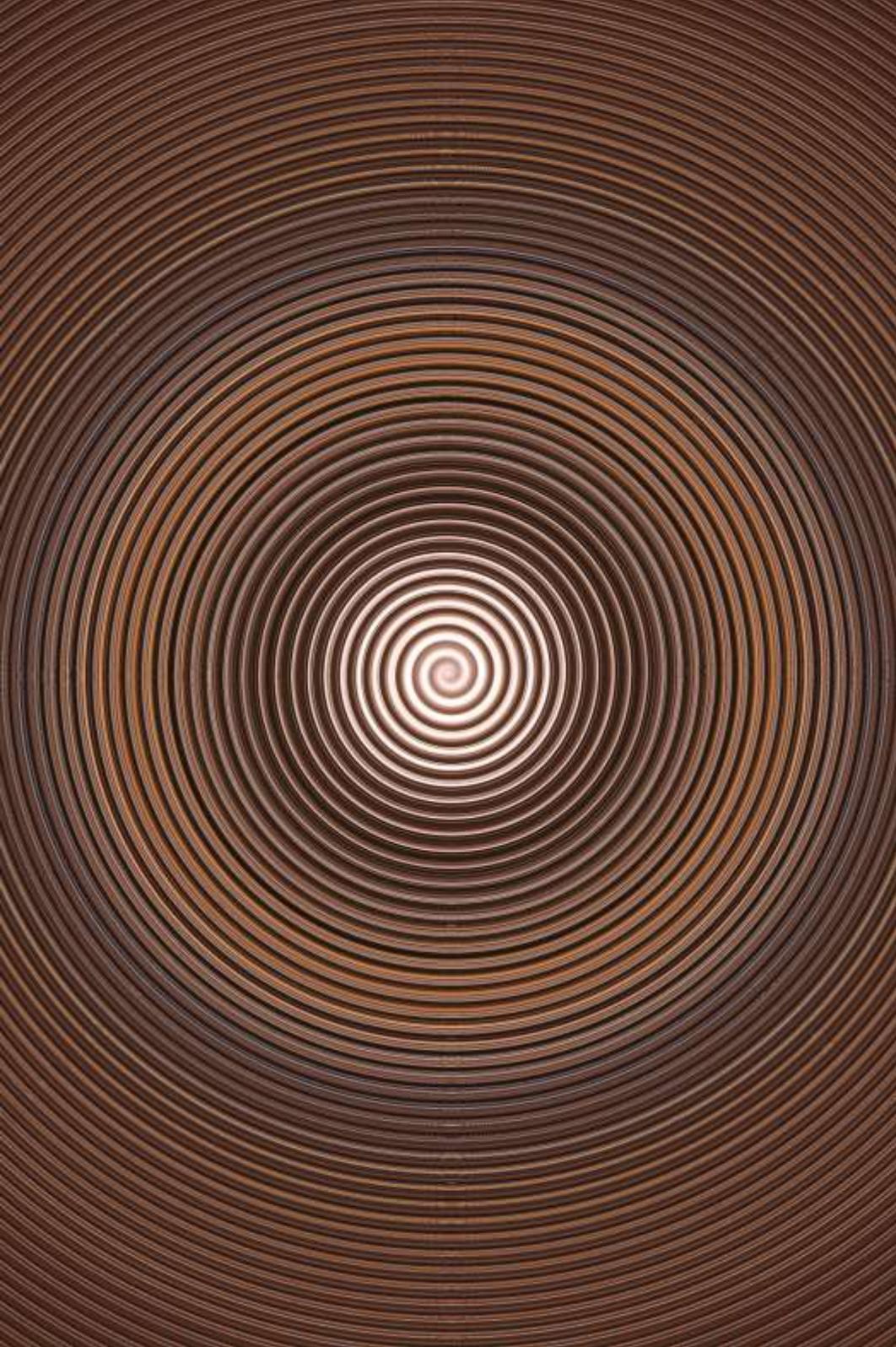
Valéria Santana de Jesus

Máquina do tempo - p. 323

Yasmin Lima Resende

Dias do passado no futuro - p. 329

Escolha - p. 331



Apresentação

Com quantas letras se escreve a palavra “futuro”? Certamente não será apenas com seis, porque futuro é algo que vive em plena e constante expansão. Futuro, ao mesmo tempo, faz sonhar e sofrer. Nessa palavra habitam os dolorosos sentidos da morte, mas também emergem todas as possibilidades de se vencer a dor. Futuro é o tempo que cura e também o que traz o fim. É a promessa nos convidando a seguir em frente, mas também é o medo das consequências do presente. Sim, “futuro” se escreve com infinitas letras e, por isso, foi inspiração para a criação deste livro, em que a crônica deixa de ser relato do tempo presente e se projeta mais além, permitindo que a imaginação retrate o cotidiano do amanhã que está sendo berçado no hoje.

Já organizei muitos livros de crônicas: *Atando as pontas* (2019), *Tempo de feira* (2019, com Éverton de Jesus Santos), *Todas as águas* (2019, com Ítalo de Melo Ramalho e Rafael Senra), *Jovens cronistas do sertão* (2016, com Carlos Alexandre Nascimento Aragão), *Gente* (2015, com J. G. Pascale), *A palavra e os dias* (2013, crônicas da escritora cabo-verdiana Vera Duarte), *Água terra fogo ar. Crônicas elementais* (2011, com J. G. Pascale), *Pão Nosso* (2007), *Onze cores da uva* (2006), *Ciranda de uvas* (2004), *Entre as videiras* (2003), *Pêra, uva,*

maçã, salada mista (2003) e *Colheita de uvas* (2002). Além disso, em 2018, publiquei *Catimbó*, livro em que reuni 100 crônicas de minha autoria, numa espécie de inventário particular. Todas as experiências vividas com esses livros envolveram gente sensível, de várias partes do Brasil e também amigos e amigas cabo-verdianos/as, com muitas histórias para contar. Algumas histórias traziam (e trazem, porque livros não morrem) o convite ao riso e à leveza do existir que só quem sabe rir de si mesmo alcança. Outras, por sua vez, fazem poesia das coisas mais singelas que nos cercam aparentemente de forma anônima. Há também as que traduzem no gesto da crônica dores que, compartilhadas, doem menos; e as que descobrem paisagens quando inauguram um novo olhar para o mundo.

Os livros de crônicas que organizei e dos quais, em sua maioria, também participei como cronista, sempre tiveram, até aqui, o compromisso com Cronos, o Deus do Tempo, em sua medida mais exata: o tempo presente. No entanto, tal como expliquei logo no início, a palavra futuro irrompeu forte como perspectiva em um tempo presente carregado de não e de tragédias cotidianas. Talvez a busca pelo futuro jamais tenha estado tão viva. Talvez nunca tenhamos desejado tanto que o presente se vista logo com o traje do passado e ceda vez ao novo, ao movimento transformador que nos direciona ao futuro. Em tempos de uma inimaginável (por nós, leigos/as) pandemia, traduzida em números absurdos de mortes que

nos chegam todos os dias; em tempos de um desgoverno assustador que apagou a alegria da personalidade deste país; em tempos de uma Amazônia e de um Pantanal em chamas; de vidas negras sendo mais e mais ceifadas; do recrudescimento de preconceitos que imaginávamos rumarem à extinção; em tempos de evidente decrepitude de um sistema que sobrevive à custa da desigualdade e da injustiça social; de um avanço tecnológico que logo criará colônias de férias na lua, mas não é capaz de extinguir a fome; desejar que o futuro chegue se faz mais vivo que nunca. Entretanto (sempre há as adversativas), o que exatamente essa esperança no futuro pode nos trazer: júbilo ou decepção? Se o amanhã é fruto do hoje, parece que a esperança pode ser uma grande ilusão. Ou há como persistir na crença de um mundo melhor?

Ampulhet@ é exatamente isto: um conjunto de crônicas futuristas, em que vozes brasileiras vindas do Amapá, da Bahia, de Mato Grosso do Sul, da Paraíba, do Paraná, de Pernambuco, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Norte, de São Paulo e de Sergipe, e vozes de amigas e de amigo vindas da Bolívia, de Cabo Verde, do Chile e dos Estados Unidos/Espanha compõem um diversificado painel de cotidianos futuros possíveis e impossíveis, esperançosos e pessimistas, cômicos

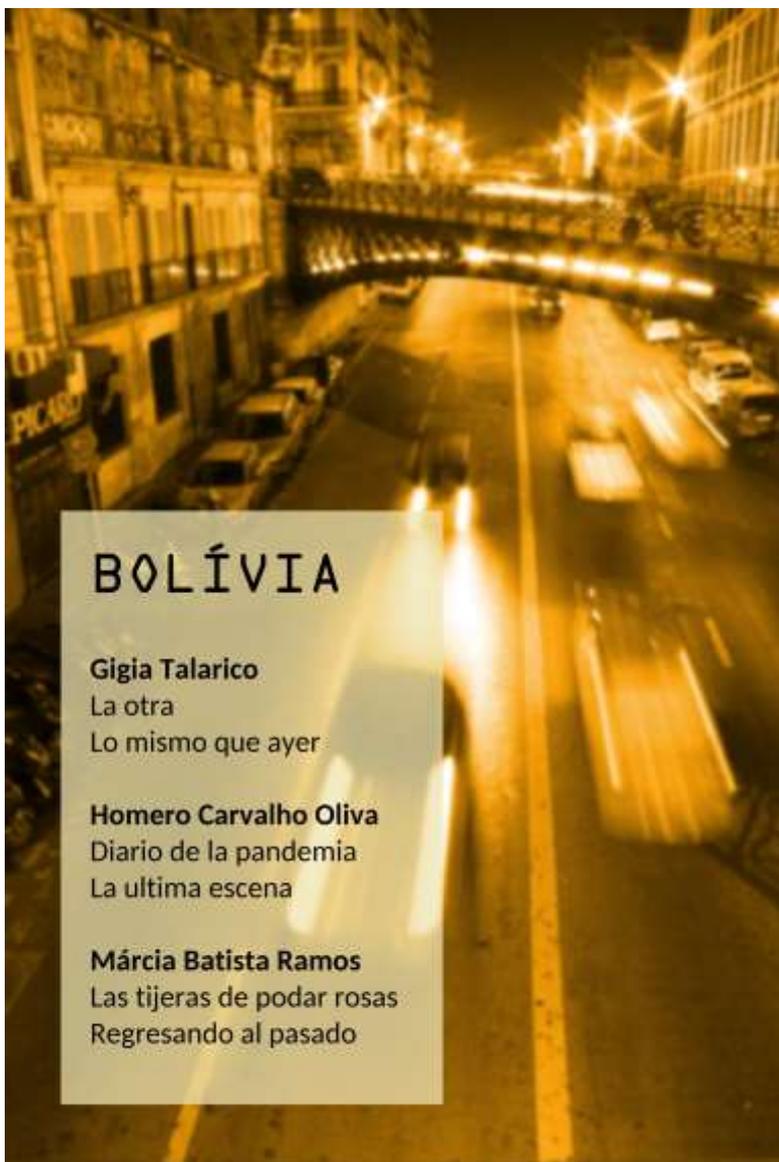
e trágicos. Cotidianos futuros que se multiplicaram a partir da sensibilidade de pessoas de diferentes faixas etárias e distintas vivências afetivas, artísticas e profissionais. Nosso convite é para que vocês virem essa ampulheta futurista e deixem que as areias das palavras escorram diante de seus olhos, integrando-se a suas próprias mentes e sensibilidades, que, sem dúvida, começarão a imaginar com quantas letras se escreve a palavra futuro.

Iniciaremos com as crônicas que vieram de fora do Brasil, sonhando, a partir da maioria delas, com o dia em que espanhol e português serão idiomas de todos/as nós, irmanados/as pela motivação de nos conhecermos mais e mais. Assim, as crônicas em espanhol serão os primeiros signos de um futuro mais bonito. Em seguida, estado por estado, virão as vozes de cronistas espalhados por este Brasil tão múltiplo e, hoje, tão triste.

Por fim, o agradecimento à querida Adèle Gaboreau, estudante de Design, na École Nationale Supérieure des Arts Appliqués et des Métiers d'Arts (ENSAAMA), que nos cedeu a imagem fotográfica que trabalhei de forma múltipla para simbolizar os igualmente múltiplos olhares que o livro agrega. Adèle, com você, também a França está conosco nesta aventura futurista.

Boa leitura!

Christina Ramalho



BOLÍVIA

Gigia Talarico

La otra

Lo mismo que ayer

Homero Carvalho Oliva

Diario de la pandemia

La última escena

Márcia Batista Ramos

Las tijeras de podar rosas

Regresando al pasado



La otra

Gigia Talarico

Los martes, luego de mis cuatro intensas horas laborales en la oficina de mi minúsculo y solitario departamento, debo ir a visitar a mi madre, lo que hago con gusto, es el único familiar que tengo y me recuerda que existo, pero me gustaría verla cualquier día, y quizás dos veces por semana, como hace cinco años, o tres, como hace diez, pero no, solo puedo verla los martes y siempre a la misma hora, son las reglas que se establecieron debido a los virus y plagas que arrastraron con los viejos, Dicen que todos los problemas serios empezaron por ahí por el dos mil veinte con una serie de plagas que yo no viví pero que me contó mi madre que las vivió; yo nací en el dos mil treinta cinco siete. Los problemas económicos y sociales en los que yo me crié son los que conozco, la desaparición de los Estados en el sentido democrático de los que mi madre hasta hace poco hablaba, fueron cayendo debido a la corrupción y las guerras de desinformación.

Hace un tiempo descubrí que en la ruta hacia donde mi madre, desde mi aeromovil, hay interferencia y no captan mi control, entonces, uno que todos cargamos. Cada vez que voy, por treinta minutos, tengo la suerte de poder dejarme ir en mis pensamientos, me cuido de que sean veinticinco para que no hayan errores, estaría en graves problemas si descubren que dno declaré esto como desperfecto.

Hace treinta y ocho años, cuando yo tenía dieciocho y me invitaron al programa, era un privilegio, y también la posibilidad de salir de la miseria. Mi madre no quería que aceptara ser parte de ningún experimento,, yo esgrimi los mejores argumentos y ni aún así no logré convencerla, pero tuvo que aguantarse y reconocer que fue un alivio económico importante y un cambio de status.

El procedimiento no fue largo y nada me molestó, los beneficios hicieron que me olvidara del asunto por veinte años, pero desde entonces, pienso seguido en ello y cada vez más, lo que también me produce miedo, cuestionarse un poco sobre la sociedad y los programas es permitido, pero no más de lo necesario pues se vuelve peligroso,

Pienso en cuanto me gustaría encontrarla, he pasado parte de mi vida pensándolo aún sabiendo que es casi imposible. Saber como piensa, lo que hace, lo que le gusta, y hasta si vive todavía. Cuando me vienen esos pensamientos, trato de evadirlos, negarlos, de aferrarme a la esperanza de que esté viva y encontrarla. El domingo

estamos libres de control, seguido en el tiempo en que tengo para revisar catálogos para encuentros de pareja o para juegos en línea, , paso el tiempo pensando en ubicarla, en como conseguir información, lo que es totalmente imposible., alguna vez seguí a alguien que podría parecerse, pero al hablarles, me miraron como si estuviera mal de la cabeza, yo misma me sentía mal porque no tenían nada que ver conmigo.

Lo que detonó esto como verdadero problema, fue que en ese tiempo tuve un pretendiente de forma espontánea, lo que era era muy raro ya entonces, porque normalmente se consiguen en línea; estaba feliz y creo que él también. Fue mi madre la que me sugirió abrir mi alma con él si sería mi pareja, a mi me pareció que todo lo que tenía para contarle era lo del programa y lo hice, de todas maneras, ya estaban colectivizando el chip y me pareció que debía hacerlo. Eso no solo lo alejó completamente, sino que me trajo otros problemas, pues desde entonces, me pusieron en un programa de terapia de interacción le llaman, haces parte de un grupo de personas que fueron parte de alguno de los programas, en realidad es para que hablemos entre nosotros, si tienes la suerte de formar pareja, puedes dejar la terapia.

Pero es extraño, todos pensamos que hay algunos pares espías entre nosotros, entonces no logramos lazos de amistad, menos aún otro tipo de relaciones, las seis parejas que se formaron en todos estos años, salieron de los grupos de terapia y no volvimos a verlos más.

Somos pocos en terapia, nos detectan por los controles, solo estamos obligados a ingresar los que hablamos del programa por algún error. Casi nadie quiere encontrarse con su par, para qué quisieran verlos, reconocerse o crear lazos, mejor si ya fueron utilizados en experimentos de cualquier tipo y ya desaparecieron. Solo hablan cuando el programa se los pide. Entre los de terapia, que somos pocos, casi nadie quiere tampoco tener algún clón y menos buscarlo, es peligroso, podrías ser tú al que hagan desaparecer. Cuando mencioné mi curiosidad por encontrarla, me tildaron de loca y nació en ellos la desconfianza; pero no me importa, simplemente no lo mencioné nunca más y sigo pensando que en cualquier momento nos encontraremos. A veces, por este vacío de mi alma, hasta tengo la impresión de que ya me desaparecieron y de que soy ella, que ya tomó mi lugar. La mano ya tan débil de mi madre buscando la mía, me tranquiliza.

Lo mismo que ayer

Gigia Talarico

Seguido te olvidas de las cosas, sobre todo las inmediatas, también me pides que te recuerde detalles de cómo vivimos los primeros cincuenta años de este siglo. Hoy, primero de enero del dos mil ochenta, cumpliendo ochenta años, decidí escribirlo, porque creo que pronto yo también olvidaré las cosas que fueron un ayer de hace treinta o cincuenta años. Así podremos repasar juntas los recuerdos.

El tiempo acelerado, la información efímera, las pantallas vendiendo esperanza, la ilusión de que lo actual traerá un mundo mejor, y de pronto, vivimos tiempos que ya no son los nuestros, en los que cualquier cosa que dices o haces, solo tiene el valor que el sistema le da, y a los setenta y cinco, ya te mandan a un asilo para ahorrar gastos en seres obsoletos como nos llaman a los viejos.. Son tiempos en que terminar de vivir rápido ya es parte del vivir acelerados, en sociedades

moldeadas por la desinformación, sin democracia, economía ni cultura propia, como desde hace tanto tiempo es la nuestra.

Retrocederé en el tiempo y lo escribiré por las dos desde el principio. Nací el año dos mil, los primeros minutos que empezó el milenio, fui hija única y tardía, por eso me llamaron Gracia, tu Mariana, siempre bromeabas con mi nombre. Viví mi infancia escuchando hablar del brillo que tendría mi vida por ser una de las primeras tres niñas nacidas en el país los primeros minutos del milenio, aunque la realidad no tuvo que ver con esos pronósticos, no me sentía muy bien en un mundo que parecía deshacerse, en una casa donde mis padres luchaban por llegar a fin de mes. Siempre sentí que tú, Mariana, eras lo mejor que la vida me había dado, apenas dos años mayor que yo, eras mi compañera de juegos, casi mi hermana mayor, me cuidabas y yo quería ser tan divertida como tú, por supuesto sin lograrlo. Primas y vecinas, vivíamos dificultades familiares similares, pero tu veías todo distinto y hacías parte de las mayorías que creyeron que llegaría un cambio social gracias al cual todos viviríamos mejor, incluso ahora, de vez en cuando te brillan los ojos cuando hablas de eso. Extrovertida, siempre estabas lista para resolver la vida de otros, pero tenías dificultades para lidiar con la tuya.

Era difícil entender cómo tú siendo tan libre, terminaste yéndote a vivir con Renato contra la voluntad de tu familia y contra tu propia naturaleza. Querías presentarme a sus amigos, que también eran

tuyos ahora, decías; tu relación parecía ser tu juguete nuevo y te veías feliz, era tu carácter, siempre te entregabas completamente a lo que hacías. Quisiste que los acompañara a una fiesta de año nuevo, serán tus diecinueve años, con fuegos artificiales, orquesta y caña libre, te presto un vestido – me insististe.

Me encontré bailando con Arturo, olía a buen perfume y entre bailes me ofrecía tragos diciendo cosas bonitas. No dejamos de vernos por las semanas que siguieron, al tercer mes quedé embarazada; Arturo desapareció llevándose sus experimentados veinticinco años y su labia de seductor. Yo tenía diecinueve y mucha rabia, pero sobre todo mucho miedo; me fui de mi casa y tú me acogiste, fue fácil, pero la situación con Renato era tensa, yo apenas lo conocía y pensaba que él estaba lleno de movimientos raros y silencios, repetía a diario que no quería que siguieras estudiando enfermería, no era necesario, decía, y mientras tú hablabas de cómo por fin se repartiría mejor la riqueza, él alardeaba de su posición como el diputado más joven del país.

Por suerte mi madre, aunque enojada, me recibió de vuelta, más bien mi padre, pero fue el nacimiento de mi hija Elisa y la pandemia del dos mil veinte que terminaron de quitarle el enojo a ella también. En ese largo tiempo de encierro, a insistencia tuya, me dediqué a hacer galletas, así empecé a ganar unos pesitos. Los panes, galletas y

también envases de papel y de cartón que algunas amigas de mi madre hacían conmigo terminaron siendo un negocio que a mi familia, nos salvó en el momento y el difícil tiempo que siguió después del confinamiento aún con todas las plagas y desastres que siguieron.

Elisa y la panadería llenaron mi vida y por varios años me sentí realizada. Nosotras seguimos llamándonos por teléfono por unos años más, luego pasando el tiempo, nos distanciaron nuestras realidades, Renato, que se había acostumbrado a un cierto poder desde la Cámara, fue eliminado del tablero del poder y encontró una respuesta a sus problemas económicos endurecidos por las crisis, en el tráfico de drogas - muchos lo hacían y cada vez más en el país, la cocaína salía por tierra y por agua hacia todas las fronteras y hacia otros continentes - nada de eso era secreto, pero nadie mencionaba el origen del dinero que se movía de forma cada vez más rara, pero también notoria, dejando una ilusión de bonanza y tranquilidad, muchas tiendas de moda y decoración de lujo extremo, de las que se cerraban unas y se abrían otras sin aparente razón, fastuosos centros comerciales que alcanzaban a vender sobre todo comida, mientras la indigencia crecía en las calles y en los canales de desagüe que estaban llenos de drogadictos tratando de sobrevivir en ellos. Por ese tiempo, contigo Mariana, nos veíamos algunas veces, la última fue en diciembre del año dos mil treinta cinco, hablamos de un amor esporádico que tuve, tú habías logrado terminar enfermería; fue la última vez que salimos, ahora si te ves feliz, me dijiste al despedirte.

Durante los años que siguieron, se fortificaron los guetos de producción de droga, haciendo la entrada a ellos imposible, se establecieron milicias de protección al pueblo, que en realidad protegían a los productores. Por otra parte, el mal manejo político hacía que el país no lograra recuperarse de las crisis, ni de las pandemias que se sucedían y aunque ya habían vacunas de todo tipo, aparecen aún hoy, otros virus que se renuevan y vuelven, con otras cepas, otros nombres, cada vez más fuertes y más dañinos, en distintas maneras y grupos sociales, hasta parece que siguieran apareciendo para que tengamos miedo. Sin embargo, así perdí a mi padre y tú a tu madre.

Corría el año cuarenta y dos y ya hacía tiempo que nadie dejaba salir solos a niños ni adolescentes, que podían ser raptados para comercio de órganos, servicios sexuales, recompensas, fue en esa situación que Elisa se hizo mujer – todo eso sigue pasando hoy, convertido en grandes redes de negocios, hasta los jóvenes caen y casi en todos los casos hay participación de mafias policiales, y gente de las esferas políticas que mueven los hilos.

Por entonces volviste al barrio, casi muerta, golpeada por Renato; fue cuando le confesaste tu amor por una mujer. Fue ella la que te trajo de la estación de policía, inteligente y encantadora, había pasado parte de su vida estudiando para ser forense, era honesta, feminista

y se llamaba Ángela. Ella fue el amor de tu vida y la que te impulsó a aceptarte. Se quedó contigo por muchos años, en la tuya y en la de todos nosotros. Renato pasaba seguido a hacer algún escándalo, el resto del tiempo se la pasaba en el mismo lugar que había usado siempre para sus borracheras y orgías, con mujeres y también con casi niñas, sangre joven pare el vampiro decías tú, que conocías el lugar y tenía pruebas de todos sus desmanes.

Las venidas de Renato buscándote duraron poco y sus paseos cambiaron de rumbo, la juventud y belleza de Elisa, que no pasaba desapercibida, eran su nuevo blanco. La miraba descaradamente, o pasaba por la panadería solo para insinuársele. Tu actitud firme y la ayuda de Ángela, que era capaz de poner a cualquiera en su lugar, lo mantuvieron un tiempo alejado.

Hacia el año dos mil cuarenta y cinco, cuando Elisa trabajaba conmigo en la pastelería, alguien la vio en el parqueo esperando el elevador que bajaría su aeromóvil personal, fue la última vez que se la vio ese día. Pero ella vivía con nosotros y a las cuatro horas sin respuesta a mensajes ni ubicación, nos dimos cuenta de su desaparición.

— Es Renato, lo ha hecho antes y nada ayudó, todos lo cubrirían por dinero. Iré a buscarla - dijiste y no quisiste compañía - se hasta como respira cuando está drogado, iré sola - Insististe. Recuerdo que un dolor sordo que no me dejaba razonar, moverme, ni tan siquiera hablar, pero Ángela te siguió.

Volvieron a las dos de la mañana con Elisa drogada y violada, tú misma te ocupaste de ella en la misma casa los días que siguieron, por algo soy enfermera dijiste.

Renato apareció muerto sobre la calle, lo habían tirado o se había tirado, desde el décimo piso, arreglo de cuentas, fue una de las hipótesis de la policía, una salida como tantas para la muerte de un narcotraficante.

Mi madre murió en la semana del suceso, su corazón no lo resistió. Elisa no fue nunca más la misma, yo tampoco, pero por ella aprendí a disimularlo, por ella y por ti Mariana, que tardaste seis años y todo tu dinero en abogados y psiquiatras, los contactos de la familia de Renato que te consideraban responsable por haberlo dejado, además, ex esposa y por lo tanto sujeto de investigación. Te lo hicieron largo, pero nunca pudieron probar nada, Ángela te acompañó en cada paso del proceso. Cuando todo acabó, nunca más tocamos el tema.

Ángela, que pasó tantos años defendiendo de la violencia a las mujeres, fue desaparecida silenciosamente hacen 15 años. Pese al control y las amenazas, por varios años trataste Mariana de esclarecer el caso sin lograrlo, ahora sin mucha esperanza, se ocupa Elisa.

Y aquí estamos nosotras, tantos años después, todo sigue igual – los sobresaltos políticos son silenciados con noticias falsas que desvían la

atención de ellos, a los pobres se les contenta con promesas y miserables dádivas a cambio de incondicionalidad, a los inconformes o revoltosos se los aísla o desaparece, los problemas ambientales producidos por la desertificación se disfrazan. Esto último se convirtió en nuestra causa por los últimos veinte años, campanas repicando en el desierto.

Ahora que Ángela ha muerto y que tú y yo estamos viejas, tenía que escribirlo por si me pasa como a ti y empiezo a olvidar las cosas. Y también porque solías decir que ni los secretos deben olvidarse.

Gigia Talarico es poeta y narradora. Nació en Santiago, Chile, estudió Arte (Francia), Literatura (Suecia) y Educación Universitaria (USA). Vivió varios años en Bolivia donde tiene publicados ocho libros de cuentos para niños y una novela juvenil; en esta categoría ganó el Premio Nacional de la Reforma Educativa, (1997), Publicó *La Sonrisa Cortada* (Novela) en 2010, todos estos con al menos seis ediciones. Es responsable de algunas antologías en este género y su obra se lee en escuelas, colegios y universidades. En 2012, publicó *El espíritu de la palabra* (Proa - Argentina) también colaboró con esa revista argentina durante 8 años.

Ha publicado cuatro poemarios, *Ángeles de fuego* (2001), *Púrpura* (PLURAL 2008), por los que logró algunas menciones (Italia y Argentina y Junín País), y *La manzana Dorada* (PLURAL 2013). Con este ganó el Primer Premio Municipal de Poesía 2013 y el Premio Único Nacional Dante Alighieri versión Poesía 2014. (Mejor libro de poesía publicado ese año en el país. En Febrero 2019 publicó *Grietas del tiempo*, es una coedición de Prosa, de Argentina y de Andesground, Chile. Tiene un poemario virtual, *Evocare*. Está presente en varias antologías de poesía en Bolivia, Argentina y Chile, también está presente en antologías de narrativa y algunas de microficción, Tiene un poemario a la espera de publicación. Recientemente, con colaboración de dos amigos, creó la página de poesía *Poetas del Mar Interior de América*. E-mail: gitaback@hotmail.com.

Diario de la pandemia

Homero Carvalho Oliva

El gobierno decretó cuarentena. Aislamiento preventivo para evitar contagiarse. Abastecerse de desinfectantes, jabón sólido y líquido, alcohol en gel, víveres, agua, vino, dulces, libros. Lavarse las manos es imprescindible, hacerlo al llegar de la calle, antes y después de preparar la comida, luego de ir al baño, si tocaste un pasamano, el celular o algún electrodoméstico. Lavarse. Lavarse. Lavarse, esa es la consigna, lavarse. Evitar salir, si tenemos que salir, debemos lavarnos las manos durante un minuto, desinfectar la ropa y lavarla con lavandina; dejar los zapatos en la puerta luego de rociarlos con Lysol. Aparecieron los primeros muertos en el país. Se extremaron medidas.

Solo se puede salir un día a la semana. Lavarse. Lavarse. Los muertos se multiplican por el mundo, en Guayaquil los tiran a la calle. En nuestras ciudades hasta filman la tragedia de los que están muriendo, “tenemos las imágenes”, Morir ya no es digno. Habría que lavar las pantallas de los televisores y remojar en salmuera la conciencia de los conductores de programas televisivos. Lavarse las manos; lavar la ropa, las verduras, las conservas, todos los recipientes, los muebles, el piso, lavar todo. Todo, no olvidarse de nada, puede ser peligroso. Solo puedo salir los lunes, compro jabón, desinfectantes y alimentos. Leer la etiqueta de los jabones y cerciorarse si tienen desinfectante. Lavarse las manos, lavar la ropa... no, mejor tirarla junto con los zapatos. Así evitamos meter el virus a nuestros hogares. Ya no sé en qué día estoy. 90 días, cien días... Usé mi último barbijo y mis últimos guantes. No puedo salir en la calle detienen a los que andan sin tapabocas. Ahora hago pedidos. Después de que traen los víveres y los jabones tiro la ropa a la basura, ya ni sé para que servían los zapatos. Lavarse las manos después de ir de un cuarto a otro porque por las ventanas se puede contrabandear el virus. Cerrar todo. Creo que de tanto lavar mis manos están muy delgadas, la piel se ha vuelto transparente, veo las falanges. Miro mis manos, toco mi cara, mis manos están frías. Mejor bañarse seguido, ya no tengo pelos en la cabeza, me los arranqué porque dicen que el virus puede anidar en los cabellos y también me depilé. No sé porque no aparece el chico de

ampulhet@

crônicas futuristas

los mandados, ya no viene ningún delivery, mejor que no vengan, viene de estar con otra gente, es peligroso, puede contagiarme. Esta noche volveré a lavar mis huesos, uno por uno, los enjuagaré con lavandina, los desinfectaré y los guardaré en un baúl con naftalina. Toda precaución es poca. Debo sobrevivir.

La última escena

Homero Carvalho Oliva

El bus se dirige a su destino transitando lentamente por calles y avenidas embotelladas de vehículos. A su paso por los barrios pobres los niños reconocen los colores del bus y los letreros en el frente y en los costados: “Teatro delayer”, pintados con una caligrafía como si hubieran sido escritas a pulso por una mano gigantesca, nos saludan agitando las manos; desde su interior los integrantes del grupo ambulante les devolvemos los saludos haciéndoles morisquetas y poniéndonos pelucas y narices de payaso que los menores festejan alegre y ruidosamente.

En el primer asiento, detrás del chofer, va Gerónimo Poquiviqui, director de la compañía teatral. Desde que salió el bus ha estado leyendo el periódico, la fecha del día le recuerda que ese día cumple sesenta años, cuarenta y cinco de los cuales los ha dedicado al teatro. Le festejamos sus cumpleaños esta mañana con un desayuno digno de un payaso: con torta y globos. Gerónimo fue primero ayudante en los escenarios y luego de graduarse de la Escuela de Teatro, fue actor

y director, hasta que sobrevino la peste que obligó a mantener la distancia social durante años y cerró definitivamente los espacios públicos, entre ellos los teatros de la ciudad; ahora dirige una banda de diez actores que se precia de ser el último grupo de teatro en una ciudad que ya no le interesa este tipo de actividades culturales.

Muchos de nosotros oscilamos entre los cuarenta y cincuenta años y una pareja de veinte años que todo el día se hacen arrumacos. Somos una especie en extinción en Santa Cruz de la Sierra que en el año 2050 se ha convertido en una ciudad caótica y peligrosa al extremo. Gerónimo es un hombre de teatro obsesionado por recuperar las tradiciones, porque cree que si lo hace la sociedad se verá a sí misma y dejará de mirarse solamente en la televisión, en los juegos electrónicos, en las redes sociales y en los hologramas. La verdad es que hacemos teatro primero para nosotros mismos, para que no muera en nosotros esa Santa Cruz que llevamos en el corazón y que de vez en cuando vuelve convertida en nostalgia y por eso representamos leyendas antiguas como la viudita, el carretón de la otra vida y la llorona, además de hacer de payasos en fiestas infantiles que es lo que nos permite tener un ingreso decoroso. Debemos conservar nuestra herencia, porque si la perdemos no habrá con que reemplazarla y entonces dejaremos de ser humanos.

Nos dirigimos al condominio Colinas del Urubó, una urbanización cerrada de gente millonaria a amenizar el cumpleaños de un niño de diez años. Vamos a actuar para el hijo de Santiago Arenales, empresario de la construcción, quien nos ha contratado a regañadientes, para salvarse de la ira de su esposa que espera distraer a los amigos de su heredero con payasos, cantantes, juegos y globos.

Después de una hora llegamos al portón, el chofer del bus frena ante cuatro guardias de seguridad que nos solicitan bajar de la movilidad. Lo hacen automáticamente, están acostumbrados a hacerlo, nos hacen formar en fila india y nos piden los documentos de identidad y con un detector de metales escanean nuestros cuerpos. Luego suben al bus y rebuscan entre nuestras cosas. Estamos resignados a esta revisión. No encuentran armas y nos dejan pasar, señalan la forma como llegar al domicilio de la familia que nos contrató y vuelven a colocarse frente a la entrada.

Llegamos a la casa, bajamos nuestras cosas, la madre del niño nos señala dónde cambiarnos de ropa, ya llegan los primeros niños. Salimos caracterizados y empezamos la función, repetimos escenas y chistes de memoria, las mujeres de nuestra compañía hacen jugar a los niños y niñas; en pleno circo aparecen unos hombres encapuchados y ordenan a los padres y a los pequeños, reunirse junto a la piscina, nos hacen la señal de que hagamos lo mismo y así lo hacemos. Ahora somos parte de los que observan el show. De pronto

escuchamos la voz de una mujer que nos dice que no esperemos que los guardias vengán a salvarnos porque están muertos, las alarmas cortadas y que hay varios de sus compañeros recorriendo las casas del condominio buscando un buen botín. “No se hagan los héroes y vivirán”.

Los padres y madres de familia van entregando sus billeteras, relojes, pulseras, anillos y collares de valor, como era una fiesta privada en una urbanización privada las mujeres lucen sus mejores joyas para opacar a las vecinas, los niños entregan sus teléfonos celulares; los asaltantes nos miran y nosotros mostramos que no tenemos nada que entregar, entonces van a nuestro bus, hurgan entre nuestros bolsos y roban lo poco que tenemos de valor.

Los gritos de una niña que se resiste a entregar un collar de perlas, afirmando que es regalo de su abuelita muerta, me hace mirar hacia ella; la niña corre intentando escapar y un encapuchado la alcanza, la trae alzada, la niña se resiste, lo pateo y lo araña, logra sacarle el pasamontaña, el hombre la tira al suelo y la pateo, luego apunta su arma y dispara. Todo en fracción de segundos, nos miramos, no somos valientes, esta gente nos interesa un comino, nos desprecian, solo somos diversión y listo; sin embargo, sabemos que nuestra suerte está echada, nos van a matar a todos para no dejar testigos. Gerónimo intenta negociar con ellos, la mujer se ríe y le responde que no se

puede confiar en unos payasos. Yo tengo un bate oculto en mis inmensos pantalones, lo uso para un sketch en el que finjo golpear a uno de mis compañeros; levanto la mano izquierda y pido hablar, todo el mundo está nervioso, los niños lloran a gritos, la madre de la niña asesinada está arrodillada abrazando a su hija muerta, todo está pasando como una alucinación, mientras pido piedad voy a hacia la mujer que parece ser la jefa. La pareja de jóvenes que están vestidos de arlequines adivina lo que voy a hacer porque ven mi mano dentro del gran bolsillo falso del pantalón y me piden que no lo haga, con la mirada me dicen: “Nos van a matar si lo haces” y yo con la mirada les respondo que lo harán de todas maneras. Cuando estoy cerca saco el bate de mi bolsillo de payaso e intento golpearle la cabeza a la cabecilla, caigo al suelo herido de bala y lo último que escucho es un estruendo de balas. Moriré como un héroe, pero nadie lo sabrá, me digo.

Homero Carvalho Oliva, Bolivia, 1957, escritor y poeta, ha obtenido varios premios de cuento, poesía y novela a nivel nacional e internacional. Su obra literaria ha sido publicada en otros países y traducida a varios idiomas; está incluido en más de treinta antologías de cuento y poesía. Libros de microficciones: *Cuento súbito*, *La última cena*, *Pequeños suicidios* y *Geografía de las memorias*.

Las tijeras de podar rosas

Márcia Batista Ramos

Hoy, estuve en el jardín podando las rosas y mi nieta Natalie, esa personita maravillosa y encantadora, que la vida me dio, que es la personificación de la inocencia y vivacidad, se acercó y preguntó:

- ¿Abuelita, cuando eras niña, todo era diferente? ¿Cómo era tu casa?

En un segundo mi mente me traslado al pasado, a mis tiernos 4 años, con la falda ajedrez escoces, zapatitos de charol y medicitas blancas.

En un tiempo en que no existían robots, ni aparatos inteligentes para delegar las tareas domésticas. Cuando no estábamos familiarizados con los televisores, los teléfonos móviles, los ordenadores y otros dispositivos inalámbricos que han aparecido en nuestras vidas. Pero, además, no existía la increíble cantidad de artefactos que disponemos ahora. Entonces, nos dábamos tiempo para cortar el césped, para limpiar la casa, amasar el pan...

Lógicamente, que no podíamos soñar que un día los robots cortadores de césped o las hidrolimpiadoras y muchos aparatos que funcionan de forma autónoma, que nos permiten desligarnos de tareas para las que no tenemos tiempo, existirían y los utilizaríamos con tanta naturalidad.

Además, no nos importaba mucho el medioambiente, como ahora que todos los sistemas son ecológicos y sostenibles evitando la contaminación ambiental.

Las estufas eléctricas o las estufas de pellets son un buen ejemplo de esto, ambas con sistemas de bajo consumo y un funcionamiento que evita la emanación de residuos tóxicos, no depredan la naturaleza y empiezan a calentar la casa solas, basta dejarlas programadas. Ya nadie se imagina el crepitar del fuego en la chimenea... Tampoco pueden imaginar el olor de la carne asada a carbón o el pollo cocido a la leña.

Ahora el jardín se moja solo, con un sistema subterráneo que mantiene la adecuada humedad de las plantas.

Miré firmemente a mi pequeña nieta, le acaricié el pelo sin saber por dónde empezar a comunicar las diferencias abismales, entre su mundo y el mío... Con la voz parsimoniosa le dije:

— Mí niña linda, yo nací y crecí en el mundo antiguo donde las comodidades que eran modernas, ahora son tan antiguas que hasta

son chistosas... No existían máquinas con inteligencia artificial en el cotidiano, las comodidades no eran accesibles a todos; aún no vivían entre nosotros los extraterrestres y el planeta aún era un caos. Existía todo tipo de miseria y la paz era un sueño, un ideal que parecía inalcanzable. Yo nunca pensé, que fuera vivir tanto y llegar a ser tan vieja como para ver tantos cambios.

Los cambios empezaron, precisamente, en el año 2021. En el primer minuto del primer día del año. Era de noche, en aquella época el planeta tenía otra inclinación, entonces, cuando la mitad del planeta estaba en el día, la otra mitad estaba en la noche. Cuando unos estaban en invierno, los otros estaban en verano. No era como ahora que el sol aparece y se oculta para todo el planeta al mismo tiempo. Además, había luna...

Pues, bien, las personas, estaban en la calle saludando el nuevo año, de manera primitiva, con fuegos de artificio y haciendo exageraciones como beber sin medida. Entonces, aparecieron miles de miles de naves espaciales y derramaron una especie de llovizna, que cayó sobre todos los seres vivos del planeta Tierra e inmediatamente, los perros y gatos empezaron a hablar, las personas se olvidaron del mal y todos empezaron a trabajar en sintonía, adaptándose instantáneamente, a la nueva vida. A cada ser humano, fue asignado

un extraterrestre que le ayudaba a comprender el nuevo orden y a adaptarse a las nuevas tecnologías.

Así, que desaparecieron las lavadoras de ropa, porque ahora tenemos estas vestes auto limpiantes, que podemos cambiar su forma y color, solamente con nuestro pensamiento cuando tocamos su etiqueta.

Ya nos alimentamos de otras cosas, como el maná que bebes en tu taza de cristal cada día. Y no faenamos animales y estamos en armonía con la naturaleza.

La casa era diferente, porque necesitábamos más cosas para poder vivir con cierta comodidad. Te explicaré una a una, pero otro día. Hoy te diré, que todo ha cambiado y el amor impera en el planeta y nadie de las nuevas generaciones, conoce lo contrario. Pero lo que sigue igual y no entiendo por qué, son las tijeras de podar las rosas.

Regresando al pasado

Márcia Batista Ramos

Me detuve al medio del puente y me quedé observando el Sena, recordé que cuando era niño, vi en una revista antigua, de cuando mi abuelo era todavía un niño, el mismo Sena, no podía creer cómo las autoridades de ese entonces pudiesen tener en aquél estado calamitoso al bello y majestuoso río, proveedor de abundante comida para cualquier persona que precisase.

Pensativo en el tema, me dirigí a la biblioteca de la zona; como siempre el señor octogenario que atendía, muy simpático, me recibió con una amplia sonrisa; siempre fui un amante de la historia. Solicité un libro sobre la época que vi en la revista. Me dirigí a un cómodo ambiente cerrado, coloqué el libro en una repisa fotovoltaica y ordené a la máquina que me transportara a ese periodo de la revista que vi cuando era niño.

Vi con absoluta claridad, como si estuviera sobre el puente, cómo corría el agua, sucia, con basura; por las orillas, paseando como en un boulevard, un centenar de ratas gigantes, me quedé como petrificado

sin poder creer lo que veía, tan deprimente y escandalosa escena, algo llamó, poderosamente, mi atención y pregunté a la máquina, que eran esas cosas como hilos que se veían por las calles, la máquina respondió:

— Era el sistema que utilizaban para transportar la energía eléctrica y esos hilos que ves eran cables de cobre y de acero.

Con más curiosidad que sorpresa pregunte: ¿cómo generaban la energía eléctrica?

— Con hidroeléctricas, eran enormes turbinas movidas por el agua, muchas veces construidas directamente en los ríos y otras, construían enormes represas, alagando inmensas extensiones de tierra con vegetación y animales, sin respetar las leyes naturales y el medio ambiente.

— ¿Dónde acumulaban la energía?

— No acumulaban, las turbinas producían la energía eléctrica con la fuerza de la caída del agua y era transportada directamente a los domicilios, fábricas, oficinas, a los parques, etc. En esa época no sabían que nuestro planeta, como muchos otros, está cubierto de energía eléctrica y que con los aparatos que todos tenemos en casa, podemos captar y acumular esa energía, al final, todos nuestros aparatos e incluso nuestros vehículos aéreos, terrestres y marítimos requieren de poca energía eléctrica para funcionar, ellos precisaban 110 y 220 voltios.

— ¿Qué?

— No te espantes, es una barbaridad, pero así eran las cosas, además la mayor parte de sus medios de transporte, aéreo, terrestre y marítimo funcionaban con carburantes fósiles, ellos llamaban petróleo, era un líquido negro, espeso, extraído de grandes profundidades de la tierra y del mar, éste líquido era procesado y recién obtenían el combustible para hacer funcionar sus vehículos, incluso, una parte de su industria utilizaba éste tipo de combustible y la otra parte de la industria utilizaba energía nuclear.

— ¿Qué? No puedo creer ¿Y cómo vivían? ¿No existían universidades, centros de investigación, las autoridades no hacían nada?

— Era una vida muy intrincada, no existía orden, las universidades y los centros de investigación trabajaban para el mejor postor. Las autoridades eran elegidas de formas muy complicadas, no era como ahora, que las máquinas eligen a los mejores profesionales para gobernarnos, además ahora todos sabemos qué es lo que tenemos que hacer y no precisamos que nos digan, manden u obliguen.

— ¿Precisaban de industrias para producir cosas?

— Sí, no tenían otra posibilidad.

— ¿Y ellos no podían ver qué iba a pasar en el futuro, como nosotros?

— No existían estos libros que tenemos, que pueden ver lo que pasó hace miles de años o lo que sucederá en el futuro.

— Esos vehículos antiguos que están atravesando el puente, solo vi en los museos, parecen que se mueven muy lentamente ¿o tu programa está en cámara lenta?

— Me causas gracia, mi programa no está en cámara lenta, en esa época la velocidad máxima permitida en algunos lugares, en las calles de las ciudades era de 60 kilómetros por hora y en algunas autopistas hasta 200 kilómetros por hora, en cambio nuestros vehículos pueden alcanzar fácilmente la velocidad de la luz.

— No veo vehículos por el aire. ¿Porque?

— Sus vehículos aéreos se llamaban aviones y solo iban de una ciudad a otra, de un país a otro y de un continente a otro, en éste último caso eran aparatos de algo más de 200 personas, además eran demasiado lentos.

— No puedo creer, definitivamente no quiero ir a ésa época, prefiero quedarme aquí toda la vida.

Márcia Batista Ramos nació en Brasil. Licenciada en Filosofía. Es gestora cultural, escritora, poeta y crítica literaria. Es columnista en la Revista Inmediaciones, La Paz, Bolivia y en periodismo binacional Exilio, México. Publicó: *Mi Ángel y Yo*; *La Muñeca Dolly*; *Consideraciones sobre la vida y los cuernos*; *Petty Barrón De Flores: La Mujer Chuquisaqueña Progresista Del Siglo XX*; *Tengo Prisa Por Vivir*; *Escala de Grises - Primer Movimiento*; *Rostros del Maltrato en Nuestra Sociedad*; *Dueto*; *Escritoras Cruceñas, Caballero, Reck & Batista*; *Escritoras Contemporáneas Bolivianas, Caballero, Decker & Batista*; *Caspa de Ángel - antología de cuentos, crónicas y testimonios del narcotráfico*, Batista-Ramos & Carvalho Oliva. Es colaboradora en diversas revistas internacionales. E-mail: mar_bara@yahoo.es.

ampulhet@

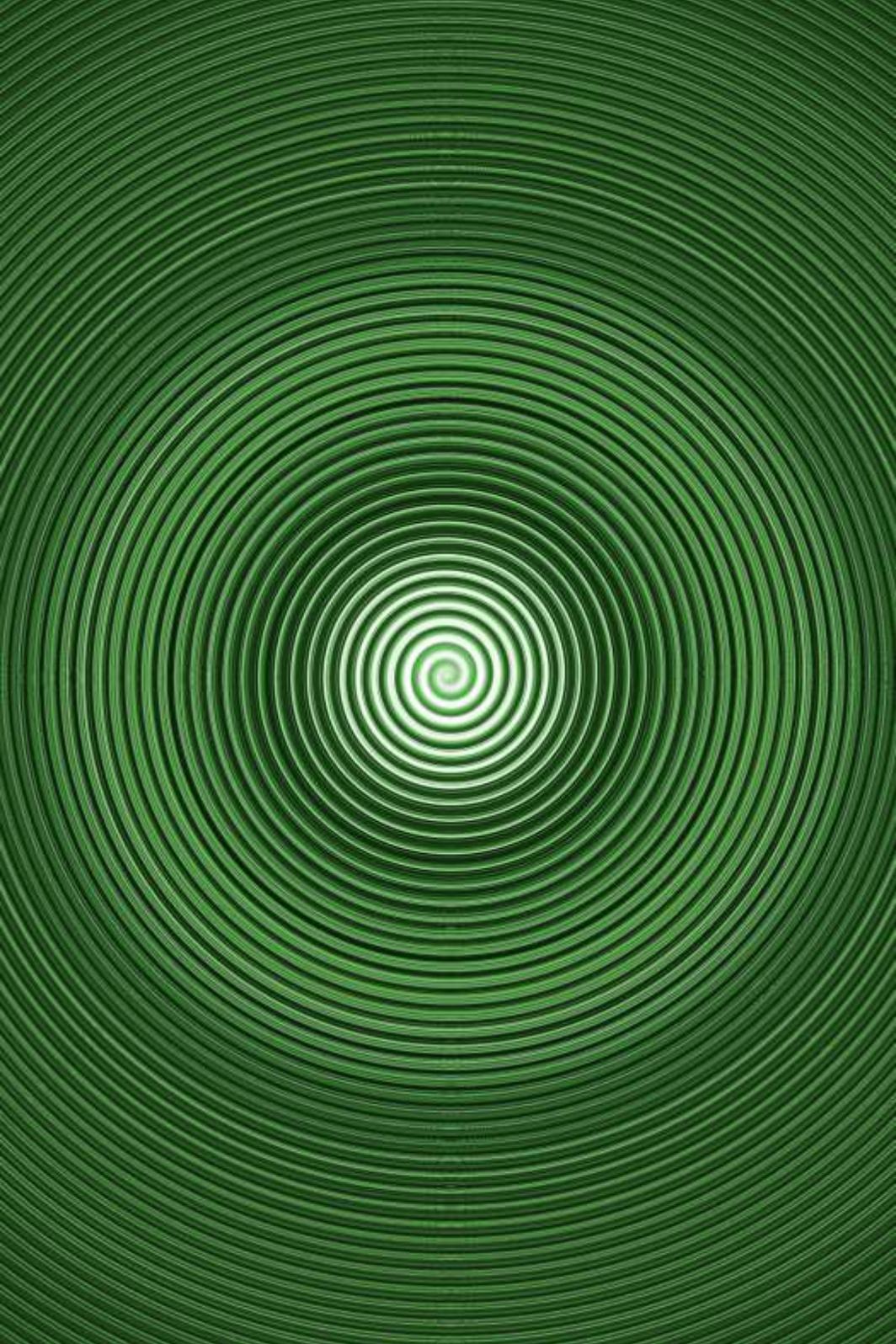
crônicas futuristas

CABO VERDE

Vera Duarte

Uma viagem tormentosa

A lua paradisíaca



Uma viagem tormentosa

Vera Duarte

Nasci no tempo das mangas. Ou seria das maçãs? Este hibridismo projetou-se profundamente no meu ser e acabei por não saber se sou flor ou fruta, África ou Europa, preta ou branca, sol ou lua, emoção ou razão...

Num dia enublado de outubro, levantei-me particularmente perplexa e angustiada e decidi fazer uma viagem ao passado para ver se conseguia desfazer o nó górdio que me martirizava.

Dirigi-me à Estação Rosa e peguei o túnel Azul Anil.

Em pouco tempo encontrava-me às margens do Nilo, na região da Núbia, e integrava uma tribo nómada, que partia rumo ao continente europeu. Já tinha lido no brilhante historiador senegalês Cheikh Anta Diop que esta primeira leva de africanos a diasporizar-se pelo mundo deixara o continente há mais de cem mil anos...

Era demais.

Regressei ao túnel do tempo e avancei um pouco mais.

Dei comigo num navio negreiro, junto a inúmeros africanos acorrentados, atravessando o Atlântico. Lembrei-me então de ter lido um poema tristíssimo do grande poeta brasileiro Castro Alves, intitulado *Navio Negreiro* que denunciava os horrores da escravidão e que esse trânsito vinha desde o século quinze.

Também era demais.

Regressei ao túnel e avancei um pouco mais.

Aí encontrei um mundo de iniquidades onde pontuavam corruptos, racistas, fundamentalistas e ditadores. Todos usavam máscaras no rosto. Logo veio-me à memória a famosa pandemia da covid 19 que assolou o mundo, no ano de 2020 e tinha dizimado parte da humanidade.

Entre dentes no túnel Verde Esperança e avancei para o futuro.

Maravilhada cheguei a Shangri Lá, a Canaã, ao Jardim do Éden. Encontrei gente simples, de todas as cores, de variadas posses e crenças as mais diversas, mas vivendo em harmonia e fraternidade e pertencendo todos a uma só raça: a raça humana.

Estava tudo explicado. Não havia “ou”. Havia apenas “e”. Eu era tudo e era uma, pois éramos todos diferentes e todos iguais. Tudo junto e miscigenado.

Atônita perguntei a um transeunte qualquer como tinham chegado a tal estádio de harmonização na sociedade e ele respondeu-me, algo espantado:

— Então não sabe que desde que inventaram a *máquina da verdade* que todos os candidatos a qualquer posto são obrigatoriamente a ela submetidos e todos os que forem reconhecidos como vendilhões do templo, corruptos, racistas, fundamentalistas, ditadores, são automaticamente excluídos? Assim qualquer órgão de governação e qualquer lugar de decisão em todo planeta só pode ser integrado por homens e mulheres íntegros compassivos e dialogantes, que pensam e trabalham em prol do bem comum e não para o seu interesse pessoal ou dos seus familiares e amigos.

— E como funciona essa *máquina da verdade*?

— É simples, quando alguém se candidata ou é indicado para algum cargo de governação ou direção, antes de se submeter à eleição ou aceitar a indicação é sujeito a um exame na *máquina da verdade*, onde se infere do seu caráter e da verdadeira nobreza de suas intenções. Se der positivo, sinal verde, segue adiante. Se der negativo, sinal vermelho, fica inibido. Isto tem permitido o mundo libertar-se da horda de criminosos de colarinho branco que há séculos vinha conspurcando a convivência humana.

Fascinada e embevecida, quis ficar nesse futuro que era o meu. Mas era impossível. Eu tinha de regressar ao meu tempo real impreterivelmente, em vinte e quatro horas, senão desintegraria. Essa fora a medida de que os cientistas que tinham inventado a *máquina da verdade* fizeram acompanhar a sua invenção, para evitar que o mundo se embarlhasse. Assim, qualquer cidadão de qualquer país de reconhecida probidade tinha possibilidade de, durante a sua vida, fazer uma viagem através do túnel do tempo. Mas esta só poderia durar vinte e quatro horas pois ultrapassado tal período, ocorreria a desintegração do seu corpo físico. Era assim imperioso o meu regresso.

Voltei aos anos cinquenta, do século vinte e um, completamente apaziguada comigo mesma. E fui reler, sofregamente, o fantástico romance *A tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, o mais renomado escritor brasileiro para confirmar a premonição, que anos antes nele encontrara de uma sociedade justa e mestiça.

A lua paradisíaca

Vera Duarte

Desde que em 2050 as viagens para a lua se tornaram mensais tem sido um rodopio de sugestões sobre como aquele satélite pode ser utilizado pelo planeta terra.

Na última sessão das Nações Unidas foi aprovada, por unanimidade, uma Convenção Extraordinária e verdadeiramente mirabolante sobre o destino imediato a dar a esse astro que tanto nos tem feito sonhar. A Convenção obriga, nada mais, nada menos, os Estados-parte a enviarem os seus criminosos condenados a penas de prisão superiores a vinte e cinco anos, a cumprirem a condenação na lua.

Curiosas foram as discussões sobre que crimes poderiam dar origem a pena de prisão passível de ser cumprida na lua. Entre as mais insólitas conta-se a de um grupo de ativistas que exigiam que os condenados por violência baseada no género, VBG, fossem mandados

para aquele astro. Mas a constatação da inacreditável frequência da ocorrência deste crime, retirou toda a probabilidade de ele ser elegível, pois não haveria a menor condição de se fazer tantas viagens espaciais.

A tipologia dos crimes que poderiam levar ao cumprimento da pena na lua foi, finalmente e taxativamente fixada: o genocídio, o homicídio com crueldade, a corrupção e crimes que envolvam a pedofilia.

Foi assim que entre a incredibilidade e o assombro fui assistir à histórica primeira partida de condenados para irem cumprir pena na lua.

Era um pelotão curioso, pois havia de tudo: brancos, pretos, amarelos e vermelhos, velhos e novos, eruditos e quase analfabetos e, curiosamente, três mulheres. Todos tinham sido treinados durante alguns meses, em condições especiais e, talvez por isso, tinham todos um ar indecifrável, um olhar parado e indefinido, de aparente cegueira, talvez por estarem a pressentir o peso do enigma que iriam enfrentar...

Alea jacta est!

Ou seja a terra estava a limpar-se dos seus criminosos mais cruéis e desumanos, enviando-os para a lua.

Muitas perguntas me assolaram o espírito nesse momento:

- Como irão sobreviver na atmosfera lunar?
- Irão trabalhar?
- Irão conviver entre si?
- Quando terminarem o período de cumprimento das penas terá algum sobrevivido?

Mas a questão mais instigante para mim, eterna romântica, é:

— Como reagirão os amantes e sonhadores, quando à noite, ao luar, nos seus espíritos inebriados de paixão surgir, inopinadamente, a imagem daquele astro majestoso, finalmente habitado... mas por criminosos?

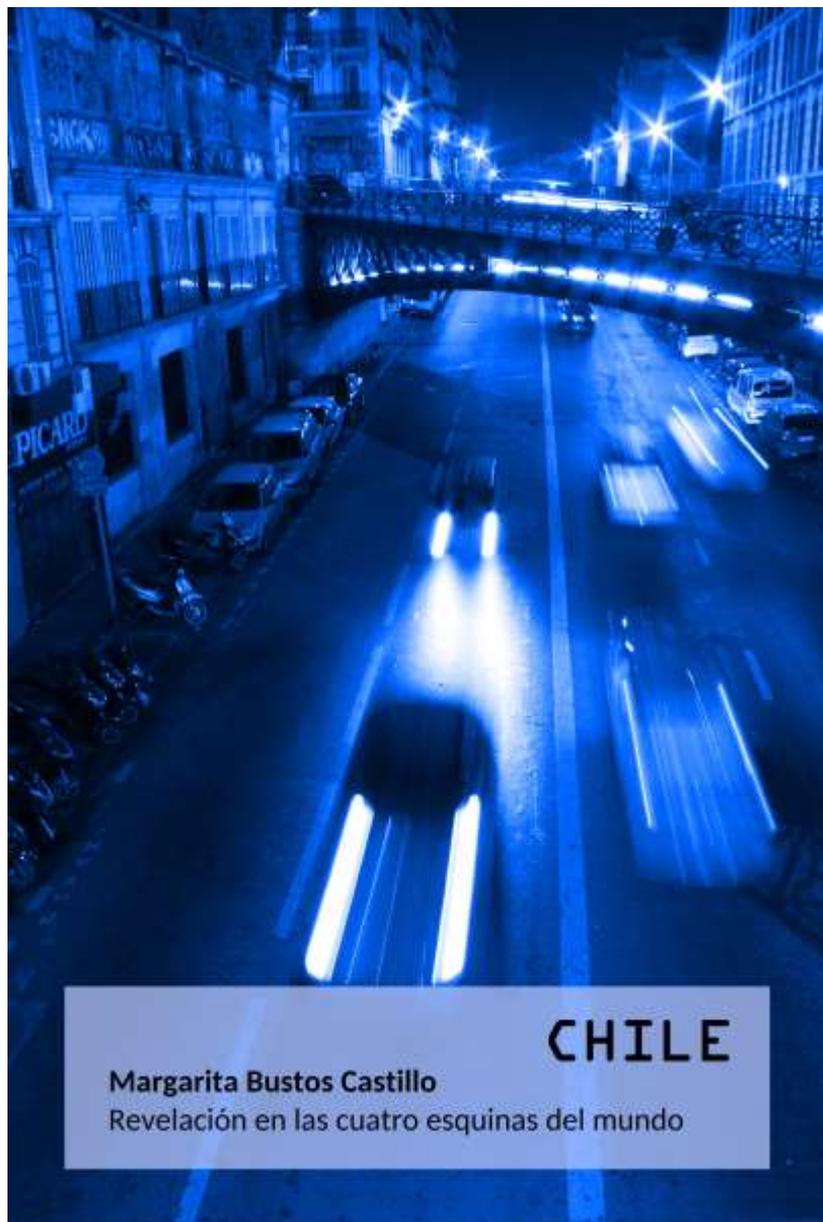
Não tenho as respostas. Elas levarão algum longo tempo a serem conhecidas...

De todo o modo e falando por mim, quando à noite me deitar na areia molhada de uma qualquer praia deserta e me quedar na contemplação da lua soberana, pensarei que, para além de tudo o que ela nos oferece, também está a permitir que a terra se torne num lugar um pouco menos perigoso para se viver...

Natural da Ilha de São Vicente, **Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina** é Juíza Desembargadora, licenciada em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa em 1978. Desempenhou, entre outros, os cargos de Ministra de Educação e Ensino Superior, Presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania, Conselheira do Presidente da República e Juíza conselheira do Supremo Tribunal de Justiça. Ao longo da sua carreira, integrou organizações nacionais e internacionais ligadas ao direito, à mulher, a cultura e aos direitos humanos, nomeadamente Associação Cabo-Verdiana de Mulheres Juristas, Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, Comissão Internacional de Juristas e Centro Norte-sul do Conselho da Europa. Foi galardoada com a medalha de mérito cultural no 30º Aniversário da independência (2005), o prémio Norte-sul dos Direitos Humanos (1995) e condecorada pelo Presidente da República com a Medalha da Ordem do Vulcão no 35º aniversário da Independência. Estreou-se na publicação com a obra poética *Amanhã Amadrigada* (1993), a que se seguiram *O Arquipélago da Paixão* (poesia, 2001, “prix Tchicaya U Tam’ si de poésie africaine”.); *A Candidata* (ficção, 2004, prémio Sonangol de Literatura); *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* (poesia, 2005); *Construindo a Utopia* (2007); *Ejercicios poéticos* (2010); *A Palavra e os Dias* (crónicas, 2013); *A matriarca – uma estória de mestiçagem* (romance, 2017); *De Risos & Lágrimas* (2018); *A reinvenção do mar* (2018); *Guia Cabo Verde Um Roteiro Sentimental* (2019); *Naranjas en el mar*, 2020 e *Contos Crepusculares – metamorfoses*, 2020. É membro da Academia Cabo-Verdiana de Letras (ACL), da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Gloriense de Letras (AGL, Sergipe). Foi galardoada com o Prémio Femina 2020 para mulheres notáveis. E-mail: veraduartepina@gmail.com.

ampulhet@

crônicas futuristas



CHILE

Margarita Bustos Castillo

Revelación en las cuatro esquinas del mundo



Revelación en las cuatro esquinas del mundo

Margarita Bustos Castillo

Vi cuatro ángeles en las cuatro esquinas de la tierra, sus ojos hablaron antes que sus voces tocaran nuestra atención, pensé por un instante que estaba soñando; sin embargo, la pantalla del televisor reproducía imágenes similares en cada continente de Pangea. Lo que observé por la ventana contenía la respuesta. Los titulares¹ señalaban que nos encontrábamos ante una de las revelaciones descritas por las culturas mesoamericanas, y que, en la Amazonía, luego de la deforestación de hace 10 años se encontraron unas cuevas donde petroglifos representaron un hecho similar.

El primero de ellos expresó que el 21 de junio de 2036 debíamos olvidar esta tierra en llamas, porque ahora comenzaría el ciclo del agua, aumentaría el flujo de los ríos, reaparecerían los lagos, glaciares y otras reservas de agua dulce del planeta. Efectivamente al día siguiente de este 21, cada vez que alguien lloraba, en el mundo

aumentaba el cauce de elementos fluviales. El diario “El País”² consignó en su portada del 23 de junio que dos glaciares en el hemisferio Sur triplicaron su tamaño y que las lluvias sobre la Amazonía causaron una reforestación en la zona de Rondonia³ (Brasil)

El segundo ángel que se situó al Este – cerca del pueblo de Lhasa – refirió que el 22 de noviembre de 2036 la hambruna cesaría en sólo 9 días. Mientras invocamos los cuerpos ausentes, a sus huesos en el fondo del (a)mar y escribimos sus nombres nuevamente en las calles, comenzó el truque de comida por servicios, de comida por objetos hechos a mano y viceversa. En nueve días exactamente nos olvidamos del dinero, y se recicló como papel para envolver, los rostros de presidentes asesinos ya no circularon más entre nuestras manos, y quienes acapararon por generaciones comenzaron a intercambiar lo que necesitaban, sólo lo que requerían sus cuerpos.

Enraizándose con suavidad a nuestros pies los pedacitos extraviados alguna vez, ahora de regreso. La etóloga y activista por la paz, Jane Goodall⁴ explicó que detrás de los ojos, la luz parpadea y tardíos aúllan a la muerte, porque ahora todo es vida. El tercer alado que apareció en los confines del norte, declaró a los cuatro vientos que las fisuras le permiten mejor vuelo y que al amanecer del 8 de diciembre de 2036 caerán para siempre los velos del colonialismo, el racismo y el patriarcado no podrán pronunciarse en ningún idioma sobre la tierra y menos practicarse porque sus marcas se borrarán de todo

signo, memoria, y formas de representación. Recuerdo el caos de los meses previos, las resistencias, lingüistas como T. Van Dijk⁵ explicaba lo inviable del anuncio celeste, “entre el eje sintagmático y el paradigmático por siglos, en incluso milenios hemos estructurado un pensamiento y un accionar heteronormativo, androcéntrico, blanco (...)” La epistemóloga Diana Maffía junto a Patricia Violi declararon a diferentes medios de comunicación, así como en webinarios cómo mantener este obsequio del Cosmos, y que el 09 y las jornadas venideras continuaríamos desde el asombro que luego se transformó en cotidianeidad, y en estas nuevas formas de habitar(nos) encontramos territorios sin violencia, formas relacionantes amorosas e inclusivas.

En el Hemisferio Sur observamos persistentemente al cuarto ángel, queríamos saber de la cura, y el doctor: Enrique Paris⁶, informó a la Universidad de Buenos Aires que el virus había sobrevivido siglos, que pese a los esfuerzos, aún no se materializaría el medicamento. El cuarto Ángel en lugar de hablar, miró fijamente durante horas el camino de unos caracoles y lo que nos cuentan con su casa sobre la espalda. No dijo nada. Al día siguiente cientos y miles de nosotros imitamos los gestos y la observación de caracoles en jardines, sobre una hoja de lechuga, entre otros, buscando la epifanía. En ello estuve varias semanas, hasta que una tarde me percaté que el virus del capitalismo había desaparecido para siempre.

Notas

1 Daily Mail Cuatro extraños seres en diferentes puntos cardinales de la Tierra, 21 de junio de 2036 Londres. The New York Times Angels or demons collective allusion? 21 de junio de 2036 Nueva York. Diário Da Região Quatro anjos: fim do mundo ou contágio? 21 de junio de 2036 Sao Paulo

2 El País *Los glaciares vuelven a esperar la vida* 23 de junio de 2036 Madrid

3 Reforestación natural en la zona de Rondonia, en un día crece la Amazonía un 20 %

4 Jane Goodall *Vida y cambio en Pangea* (2036)

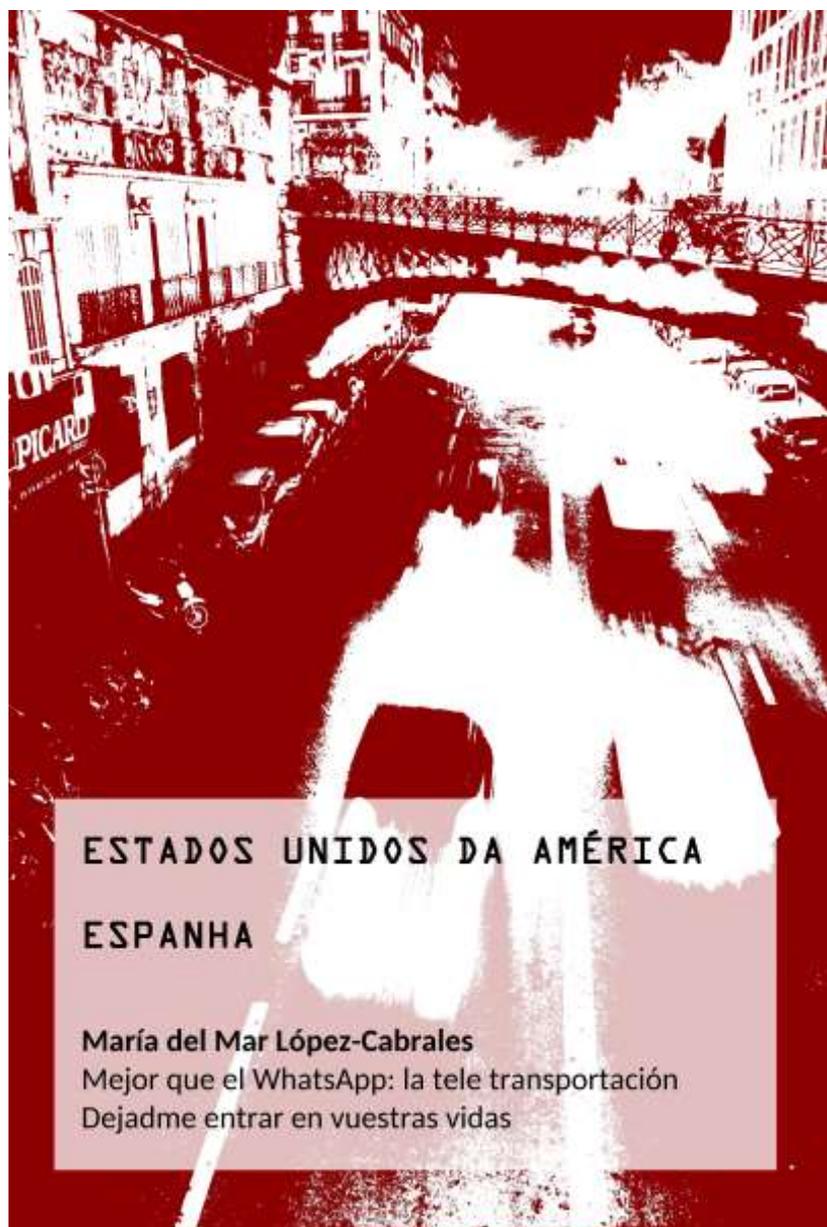
5 Van Dijk *Racismo y discurso de las élites*. Barcelona: Gedisa 2036

6 Seminario Sudamericano de Salud ante la Pandemia.

Margarita Bustos Castillo (Chile) es poeta, profesora de Castellano y Comunicación de la Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, egresada del Magíster en Estudios de Género y Cultura de la Universidad de Chile. Ha participado en Encuentros literarios nacionales e internacionales en Perú, Argentina, Uruguay y Colombia. Es gestora cultural, organizadora del encuentro Poético Musical: Colusión Poética y La Ciudad de las mujeres. Durante los últimos 9 años ha llevado a cabo ciclos literarios y presentaciones de libros en la SECH, Espacio Estravagario, Bibliotecas Públicas, Museos. Codirectora del Ciclo de Literatura de mujeres: "Versadas". Actualmente es parte del Equipo de la Revista Mal de Ojo. Traducida parcialmente al Rumano y al portugués. Integra diversas Antologías Latinoamericanas. Libros publicados: *Maldigo el paraíso de tu abandono* (Editorial Puerto Alegre, Valparaíso 2011); *Eros en la Lengua* (Punto de Luz ediciones, Rancagua, 2015) *Existencial (es)* (Marciano Ediciones, Santiago, 2017).

ampulhet@

crônicas futuristas



ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

ESPAÑA

María del Mar López-Cabrales

Mejor que el WhatsApp: la tele transportación

Dejadme entrar en vuestras vidas



Mejor que el WhatsApp: la tele transportación

María del Mar López-Cabrales

Si tuviera la oportunidad de ser libre por completo, utilizaría los poderes de la tele transportación. Me levantaría un sábado, después de una semana dura de trabajo intenso en mi universidad en Colorado, entraría en mi cápsula espaciotemporal de color azul y escaparía, aunque fuera solo por un día, por unas horas, para ir a tomarme un café con mi padre y mi madre al cálido sur. Nos veríamos, nos abrazaríamos y volvería a sentir el olor de mi infancia y adolescencia, del lugar donde viví los momentos más significativos e impactantes de mi vida. Cuando me encontraba allí, pensaba que las cuatro paredes de mi habitación eran una especie de cárcel donde me sentía presa bajo reglas absurdas que no quería cumplir: tienes que llegar a casa a esta hora, no se te ocurra ponerte esa ropa al salir, tienes que limpiar los cuartos de baño cuando vuelvas de la escuela,

niña pon la mesa, niña prepárale a tu hermano una tortilla que se va a estudiar a casa de Miranda, niña, hazle la cena a tu hermano porque hoy llego tarde de la archicofradía y un largo etcétera. Todas estas reglas me parecían tediosas porque formaban una especie de telaraña que me rodeaba y de la que quería huir tan pronto como la vida me diera la oportunidad.

En ese momento, quería escapar y ahora quisiera volver, pasear por la playa, sentir el sonido de las olas y la brisa del mar mientras pienso, me siento libre por completo, mientras a esa casa, a ese salón, a ese hogar que siempre estuvo esperándome, a ese padre y a esa madre que siempre respondían a mis llamadas de teléfono, escuchaban mis historias, me aconsejaban tener paciencia, siempre... Me tomaría ese cafecito con ellos, saboreando algunos de los pasteles de La Gloria, les volvería a abrazar y, con lágrimas en los ojos, como siempre sucede al partir, volvería a mi rutina de trabajo en ese país del norte en donde lo único que se puede hacer es eso: trabajar o chambear, como dicen algunas amigas de aquí.

Dejadme entrar en vuestras vidas

María del Mar López-Cabrales

Este es el reclamo de un poema que mi tía paterna María Jesús, nieta de cubanos, escribió cuando sintió que perdía la audición y que no podía escuchar muchas de las conversaciones que sus cuatro hijas tenían entre ellas y con su marido. A veces quisiera entrar en las vidas de mis hijos, poder observarlos desde dentro para ver qué piensan de la vida en general y de su madre y de su padre en concreto. Ojalá hubiera un canalito que te dejara entrar en sus vidas y que, sin juzgarlos ni preocuparte por ellos, nos dejara observarlos y conocerlos más. El tiempo pasa demasiado rápido. A medida que crecen, los hijos a veces se nos parecen, pero otras los sentimos tan ajenos y extraños, que quisiéramos no perder ese hilo que nos ha unido hasta ahora, ese acento que nos reconoce como familia, esas expresiones y pareceres que se nos muestran tan nuestros.

Dejadme entrar en vuestras vidas, aunque sea solo un poquito. Dejadme entrar no ya como madre, sino como acompañante, como alguien que siempre, hasta el final, va a estar ahí para vosotros. No cortemos por completo el hilo.

María del Mar López-Cabrales nació en Cádiz, España. Es Ph.D. en Español por la University of Pittsburgh. Profesora de Español y Literaturas Latinoamericana y Española, en el Department of Languages, Literatures and Cultures, de la Colorado State University en Fort Collins. Es Editora de la revista académica *Confluencia* y miembro del Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudios Épicos (GT 4), de la Universidade Federal de Sergipe. Es especialista en literatura caribeña, con énfasis en los estudios feministas, con libros publicados de crítica literaria.

ampulhet@

crônicas futuristas

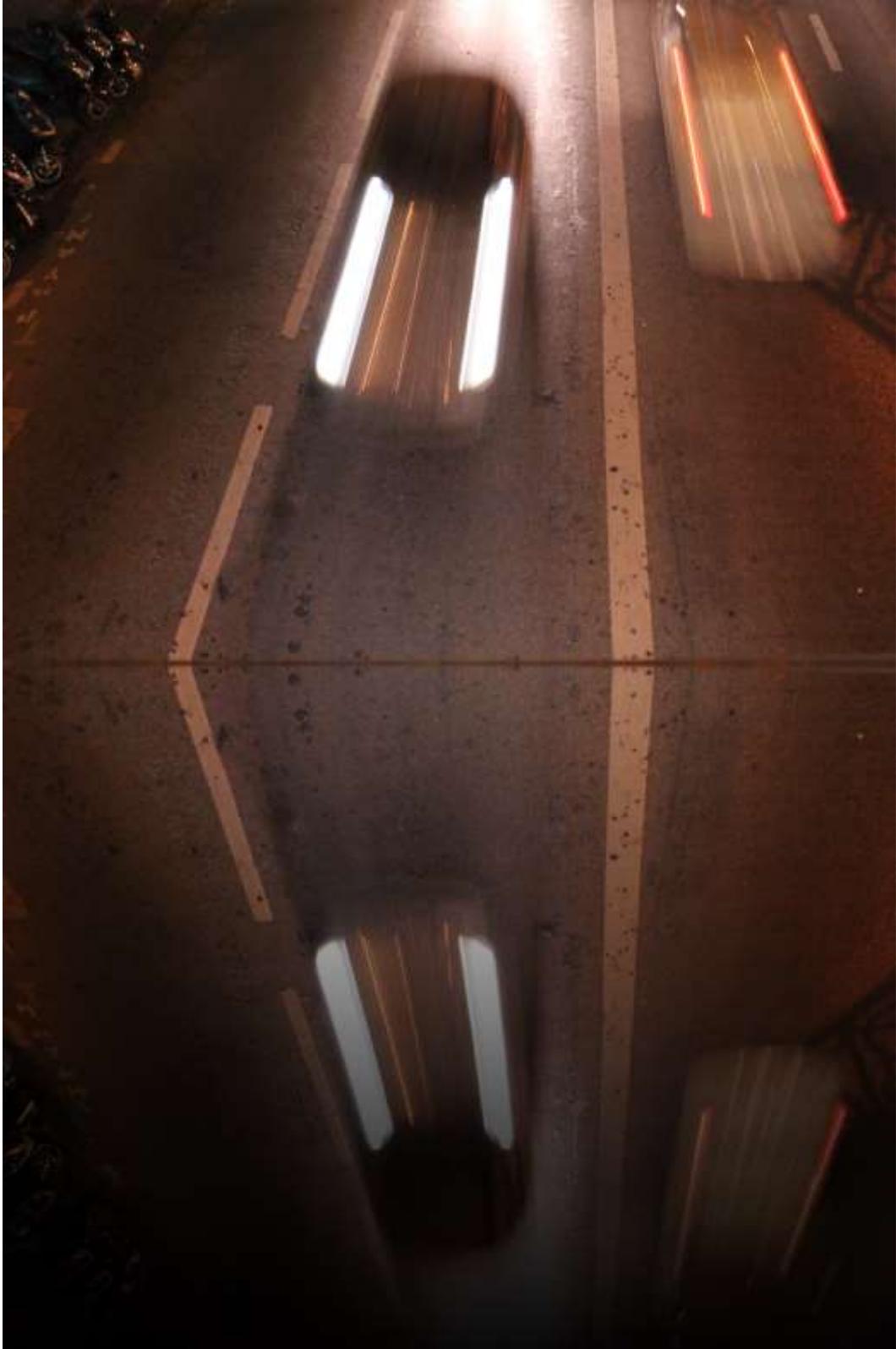


BRASIL
AMAPÁ

Rafael Senra Coelho

No tempo dos discos e dos cristais

Nove e quarenta e nove



No tempo dos discos e dos cristais

Rafael Senra Coelho

Brazil-2B, 26 de novembro de 2075

Prezado Carlos,

Espero que essa carta não demore tanto a chegar em suas mãos. Ficou com saudade das minhas crônicas epistolares? Creio que você talvez seja o único leitor interessado nelas. Espero que esteja tudo legal aí na borda do porto aéreo de Moeda. Estão cuidando bem de você, meu querido? Demorei a ter notícias suas da outra vez. Desde que o governo repassou a concessão dos correios para a subsidiária da empresa anterior, as entregas ficaram ainda mais lentas. Se ainda estivéssemos na época dos serviços humanos, eu entenderia melhor... mas, me diga, como uma empresa que conta com drones e teletransporte é capaz de se atrasar tanto?

Minha irmã disse que devemos ser as únicas pessoas que enviam cartas hoje em dia. Eu não duvidaria. Ninguém entende a etiqueta por trás de nossa comunicação. Veja, você é um amigo muito querido, da última vez que nos vimos eu nem tinha a barba tão grisalha ainda; mas

tenho certeza de que, quando nos encontrarmos novamente, parecerá que foi ontem. Só você entende e compartilha da minha paixão por letras escritas à caneta no papel. O resto do mundo está perdido nas névoas dos bits, meu amigo.

Você é o responsável por me apresentar a novidade mais nova que já vira na vida: as coisas velhas. Na época em que cursamos Biotecnologia Atômica na Universidade do Condado de Minas Gerais, as pessoas pareciam obcecadas com aquele novo propulsor capaz de percorrer a órbita de Júpiter em duas horas. Lembra disso? O financiador do protótipo foi o senhor X Æ A-12 Musk, e, no lançamento da geringonça, disse que aquela obra feita pelos AIs do Vale do Silício significava a revolução da nossa era. Mas eu não estava nem aí. Minhas lembranças mais vívidas dessa época são as de nós dois naquele antiquário da Avenida Quasar, e você me apresentando um rádio de cristal.

Eu comprei aquele rádio, você sabe. Outro dia, eu estava ainda na minha casa terrestre, e mostrei a relíquia para meu sobrinho. Ele perguntou que diacho de pedra era essa. O moleque sabe de cor qual é a constante reduzida de Planck, mas nunca viu na vida um cristal ou uma ametista que seja. Repeti para ele a história que você me contou naquele dia do antiquário: o rádio de cristal foi fabricado numa das grandes guerras do Século XX. Na então chamada Europa (nome do continente antes da ascensão da Nova Ordem Mundial), os

constantemente bombardeios deixavam as pessoas vez ou outra totalmente incomunicáveis. Achei que meu sobrinho faria perguntas sobre a guerra, mas ele queria saber o significado de “incomunicável”. Dá para imaginar, Carlos? O rapazote nunca ficou desconectado nessa vida, ele não sabe o que é estar fora da rede integrada! “Incomunicável”! Tem alguns verbetes do dicionário virtual que podemos mandar deletar!

Enfim, contei a meu sobrinho como era a situação dessas pessoas: para conseguirem algum tipo de comunicação no período da guerra, a solução mais imprevisível que surgiu foi a de construir um rádio através de pedras rudimentares. Uma delas era o galena, um mineral semiconductor utilizado na confecção de diodos. Um general dos então chamados Estados Unidos descobriu que, com um arame fino chamado “bigode de gato”, era possível captar ondas de rádio. Eu achei que meu sobrinho perguntaria o que é uma rádio, mas ele já sabia: disse que é “viciado” em algumas rádios online do Centro Holosônico da Ala Leste. Tomei um susto! Olha que, na universidade, discutíamos se as rádios ainda existiriam em trinta anos, lembra? Hah!

Pois bem, meu sobrinho não se impressionou muito com o rádio de cristal. Acho que ele não entendeu muita coisa por trás dessa história. O mundo em que ele vive é bem diferente. Você precisava ver quando mostrei um disco de vinil. Ele achou que era uma miniatura dos anéis

integrados que a Nasa instalou na órbita de Saturno, quando construíram aquelas pistas de corrida para drones. Eu não poderia explicar o que é um disco de vinil sem que o colocasse para funcionar. Quando soltei um 78 rotações no antigo gramofone e a agulha começou o seu percurso, o moleque arregalou os olhos por trás do óculos virtual, parecendo ter tomado um gole de leite sintetizado azedo.

Ele perguntou qual tipo de circuito animava o disco. Empolgado, eu disse que não havia circuitos: o armazenamento das informações sonoras era feito em sulcos. Pequenas microfissuras na superfície do vinil. É curioso o fato de que eu estava falando de uma tecnologia tão antiga, tão primária – e o meu sobrinho, um rapaz bem instruído de 2075, que consegue sozinho elaborar o código de frequência protosolar dos geradores atômicos, não absorvia o fato de que informações sonoras estão contidas na casca de um objeto.

Nessa hora, Carlos, lembrei de algo que você me falou num dos primeiros dias de aula (na verdade, uma das primeiras aulas que matamos, no boteco do Silveira). Você disse que nos esqueceríamos de que, um dia, existiu algo chamado tecnologia analógica. Disse também que a tecnologia digital deixou a todos muito acomodados. Meu sobrinho sabe decifrar códigos binários da mesma maneira que os músicos ainda hoje leem partituras. Mas o disco de vinil era, para ele, uma esfinge.

Ele então me fez uma pergunta: porque alguém deveria ouvir aquela “patusca velha” (as gírias dos meninos de hoje, Carlos!) em vez de se conectar nos shows holográficos disponíveis na rede integrada? Sabe o que respondi? Uma pista: não apelei para suas teorias, dessa vez...

Respondi para ele que os discos de vinil eram a tecnologia mais próxima do impacto de se ouvir uma pessoa ao vivo, na sua frente. O rapazote ficou ainda mais perdido. Ele passa o dia com os óculos de realidade aumentada, e disse que estar diante de uma banda tocando no espaço virtual é como assistir uma banda de verdade. De que maneira o vinil poderia trazer um sabor de realidade maior do que esse?

Tentei então refinar meu argumento. Falei que, quando você liga o show de um artista na rede integrada, o computador de realidade aumentada recria uma performance a partir de arquivos armazenados em códigos binários. Seus olhos lhe mostram uma cena muito crível, a princípio, que é uma banda tocando em um palco, além de um festival inteiro recriado digitalmente diante dos seus olhos.

Mas eu acredito que nosso organismo sabe, de alguma maneira (Intelectualmente? Emocionalmente?) que aquilo não é natural. A tecnologia digital é soberana, mas a analógica ainda sobrevive. Afinal, quando a máquina traduz uma informação binária em som, ela está basicamente transformando o digital em analógico.

Nosso organismo sabe que uma presença analógica demanda uma ação natural ou humana. Essas coisas não caem do céu. O holograma faz com que uma pessoa e seu violão sintetizado sejam conjuradas, assim, do nada. Isso parece muito, muito falso. É por isso que eu defendo que, por mais que o holograma digital seja bacana, o vinil tem uma *aura* que a gente recebe de outro jeito. Porque o som é recriado a partir de microburacos. É algo físico, é uma versão microscópica do Grand Canyon que produz som. Nosso cérebro e nosso organismo entendem isso muito melhor. Somos preparados para sentir o calor desse ritual. Porque nossos sentidos conseguem nos mostrar de onde está vindo aquele som. Mesmo que não seja um violão sintetizado real, mesmo que não seja uma bateria real. Mas não é código binário conjurando a arte a partir do nada. O vinil é honesto com os nossos sentidos.

O resto você já pode imaginar, né, Carlos. Meu sobrinho disse que estava atrasado para um encontro com a namoradina, ligou o propulsor, e pegou a primeira via aérea rumo à Ala Oeste. Caiu fora sem cerimônia. Sabe, é por coisas assim que pessoas como eu e você representamos a última geração que ainda vê graça nas coisas antigas. Eu sinceramente não ligo de pagar uma fortuna para te enviar essa carta de papel. Minha irmã fica louca, diz que é um luxo, diz que eu gastaria muito menos para pegar um táxi aéreo ou um drone de viagens, e ir te visitar pessoalmente. Ela acha que estou esclerosado. Não entende que alguém pode *escolher* uma coisa dessas.

Enfim, como você dizia nas nossas primeiras correspondências, espero que essa carta lhe encontre saudável e alegre. Nos dias de hoje, não é apenas a palavra “incomunicável” que querem tirar dos dicionários virtuais, mas também a palavra “amigo”. Seguimos resistindo. Enquanto os departamentos de entregas forem obrigados a manter a seção de cartas físicas, não haverá uma maldita privatização capaz de nos impedir de enviar garrafas no mar. Eu ia te falar dos discos de jazz que teleportei do antiquário, mas fica para uma outra carta. *Saludos!*

Atenciosamente (ainda cumprindo tabela na subestação lunar e na espera do equinócio de pouso),

Ronaldo.

Nove e quarenta e nove

Rafael Senra Coelho

Os funcionários da companhia de energia chegaram bem na hora que o radioeletricista consertava minha máquina de teletransporte. Foi semana passada, de manhã. Em um minuto, a porta de entrada de casa estava cheia de pessoas. Fazia calor, e a rádio transmitia a nova música daquela banda de robôs que usam jaqueta vermelha fluorescente (qual é mesmo o nome deles...?).

Os funcionários da companhia usavam fardas, máscaras, uma proteção ocular, pareciam seres inanimados, eu não via pele nem olhos nem nada, nem sabia se eram homens ou mulheres. Eram nove e quarenta e cinco da manhã, eu sei disso porque olhei o relógio naquele momento, e achei que o horário era a única coisa que fazia sentido ali. O radioeletricista parecia alheio a tudo isso, vai saber. Um dos funcionários disse algo (finalmente, um indício de humanidade, uma voz de homem, com leve gagueira): iriam cortar a minha energia.

Perguntei o motivo, e eles responderam “algoritmos”. Olhei para o radioeletricista, esperando que ele, como um técnico especializado, me esclarecesse o que isso significava. Aquelas aberrações de máscara não iriam me responder. Um vizinho passou do lado de fora,

e olhou intrigado. As pessoas têm um faro para detectar alguém que está sendo ferrado pelo sistema.

O radioeletricista pigarreou, e me explicou em um tom de voz meio para dentro. Devia ser coisa de classe profissional, de não se indispor com colegas da mesma área. Ele disse que as companhias de seguros estavam sendo substituídas pelos algoritmos, uma medida muito mais barata e eficiente adotada pelas empresas. Os funcionários mascarados fizeram que “sim” com a cabeça, mas eu continuava sem entender nada. Um deles já estava mexendo no relógio da minha casa.

Os algoritmos, disse o radioeletricista, eram informações geradas a partir de porcentagens e softwares baseados em dedução e formulação de hipóteses. Ele deu um exemplo. A empresa abre todo dia as sete horas. Se um dos empregados chega as sete e um no primeiro dia, as sete e cinquenta no segundo, as sete e vinte e dois no terceiro, as sete e trinta no quarto dia, e as sete e dois no quinto dia, tudo isso é computado, transformado em algoritmos e jogado no programa, até que, baseado no histórico do banco de dados da rede integrada, o software irá formular hipóteses acerca deste funcionário, podendo antever possíveis atrasos, faltas, acidentes de trabalho, e até mesmo a possibilidade de que ele cometa crimes (dentro ou fora da empresa, disse ele).

Eu respondi o óbvio: por mais que nossa sociedade tenha motivos para se chamar de “desenvolvida” – ao ponto de termos teletransporte, ou de podermos clonar nossos próprios órgãos para fazermos transplantes e transfusões de sangue sem rejeição – a verdade é que não podia acreditar em um programa de computador capaz de prever as decisões ou ações das pessoas no dia seguinte, no minuto seguinte, enfim, saber mais de nós do que nós mesmos.

O funcionário da companhia de energia nos interrompeu, dogmático: você *vai* deixar de pagar a conta de luz, e, por isso, já cortaremos seu serviço *agora*. Outro vizinho passou da rua, sem conseguir despistar muito a curiosidade. Meu tom de voz devia estar um pouco além do bom senso. Quer dizer que, mesmo tendo pagado as contas em dia, esse programinha vagabundo ordenou que cortassem meu fornecimento de luz? O silêncio deles não poderia aludir à outra coisa.

Eu me dirigi então para a pessoa, homem ou mulher, que estava prestes a cortar o cabo de energia (ou uma ligação importante qualquer na caixa de energia de casa). Perguntei: se eu não estou devendo, o que devo fazer para que a luz seja religada? O que devo pagar, além do que já paguei? Como vocês cobrarão uma dívida que não existe? A pessoa por trás da máscara respondeu-me não com palavras, mas com a tesoura. Era um método grosseiro de desligamento, algo bastante intimidador, eu diria. O ruído daquele cabo rompendo só não foi pior do que o eco do gerador se desligando

nos fundos da minha casa. O retumbar daquele som grave fez tremer o chão todo. A rua inteira só tinha olhos para mim. Circuito Escarlata, lembrei! (era o nome da banda de robôs que tocava na rádio).

Quando os funcionários foram embora, não deixaram protocolos ou ordens de serviço, apenas escuridão. Meus pensamentos tenebrosos foram interrompidos pelo radioeletricista cobrando pelo concerto do teletransporte – que não foi feito. Seria apenas o valor da visita, disse ele. Se eu quisesse uma mera visita paga, preferiria ter desembolsado para estar com meus amigos, foi o que pensei em responder. Eram nove e quarenta e nove. Eu sabia que a minha pressão arterial iria causar problemas, e não havia mais nada que pudesse ser feito. Conteí quatro pessoas me olhando da rua. Comecei a fazer xixi no meu gramado, tomando cuidado para que os *voyeurs* intrometidos enxergassem exatamente aquilo que constitui uma acusação de atentado ao pudor. Eles retomaram sua caminhada pela rua: funcionou.

O radioeletricista ligou seu jato propulsor, dando a entender que precisava ir embora. Eu disse a ele que pagaria a visita, mas ele precisava me responder uma coisa: esses malditos algoritmos funcionam mesmo?

O miserável ficou em silêncio até que sua máquina de créditos mostrasse que a transferência foi concluída. Ele olhou para os lados

antes de me responder. Olhe, disse ele, vou te falar uma coisa, é que, bem, um amigo do meu cunhado é da área de programação, e o sujeito entende de softwares, ele sabe como funciona esse programa de algoritmos, e eles atuam calculando variáveis a partir de uma regra chamada...

Não, não, não. A pergunta não era sobre como essas porcarias funcionam. Eu quero saber se *funcionam*. O radioeletricista não estava acostumado a dar respostas não técnicas: em sua área, é tudo assim ou assado, e achismos não fazem parte do trabalho. Com a queda de luz, a tela holográfica da TV pausou no intervalo comercial, e aquele apresentador da usina nuclear congelou com os lábios fazendo bico, parecendo uma iguana de zoológico.

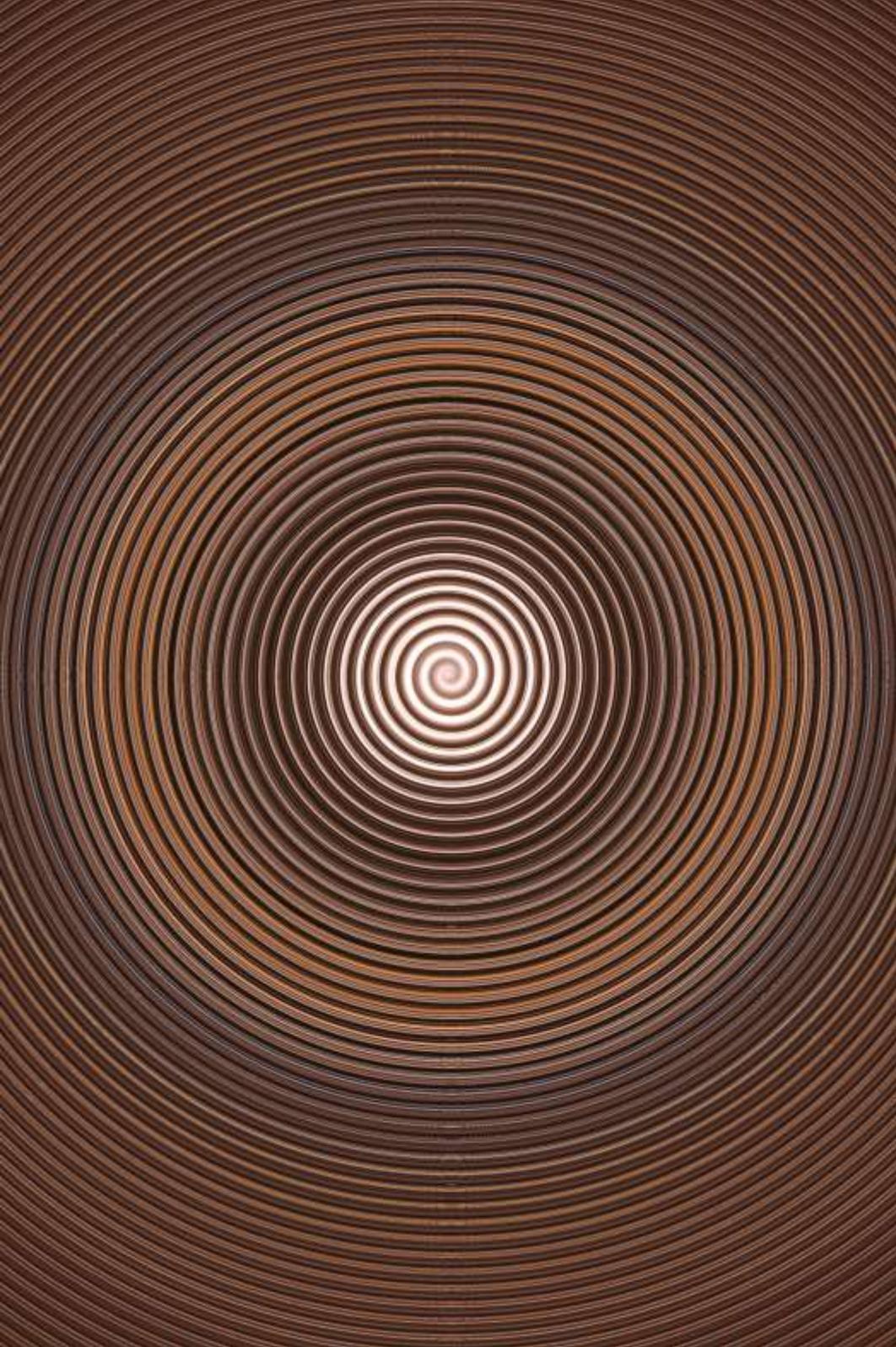
O radioeletricista aparentemente não gostava de compartilhar opiniões, e acho que foi esse exato traço de caráter que me fez querer tanto ouvi-lo. Uma pessoa reservada com suas opiniões hoje em dia? É mais raro do que uma tartaruga gigante dos Galápagos. Alguém tão discreto talvez compartilhasse algo inteligente.

Com um tom de voz cauteloso, ele me disse que não, não achava que os algoritmos funcionassem. Na verdade, ele já trabalhou em uma prefeitura. Esses números, disse, eram tão confusos quanto um camaleão diante de um arco-íris. Você simplesmente foi sorteado como o azarado da vez. Seus vizinhos e as pessoas na rua viram tudo, e isso faz parte do espetáculo. Era um recado. O sistema é mais forte.

Isso basta. Você não precisa ser um opositor do sistema. Apoiador ou não do *status quo*, o que importa não é a sua ideologia: o programa elegerá bodes expiatórios aqui e ali, como forma de intimidar a maioria. Se você apoia o sistema, o recado é ainda mais eloquente. *Ninguém* será poupado. Você não precisa estar errado. Basta existir.

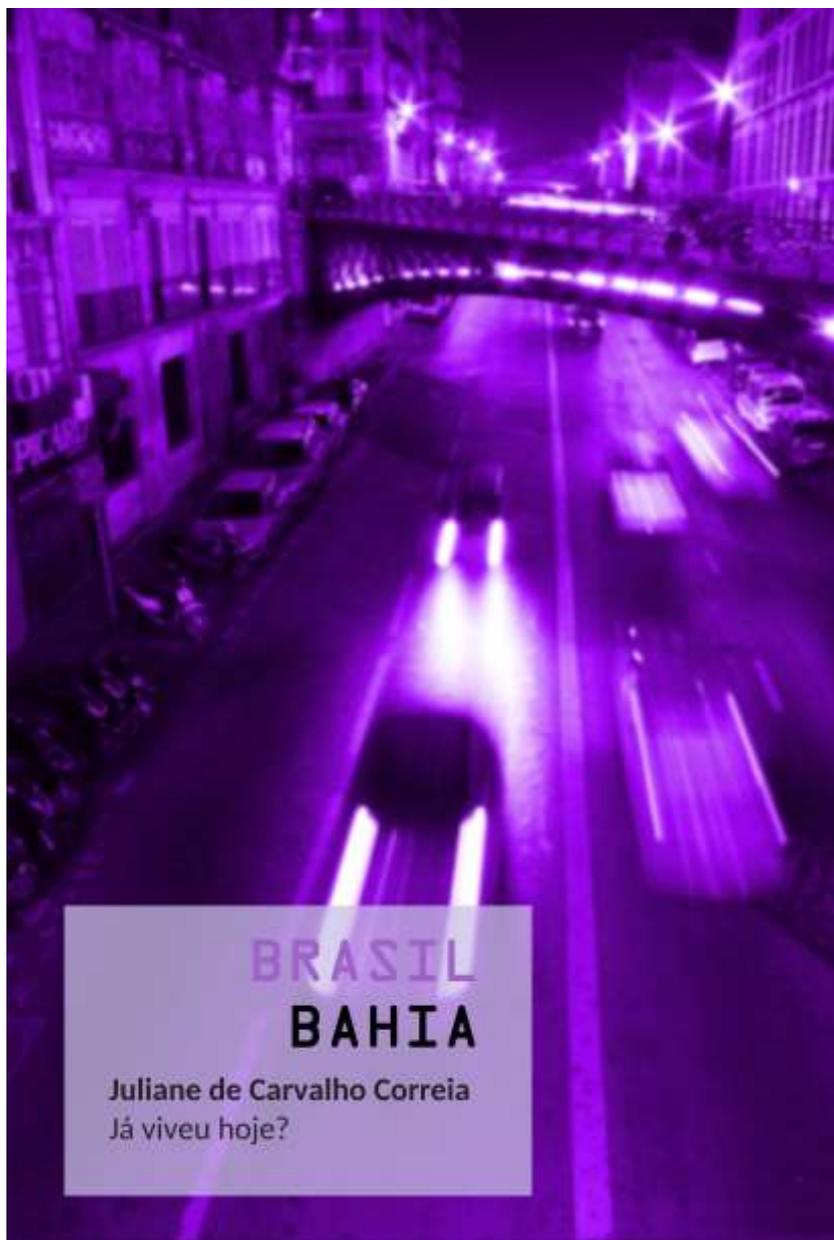
Eu não soube o que responder. Até minha raiva evaporou depois do que ouvi. Ele sabia disso, e foi embora sem se despedir. Minha cabeça girou. A grama diante de mim fedia a mijó. Dentro de casa, estava tudo escuro. O relógio marcava nove e quarenta e nove. Ainda. Ele marcou nove e quarenta e nove pelos próximos dias. Do lado de fora, os drones continuavam voando pela pista de tráfego. Uma menina sorria para seus colegas de escola. “O que é o que é, feito para andar e não anda?”, um dos colegas lançou a charada. Quando o rapaz provavelmente disse a resposta, eles já tinham virado a esquina. Mas talvez ele não tenha dito nada.

Rafael Senra Coelho é professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal do Amapá. Atua principalmente com histórias em quadrinhos, literatura e música, além de alguns trabalhos na área de cinema. Publicou *Olhar de bicicleta* (crônicas e contos), em 2017. Organizou, com Christina Ramalho e Ítalo de Melo Ramalho, o livro de crônicas *Todas as águas* (2019). Site: www.rafaelsenra.com. Email: raraafaels@yahoo.com.br.



ampulhet@

crônicas futuristas



BRASIL
BAHIA

Juliane de Carvalho Correia
Já viveu hoje?



Já viveu hoje?

Juliane de Carvalho Correia

Na tentativa vazia de preencher o resto de mais um dia tedioso e rotineiro, coloco-me diante do instagram, que criei recentemente devido à necessidade de acompanhar as atividades do meu tão amado grupo de extensão, no qual tenho o prazer de atuar como atriz. Graças a ele, continuei subindo aos palcos, único lugar onde a vontade de mostrar o que sei fazer de bonito é maior que toda a timidez que compõe o meu ser tão ínfimo.

É neste mero aplicativo, repleto de informações e imagens como tantos outros, que tenho depositado alguns minutos do meu precioso tempo à procura de algo que venha preencher as lacunas deixadas pela rotina vazia desencadeada pela COVID-19. Vou aos poucos imergindo neste ambiente inóspito e lá deparo-me com a seguinte pergunta: "Já viveu hoje?"

A sensação que tive foi de ter levado um choque. Repentinamente, sou forçada a refletir. Inconscientemente, faço uma retrospectiva de tudo que vivi e dos planos que projetei para o futuro. Acabo me dando conta de que talvez eu não tenha vivido de fato. Sinto que todo esse tempo tenho apenas existido. Como um bibelô posto na estante coberto por uma fina camada de pó. O pó do esquecimento. Subitamente, sinto a necessidade de fazer algo, buscar por algo ou alguém.

Talvez, precise buscar a mim mesma em algum lugar, que não sei bem se ficou no passado ou se apenas encontrarei no futuro. Às vezes sinto saudades de quem eu era, mas, nesse mesmo intervalo de tempo, não gosto muito do que fui. Chego à conclusão de que amar a si mesmo é um contentamento descontente, como diz o poeta. Vez em quando tenho medo de não gostar do que serei no futuro.

Hoje gostaria de marcar um encontro comigo mesma. Tomar um chá ou talvez um café. Queria encontrar a mim mesma e viver esse agora, mas não sei como fazê-lo. Não sei como proceder. Eis que planto indagações. Uma brusca tempestade se forma, inesperadamente. E a chuva, enfim cai torrencialmente sobre cada semente lançada. Passado um tempo vem a brandura. O sol tímido lança seus raios de complacência.

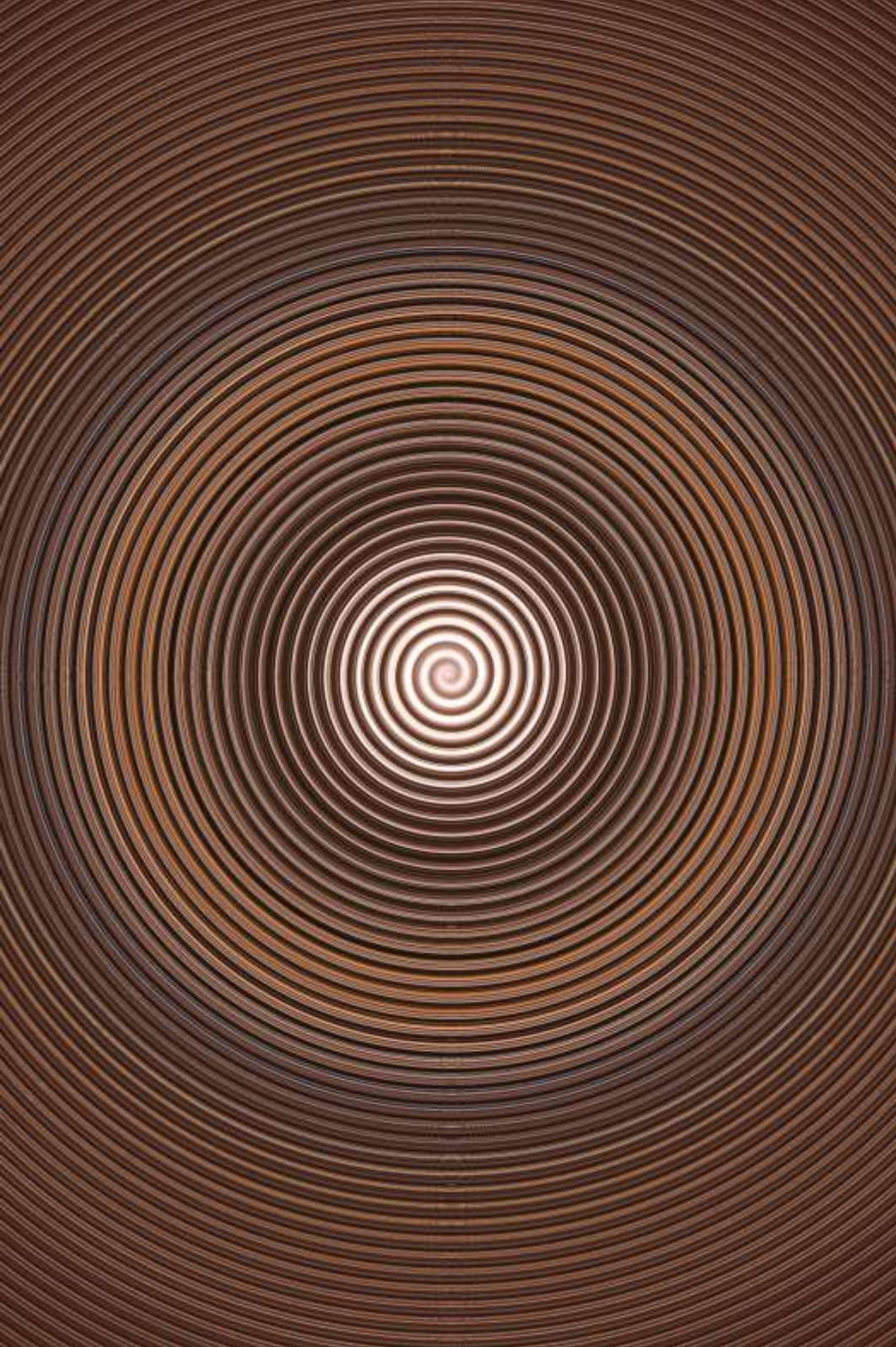
E então, ponho a refletir sobre cada indagação:

— E se eu não encontrar a mim mesma no futuro pelo qual tanto anseio?

— E se Nanã vier antecipadamente cobrar a matéria-prima que me emprestara?

— Ikú, afasta-te de mim! Necessito de vida. Tenho, pois, um encontro marcado com uma versão de mim mesma que ainda desconheço. Preciso contemplá-la, admirá-la e até quem sabe amá-la.

Juliane de Carvalho Correia é natural de Feira de Santana-BA, mãe solo, estudante do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana, pesquisadora, integrante do Grupo Residente de Contação de Histórias (PROEX/UEFS), Contadora de histórias, amante da literatura e escritora. E-mail: jucont12@gmail.com.



ampulhet@

crônicas futuristas



BRASIL
MATO GROSSO DO SUL

Raquel Naveira

Atlas

Taças



Atlas

Raquel Naveira

Cabia na pasta de couro preto e cheiroso o grande Atlas Geográfico. Era um álbum colorido, com um conjunto de mapas, espaços da Terra numa superfície plana, ilustrado por desenhos de rios, montanhas, cordilheiras, países, cidades, continentes, meridianos, paralelos e trópicos. O mundo todo, completo, pronto para ser explorado. Folheava o papel sedoso, desejando orientação para futuras viagens.

Atlas... o porquê desse nome tem origem na mitologia grega. Atlas foi um titã, um gigante, uma força caótica que pretendia alcançar o poder supremo. Atacou o monte Olimpo, combatendo Zeus, que comandava os espíritos da ordem do cosmos. Zeus triunfou e castigou Atlas, condenando-o a sustentar o mundo nos ombros para sempre, por toda a eternidade. Atlas tornou-se assim um sofredor, portador de um peso desmedido: aflições, guerras, fronteiras, desigualdades, prazer e cobiça. Por algum tempo guardou as águas distantes, além do mar

Mediterrâneo, dando seu nome ao Oceano Atlântico, por onde com sua boca soprou os ventos que empurraram as caravelas dos descobrimentos.

Toda gente é como Atlas. Carregamos sobre a vértebra da coluna cervical um globo: a enorme cabeça, que abriga nossa mente. Movemos a bola de um lado para outro. Apuramos os sentidos. Giram nossas emoções, vaidades, num mundo subjetivo captado pelas lentes dos olhos e devorado para manter nossa carne.

E o que é o mundo afinal? O firmamento? O planeta? A realidade concreta e tangível? A sociedade conectada? Os aglomerados de estrelas? A corrupção? A insegurança? Pessoas morrendo, ficando doentes, contaminadas por vírus, pandemias, assaltadas na esquina?

Ah! Não sou deste mundo. Recuso-me a me moldar por esse padrão. A aceitar a louca sabedoria mundana. A perder minha alma para ganhar o mundo. A ter amizade com o mundo. A absorver pelos poros essa treva.

Tive neste confinamento uma visão. Foi numa noite de insônia, de névoa, de cortinas cerradas. Vi o mundo como uma cidade imensa, de palácios, muralhas, jardins aéreos, luzindo num azul betume. Começou então uma estranha cerimônia: na base da escadaria, mercadores, deportados, religiosos, militares, políticos subiam por uma torre, arrogantes, desafiando os astros. De repente, todo o

sistema desmoronou: povos, multidões, nações e línguas em completa desarmonia. O esplendor da cidade tornou-se vício, o triunfo e a matéria se desintegraram em ruínas. Foi numa noite de insônia. Eu, filha de Atlas, uma plêiade perdida de minhas irmãs, consegui fugir, vaguei pela esfera celestial até sumir no círculo ártico. Os meus cabelos soltos viraram a cauda de um cometa.

Pensar que cabiam naquela pasta de couro preto e cheiroso, o Atlas Universal, a fundação do mundo com tudo o que nele existe e a angústida de seu fim entre fogos e vapores.

Taças

Raquel Naveira

O antigo móvel envidraçado da sala guarda ainda um conjunto de taças de cristal. São lindas essas copas! Algumas maiores, bojudas, outras compridas e altas. Transparentes, de areia e chumbo diluídos, soltam um som agudo ao estalar dos dedos. O desenho impresso nessa matéria delicada é o de uma flor de lótus, um lírio aquático de oito harmoniosas pétalas. Taças prontas para receber vinhos e espumantes.

Limpo cada uma delas com um pano de linho branco encharcado de álcool. Acaricio como se fosse derramar em cada recipiente algum elixir que provocasse revelações. Como se fossem cálices preparados para a comunhão na adoração e no amor.

Foi assim no dia de nosso casamento. Bebemos da mesma taça, do mesmo destino. Juramos fidelidade. Acreditamos em bênção, em união e sacrifício. Havia um plano de salvação para nós e era perfeito. Brindamos com champanhe e magia.

No futuro, que está por vir, anjos descerão à Terra com taças douradas, cada uma delas contendo a ira de Deus. A primeira despejará um líquido ácido, que fará com que se abram feridas

naqueles que estiverem marcados pela culpa de seus assassinatos. A segunda transformará o mar em sangue, as criaturas marítimas mergulhadas em ondas de petróleo, os estômagos repletos de plástico. A terceira tingirá os rios e as fontes doces, onde o fogo já lambeu os biomas, destruiu os pássaros nos ninhos e os ovos de tartarugas e jacarés. A quarta atingirá o sol, que desprenderá raios de fogo vermelhos e violetas, petrificando os seres viventes de medo e pavor, enquanto ardem espalhando cinzas. A quinta atingirá o centro diabólico do governo, as cadeiras onde se assentam os mandantes de um mundo escuro e agônico. A sexta secará as trilhas do Oriente, por onde marcharão reis, profetas e califas conduzidos a um vale, a um cenário de guerra nuclear e explosiva. Da sétima taça brotarão relâmpagos, trovões e um terremoto fracionará as cidades, as nações, as ilhas, as montanhas, em mil pedaços de granizo que cairão como chuva.

Numa superfície gelada, de vidro, anjos e homens cantarão agradecendo os atos de justiça. Esses homens, subitamente, terão corpos capazes de atravessar paredes; de viajar no espaço por sobre as bocas dos vulcões; de se alimentar de peixes prateados, ao redor de fogueiras acesas na memória.

Quem nesse momento continuará se rebelando, desprezando tão altos desígnios? Quem desejará a aflição no meio de uma natureza

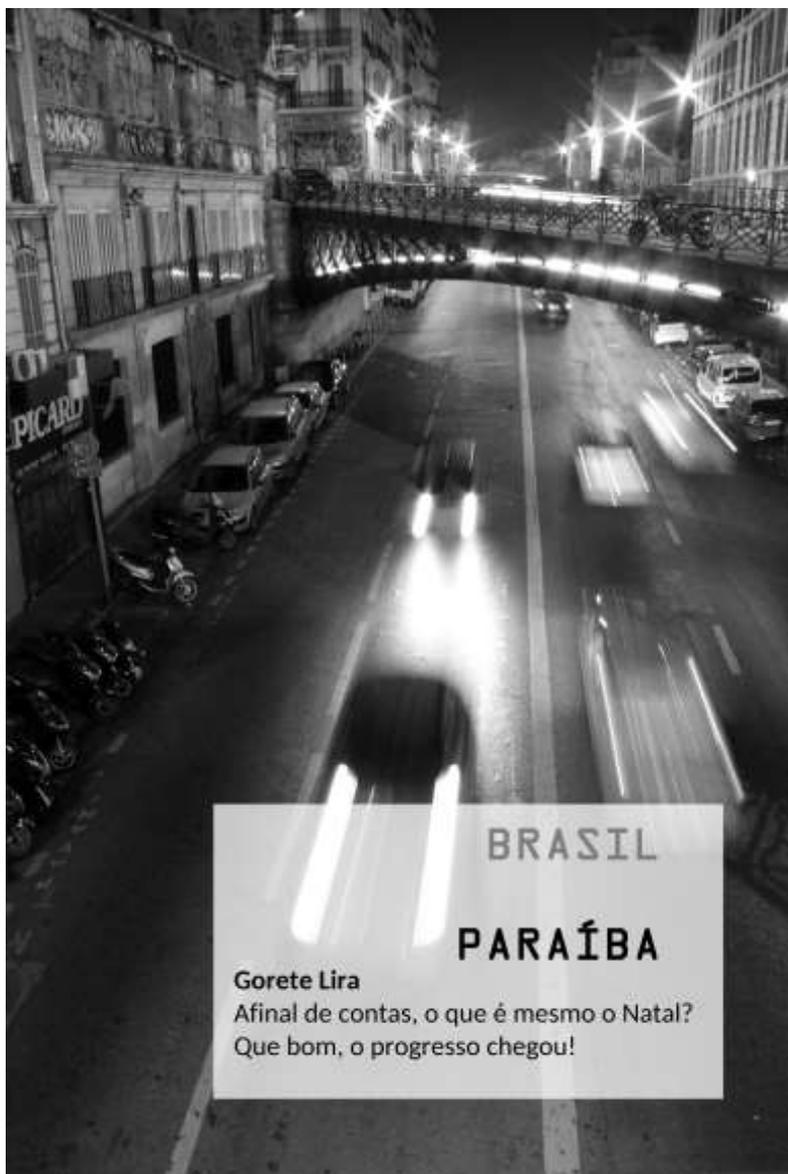
destruída, contaminada pelos nevoeiros de peste e infecção? Só mesmo as feras, os loucos, os de coração mais duro que as penhas.

Guardo uma a uma as taças na cristaleira. Uma estranha intuição de diz que os anjos se aproximam, num ruflar de asas. Sinto uma dor fina. Meu coração tine como uma taça no peito.

Raquel Naveira nasceu no dia 23 de setembro de 1957, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. É escritora, poeta, romancista, cronista, com vários livros publicados. Professora de Literatura aposentada pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Pertence ainda ao PEN Clube do Brasil e à Academia Cristã de Letras. Seus livros mais recentes são: *Jardim fechado: uma antologia poética* (Porto Alegre/RS: Vidrágua, 2016); *O avião invisível (crônicas)* (Rio de Janeiro: Íbis Libris, 2017); *Menina dos olhos (poemas)* (Guaratinguetá/SP: Penalux, 2018) e *Mar de rosas (crônicas)* (Guaratinguetá/SP: Penalux, 2018).

ampulhet@

crônicas futuristas



BRASIL

PARAÍBA

Gorete Lira

Afinal de contas, o que é mesmo o Natal?
Que bom, o progresso chegou!



**Afinal de contas,
o que é mesmo o Natal?**

Gorete Lira

Olho os ponteiros do relógio na parede e constato que são vinte e três horas e cinquenta e quatro minutos do dia vinte e quatro de dezembro de dois mil cento e um. — O que era mesmo que os antigos festejavam nesse dia? — Falei para mim mesma, por puro prazer de ouvir o eco de minha própria voz. — Segundo minha avó, era o Natal, uma festa linda, repleta de brilho e de luz. Neste momento eu faço um mergulho no túnel do tempo e me deixo levar até uma sala aconchegante, com poucos móveis, muitos livros e uma senhora modesta sentada por traz de uma simples mesa, que me falava de amor.

— Vó, o que significa mesmo, o Natal?

— Natal é alegria, é festa, é solidariedade, é amor.

— So-li-da-ri-e-da-de é o que mesmo?

— É o despertar do sentimento de partilha que o Natal favorece a todo o povo Cristão.

— Oh, minha querida avó, voltei a não entender mais nada: quem é o povo cristão?

— Eu, você, qualquer um que segue os ensinamentos de Jesus Cristo.

— De quem? – perguntei mais curiosa ainda.

— De Jesus Cristo, o Filho de Deus, aquele que veio ao mundo para nos salvar

— Nos salvar de que, minha avó? eu não estou em situação de perigo. A Senhora está? – Falei arregalando os olhos.

— Salvar nossas almas, minha neta. Mas, antes que você me pergunte “o que é alma”, eu vou lhe dizer que você precisa saber muito mais sobre a vida. Está vendo todos estes livros? Deixá-los-ei para você um dia, quando tiver que partir para a vida eterna.

— Vida eterna... Quer dizer que a Senhora nunca irá morrer. Que bom, minha vizinha! – Falei expressando certa alegria.

Demonstrando-se cansada de minha ignorância, minha avó não se deixou interromper. Foi até a estante, pegou um livro de capa marrom, cujas extremidades eram ligadas por um fecho éclair, para o qual lançou um olhar de profunda devoção e o colocou em minhas mãos.

— Tome! Este é o livro dos livros. Inicie, quando se sentir capaz, a leitura de suas páginas. Somente assim haverá de encontrar respostas para todos os seus questionamentos adolescentes. Agora me deixe sozinha, pois preciso descansar.

Algum tempo depois, minha avó partiu para o lugar que ela chamava de vida eterna. Confesso que, ao longo dos anos que se passaram, já li e reli todos os seus livros, contudo, aquele que ela entregou em minhas mãos, sequer folheei uma página, haja vista que, assim como ela mesma falou, ainda não consegui me sentir capaz.

Despertei das lembranças com um desejo enorme de viver meu primeiro Natal. Faltavam agora dois minutos para a virada da noite, a hora em que certa vez minha avó falou que seria o momento de repicar os sinos; que nesse momento, Jesus nasceria em nossos corações e tantas outras coisas que eu jamais consegui entender.

Por onde começar? Levantei, fui até a estante e me aventurei na doce leitura do Livro que, segundo a minha avó, traria respostas aos anseios, não mais de uma adolescente curiosa, mas de alguém cuja vida declina pela suntuosa curva dos meus anos mal vividos.

Que bom, o progresso chegou!

Gorete Lira

Final de tarde cinzenta, cujo efeito melancólico não me abandonara ao longo das décadas que se seguiram, resolvi convidar a mim mesma para um passeio pelas silenciosas ruas de minha cidade. O leitor deve estar se perguntando: “por que será que ela teve que convidar a ela mesma?” — Boa pergunta, péssima resposta: — Eu sou minha única companhia. Tenho família? Sim. Filhos, genros, noras e netos. Mas, coitados, andam tão ocupados com suas próprias vidas cibernéticas que eu, apesar de todas as tentativas, não consigo me fazer enxergar.

Mas eu não estou aqui para lamentar a frieza da minha família. Ao contrário, sou grata a Deus pelas pessoas de bem que cada um deles se constitui a cada dia que passa. Que bom que as más influências dos colegas de escola, dos vizinhos e até do convívio com parentes próximos se tornaram passado. Nem gosto de lembrar aquele tempo em que as crianças iam à escola e voltavam com o tênis cheio de areia, a camisa suja de tinta, de cola, de suco de acerola, ou até mesmo rasgada por algum colega, durante uma daquelas brigas do recreio que quase sempre terminavam em nada. Agora as crianças assistem aulas em casa, cada uma ocupando seu espaço de produção do

conhecimento. O professor, por trás de uma tela, não precisa externar nenhum sentimento de ternura. Muito competente, vive a estimular o desenvolvimento de pesquisas científicas, cada dia mais atraentes aos olhos dos meus netos que sequer piscam, para que assim não percam o menor detalhe possível aos ensinamentos do mestre.

Os adultos de minha família são pessoas de sucesso em suas profissões. Vez por outra ouço comentários, através da gravação de áudios, de que alguém foi premiado por seu empenho, dedicação, ou até mesmo uma grande descoberta no segmento tecnológico em que atua. Os casais vivem em perfeita união: cada um no seu espaço, trabalham doze, catorze ou até dezoito horas por dia, depois dormem exaustos, com a sensação do dever cumprido e o desejo de que no outro dia possam produzir muito mais.

Falei que ia dar um passeio? Pois é... Já estou, agora, bem distante da minha casa. Tão longe que me encontrei em frente às ruínas de um prédio que um dia se chamou escola. Há quanto tempo não ouvia falar esse nome? Perdi a conta. Juro que não sei! O que sei é que senti em um pequeno pedaço de calçada que ainda restava e comecei a reviver parte dos grandes momentos que ali vivi: menino chorando em seu primeiro dia de aula; as festas de formatura; professora aflita, por não saber mediar conflitos, ao mesmo tempo em que comemorava cada um dos mínimos avanços verificados em sua turma; famílias que

imploravam por ajuda, enquanto outras se colocavam à disposição do que precisássemos e tantas outras coisas mais.

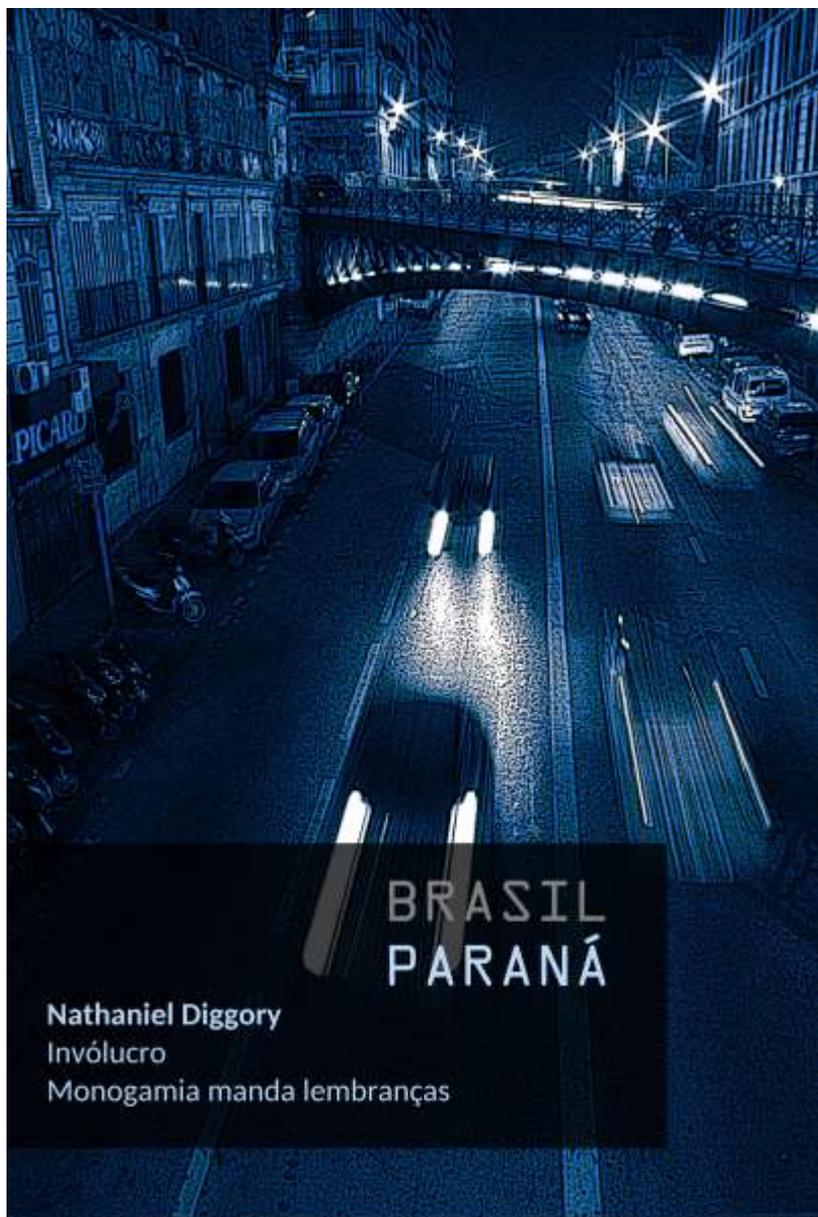
Mergulhei fundo em meus pensamentos e pude ouvir uma indecifrável mistura de sons e cores que, por alguns instantes me trouxe a certeza de que um dia, em algum espaço do tempo, naquele lugar houve vida. A esperança me devolveu um sorriso e um desejo enorme de adentrar pelos escombros em busca de mais e mais lembranças que haveriam de ser despertadas. Tão envolvida eu estava, que quase não percebi uma imensa máquina que acabara de chegar para demolir por inteiro o sopro de vida que, por um instante, acreditei ainda existir por ali.

Afastei-me para não ser engolida por aquele monstro de ferro que se aproximava e, apesar do barulho agora infernal que me afetava os ouvidos, pude escutar alguém dizer alto e em bom tom: - Que bom que o progresso chegou, também, para nós!

Maria Gorete de Macedo Lira, filha de um casal de agricultores, natural de Picuí Picuí-PB, é casada com Nilson Lira e mãe de Elvis Caio. Possui graduação em Pedagogia, com especialização em Educação de Jovens e Adultos, com ênfase em Economia Solidária, no Semiárido Paraibano, pela Universidade Federal de Campina Grande. É Professora da rede municipal de ensino e da Universidade Paulista – UNIP. Atualmente exerce a função de Coordenadora Pedagógica. Amante da Poesia, possui vários cordéis publicados; participou de algumas antologias poéticas e teve sua crônica “Vela de Aniversário”, publicada na Revista Barbante Ano VIII - nº 32, de 28 de outubro de 2020. E-mail: goreteducacao2@gmail.com.

ampulhet@

crônicas futuristas



BRASIL PARANÁ

Nathaniel Diggory

Invólucro

Monogamia manda lembranças



Invólucro

Nathaniel Diggory

A senhora que visito hoje foi uma das sortudas que não morreu de câncer. Hoje em dia, o câncer é a maior causa de morte da raça humana, e ele se mantém nessa posição há décadas. Todos sabíamos que era a poluição. E a comida que, em sua maioria, não é comida de verdade. Não que eu saiba como é isto, fui sustentado com nutrientes cuidadosamente calculados por cientistas desde que era um zigoto em um pedaço de vidro. Pela idade que aparenta, essa senhora foi de uma das primeiras gerações *in vitro*.

Seu quarto é pequeno, uma suíte para uma pessoa, como todas as daquele prédio. Tudo está pintado em tons de branco ou creme, das paredes às roupas que ela veste. Pergunto seu nome, e ela responde com a voz frágil de quem já teve sua cota da vida. O prédio em que

estamos é mais um dos “asilos coincidentes”. A população mais velha, solitária, tende a se mudar para lugares mais periféricos, com quartos pequenos. Eles pedem comida pelas suas telas de vidro e, ocasionalmente, informam-se sobre o estado uns dos outros. Um fenômeno de nossa sociedade, um prédio residencial comum composto 90% de idosos. Os poucos que sobreviveram ao câncer, mas não inteiramente ilesos das mazelas da idade. A de hoje sofre com as tremedeiras do Parkinson.

Não preciso falar nada. Estou lá para ouvi-la. Um psicólogo ouvidor autônomo, é o que sou. A profissão entrou em alta há décadas, mais ou menos quando o último urso-polar derreteu junto com as calotas. As pessoas perceberam que precisavam de alguém para conversar, e os psicólogos se tornaram super requisitados. Assim como os médicos e os cientistas, já que as pesquisas com as devastadoras consequências da poluição se tornaram vitais. Me especializei como ouvidor, então vivo em torno dos idosos e dos moribundos. Um confessionário pago com o encostar de dois chips implantados sob a derme do antebraço.

A senhora inicia a sua história. Depois de anos de prática, sei que os que me contratam invocam suas memórias com algum gatilho. Uma memória desimportante para o todo, mas que evoca um forte sentimento em quem conta. Para ela, é o café.

Ela bebia seu café em um estabelecimento que não existe mais, identifico quando cita o nome. Café de verdade, ela afirma, de algum pé que cresceu em alguma estufa cuidadosamente controlada por pesquisadores. Ela devia gastar um dinheirão com essa iguaria. Depois que o solo transformou a flora em veneno, qualquer coisa que não fossem nutrientes em pílulas e pós solúveis se tornou exclusiva aos abastados. A carne foi abolida quando todo o gado morreu, e as gerações seguintes a dos pais dela só conheciam o sabor de um bife através do conteúdo do passado que consumiam através de suas telas de vidro.

Tudo no estabelecimento eram antiguidades, já que artigos de casa e cozinha não eram muito produzidos. Os recursos eram escassos naquela época. Isso não mudou muito, e cuidamos o melhor possível de nossos pratos herdados de nossos tataravós, que talvez tenham sido herdados dos avós deles. Tudo lavado com água salgada filtrada, claro, porque a água-doce limpa também é um sonho. Ela conta que sempre conseguia pegar a mesa mais longe da porta. Fico surpreso. Já fiquei algumas vezes na mesa do lado de fora, a pior mesa de qualquer estabelecimento, exposto à poluição. Nem os toldos que cobrem as calçadas por causa do tempo imprevisível alcançam aquela mesa.

Ela tomava o café em pequenos goles, ela lembra de cada detalhe, para apreciar o gosto pelo qual pagou tão caro. Uma iguaria apreciada

por ela apenas uma vez por mês. Naquele dia, ainda por cima, era especial. Ela comemorava a compra de um útero de vidro.

Agora fico realmente interessado em sua história. Depois que as mulheres se tornaram incapazes de segurar um zigoto no útero, a fertilização *in vitro* tornou-se a única esperança da raça humana. Depois de desesperados testes em que qualquer ética científica da não-experimentação em humanos foi jogada para o caralho, pesquisadores japoneses desenvolveram um útero de vidro no qual um zigoto era implantado e se desenvolvia, em um fluido amniótico sintético, durante nove meses. Foi um sucesso que salvou a humanidade, disseram os jornais da época, e os descendentes dos pesquisadores vivem até hoje com o dinheiro da venda da patente. O resultado a longo prazo disso foi inesperado. Sem a necessidade do casamento para a reprodução socialmente aceita, em questão de três gerações, a humanidade voltou à poligamia de milênios antes. Poucos ainda são monogâmicos, e eu mesmo não conheço nenhum.

Ela usou o dinheiro da herança do pai. Bastou um e-mail avisando de suas intenções e, quando seu perfil foi aprovado, foi à loja escolher seu bebê. Quis um de 26 semanas. Ela não queria um muito pequeno, queria vê-lo se desenvolvendo claramente, e o aparelho é pesado. Mais ou menos no tamanho e formato de um útero de verdade em 40 semanas de gestação, o útero de vidro é carregado por alças de tecido

presas aos ombros e à cintura, e por um pequeno tubo na parte de cima passam as cápsulas diárias de nutrientes. O lado colado à barriga da pessoa é reto e coberto de sensores, e dele sai um único fio, que simula um cordão umbilical, por onde são entregues os nutrientes e o oxigênio.

Mas cá está ela, penso. Sozinha. A combinação genética dos bebês nos úteros de vidro é uma loteria, e poucos realmente se interessam em saber os doadores de óvulo e esperma. Mas ela carregou uma criança, é de se esperar que ela não precisasse viver solitária aqui.guardo ela continuar sua história. Não sou pago para fazer perguntas.

Ela o quebrou.

Durante as sessões, me limito a acenos de cabeça e pequenos grunhidos para incentivar a pessoa a continuar. Jogo meu diploma pela janela e me inclino para a frente, de queixo caído. Penny não se irrita com minha falta de profissionalismo, apenas me encara com seus pequenos olhos afundados no rosto magérrimo. Não consigo me controlar.

Ela partiu o útero de vidro em milhares de pedaços, menos de uma semana depois de vesti-lo.

— Por quê? — Pergunto.

— Você gostaria de criar uma criança em um mundo destes? — Penny responde.

Estou surpreso. Foi uma pergunta retórica? De qualquer jeito, não tenho uma resposta.

Ela estende seu antebraço direito. Sua mão, que repousava no colo, instantaneamente começa a tremer. Mãos tão frágeis: unhas ovais aparadas, pele coberta de manchas, veias buscando se libertar da pele fina como papel. Sua história tem um fim, meu tempo acabou. Estendo meu antebraço e o posiciono embaixo do dela, e um tremelique do chip indica que o pagamento foi concluído.

Me levanto e caminho em direção à porta. Cinco passos. Me viro para trás uma última vez, a mão na maçaneta, mas a senhora já não está mais prestando atenção em mim. A maioria dos meus clientes tem uma expressão tranquila, aliviada, no fim da sessão. Eles não são os únicos que sabem seus segredos agora, alguém mais se lembrará deles quando se forem. Prostituo meus ouvidos para que essas pessoas tenham paz. Mas a cliente de hoje está pensativa, encarando o nada. Me contratar a obrigou a revisitar memórias, mas essas memórias não são as que se revisita com tranquilidade.

Me viro, saio, e fecho a porta. Nos filmes antigos que se vê na internet, agora eu entraria em um corredor em cores pastéis, onde uma

enfermeira vestida da cor do tapete estaria parada, esperando para me escoltar para fora do prédio. Mas o corredor é mal iluminado por lâmpadas velhas e uma pequena janela. O chão, as paredes e o teto são do mesmo tom escuro de marrom. Canos de aquecimento estão à mostra, correndo pelas paredes até a altura da minha cintura, certamente perigosos para os idosos quando água salgada aquecida corre por eles. O prédio é tão antigo que as tábuas no chão podem ser madeira de verdade.

O elevador está logo à direita. Não quero me arriscar, por isso ando até o final do corredor, passando por diversas outras portas dos pequenos apartamentos, também marrom-escuras. Atrás de cada porta deve haver um idoso, um sobrevivente do câncer, um cliente em potencial. Alguém que só quer ser ouvido. Chego às escadas, cobertas, como todo o resto do corredor, por uma fina camada de pó. A iluminação ali é ainda pior, então tomo cuidado extra descendo os 3 andares. O lobby é minimalista, para não dizer velho e abandonado. Passo meu chip no sensor ao lado da porta, registrando minha saída.

Assim que estou do lado de fora, visto minha máscara. Os psicólogos ouvidores não devem ficar de máscara enquanto atendem; não é ético. Mas a poluição daquele lado da cidade é terrível, e fico aliviado. Só porque atendo sobreviventes do câncer, não quer dizer que serei um.

Automaticamente me posiciono abaixo do toldo branco encardido. Hoje o sol está escondido entre as nuvens. É um dia ameno, 33°C, diz minha tela de vidro. Mas a presença das nuvens pode indicar chuva. De qualquer jeito, o toldo não será recolhido se não houver ventos intensos, o que já não acontece há alguns meses.

Saio andando. Preciso comprar mais pílulas de nutrientes, mas prefiro fazer isso em uma região mais limpa. Este lado da cidade é cinza demais, sujo demais. Prefiro as regiões mais bonitas, com diversas paredes feitas de vidro reforçado para deixar a luz do sol entrar, já que energia elétrica se torna mais cara a cada dia. O biocombustível entrou em alta quando o solo foi envenenado. Lembro da senhora. Milhões de pés de seu amado café foram queimados para alimentar lâmpadas.

Em uma esquina, já quase saindo do cinza e entrando no branco, vejo uma mãe com uma criança do outro lado da rua. As ruas ainda são divididas entre vias e calçadas, apesar de que quase todos os automóveis foram despedaçados para virarem peças e instrumentos para a ciência. Mãe e filho andam de mãos dadas, e são mais uma família de etnias diferentes, o que se tornou algo normal. Meu próprio pai era branco, assim como aquela mulher. Seu filho, que deve ter uns 5 anos, tem traços asiáticos. É difícil desvendar suas expressões por trás das máscaras que cobrem metade de seus rostos, mas sei que estão se divertindo – consigo ouvir a risada do garoto daqui. Nunca

tive muito interesse em ter um útero de vidro para mim mesmo, mas muitos dos meus parceiros ao longo dos anos os compraram, e parecem felizes.

Você gostaria de criar uma criança em um mundo desses?

Me pergunto sobre as consequências dos atos de Penny. Será que pegou cadeia? Teve que pagar uma multa? Ou ninguém nunca soube da história?

Chego em um mercado perto de casa. As ruas são limpas e as construções, cheias de janelas altas. Mudam as pessoas – roupas melhores, menos remendos – mas as expressões são as mesmas. Mesmo estando todos usando máscaras, cada um por quem passo pela rua tem olhos desolados. Todos temos, e esse é um dos motivos pelos quais a superpopulação deixou de ser um problema.

O mercado é mais um corredor comprido em formato de U do que um mercado como se via antigamente. Entro pela direita e passo pelas prateleiras de ambos os lados. Diversas caixas de plástico transparente estão dispostas lado a lado, mostrando centenas de pílulas em seus interiores. Só se pode diferenciá-las por formato – até a cor é meio parecida. Tiro meu saco de pano do bolso. Foi bom checar a lata das pastilhas em casa antes de sair. Ele é verde, pequeno, retangular, do formato da minha tela de vidro. O suficiente para as

píulas dessa semana. Procuo minhas pastilhas mastigáveis preferidas, as que têm menos gosto de sal e pó. Identifico o formato circular, com uma depressão no meio. Conto a quantidade direitinho, e deposito as pastilhas no saquinho. Ainda escolho umas poucas pastilhas extras de alucinógeno, porque espero aproveitar meu dia de folga e sair com alguém.

Com o saco cheio, me viro para observar as costas da pessoa à minha frente, que ainda não terminou. Observo que ela pega píulas não mastigáveis, completamente brancas. Alimento - minerais, nutrientes e tudo o que o corpo precisa ingerir para o funcionamento - vem em pastilhas mastigáveis. Píulas que precisam ser ingeridas com água são outra coisa. Mas não consigo identificar o que é.

— O que são essas píulas? — Pergunto para a mulher à minha frente.

Quando ela se vira para me responder, entendo que minha pergunta foi estúpida.

Preso ao seu corpo por grossas tiras de pano está um útero de vidro. Meus olhos são atraídos pelo bebê quase completamente formado ali dentro. Um pequeno tubo se liga à barriga do bebê, onde logo ficará o umbigo, e eu sei que monitora cada passo do crescimento daquela criança. Ele está virado de cabeça para baixo, e posso ver que é um menino. Pequenos cabelos já crescem em sua cabeça. Não é uma visão bonita - ele parece um joelho - mas é mágico. Todos nós começamos a vida em invólucros sintéticos.

— São hormônios para a produção de leite — ela responde.

A mulher é extremamente magra, e penso no quanto ela não daria para ter uns lipídeos extras em seu corpo para se tornar mais atraente. Mas pílulas para engordar são balela, e só gastando muito para comer comida de verdade, produzida nas estufas. Ou ir pelo mercado negro.

Se ela já está comprando essas pílulas, é porque o bebê deve nascer a qualquer momento. Ainda bem que o útero de vidro avisa com antecedência que a criança está pronta, para que a mãe ou o pai possa ir tranquilamente a um hospital, onde o útero será aberto por uma pessoa competente.

A senhora de hoje nunca pôde experienciar isto. Ela nunca comprou as pílulas cor de leite, nem ouviu o alerta do aparelho.

A futura mãe passa seu chip em um dos leitores no fim do corredor, sai do mercado, e segue sua vida, seus passos lentos sob o peso de uma nova vida. Ouço o barulho do leitor, e logo me encontro do lado de fora, subitamente escuro. As nuvens que escondiam o sol agora estão gordas e escuras, e a chuva não vai demorar a cair. A tempestade do dia. Agora tenho que me apressar. Na última semana, a água estava particularmente ácida, e avisos apareceram nas nossas telas de vidro: evitem sair na hora das tempestades, abriguem-se

dentro de prédios. Os toldos seriam recolhidos para que não fossem danificados.

Começo a andar e logo apresso o passo. Já ouço o baixo barulho dos toldos sendo recolhidos, girando para dentro dos postes. Os que não conseguirão chegar em casa se refugiam dentro de lojas. Raras são as que têm atendentes, então ninguém se incomoda com as pessoas que entram, mas não comprarão nada.

Preciso de 15 minutos para chegar em casa. O saco com as pastilhas está bem fechado dentro do meu bolso, então começo a trotar. Viro esquinas ao lado de outros que também correm para chegar em casa. Canso rápido, respirando através da pesada máscara. Quando finalmente chego ao saguão do prédio, estou esbaforido e suado. Passo meu chip pelo leitor, que libera a porta para as escadas. Aqui o ar já é bom o suficiente para tirar a máscara, porque temos alguns filtros de ar espalhados. Seguro o conjunto de tecido e tubos que cobre a boca e o nariz na mão esquerda, e me agarro ao corrimão para me lançar pelos próximos sete lances de escada. Aqui, a taxa do elevador é extra, porque energia elétrica não é barata.

Chego na frente da minha porta ainda mais suado e esbaforido. Passo o chip no leitor da porta e entro no momento que a chuva cai com um rugido intermitente. As tempestades são sempre violentas, mas nunca duram mais que duas horas. A porta se fecha com um *clique* atrás de mim e começo a tirar minhas roupas. Elas coçam, e não há

muito que eu possa fazer sobre isso. A produção de algodão é limitada, então roupas novas são poucas e caras. Me sento na cadeira na frente da grande janela de vidro refletivo. Nu como vim ao mundo.

Me lembro que deixei as pastilhas no bolso da calça, agora largada no chão. Me levanto com um suspiro e as alcanço. Guardo tudo dentro de uma caixa de plástico transparente com divisórias, e aproveito e pego uma pílula de bebida. Esquento um pouco de água dessalinizada na chaleira elétrica e jogo tudo numa xícara. A pílula derrete e vai dar um sabor doce àquela água levemente salgada. Decido não pegar uma pílula alucinógena, porque a senhora de hoje me deixou pensativo demais.

Me sento à janela novamente com minha bebida açucarada quente. A torrente de água é poderosa, e fico feliz que estou dentro de casa. Olhando em volta, meu apartamento não é muito diferente do que visitei hoje. A sala é maior, assim como a janela, mas o princípio é o mesmo: sala com uma mesa para duas pessoas, sofá, um quarto e um banheiro.

Você gostaria de criar uma criança em um mundo desses?

Espero que a mulher que encontrei no mercado tenha conseguido abrigo da chuva. Algumas pessoas que fizeram pouco caso da tempestade da tarde e resolveram sair mesmo assim ficaram cegas. A

chuva estava mais ácida do que o normal, e associam isso à poluição. Por enquanto, tudo o que podiam fazer era pedir para os cidadãos ficarem em casa. Nenhuma solução. Essa água não era nem coletada, porque limpá-la seria trabalhoso e caro. Milhares de litros desperdiçados. Mas eu prefiro água dessalinizada à tóxica.

Penso em Penny, sozinha. Sua vida poderia ter sido completamente diferente: as experiências da mulher no mercado e da mãe do garotinho poderiam ter sido dela. Mas ela está sozinha, sem ninguém para acompanhá-la em seus últimos anos, marcados pela tremedeira do Parkinson.

Imagino a cena: Penny, trinta, talvez quarenta anos mais nova, chega em casa em uma noite escura. Liga a luz? Talvez; naquela época era mais barato. Mas na minha imaginação, a única luz que há na cena é a dos postes da rua. Quase fora de si, ela arranca as tiras de tecido do útero de vidro do próprio corpo. Deve ter tirado a máscara em algum momento antes. Sua expressão é selvagem. Ela ergue o pesado aparelho acima da cabeça e, com um grito de angústia, o atira no chão. O vidro se estilhaça, fluído se espalha pelo chão. O bebê de 26 semanas bate no chão com um *plosh*.

Um choro angustiado ecoa na noite vazia.

Monogamia manda lembranças

Nathaniel Diggory

Pego minha bicicleta no estacionamento do prédio e logo me lanço na rua, pedalando com animação. À noite teremos final do campeonato de surfe, e quanto mais energia eu produzir, maior será a festa. Presas ao quadro da bicicleta amarela, conectadas a um sensor na roda traseira, estão duas baterias carregadas por energia motora. O sensor é ativado por proximidade com a bateria, e assim que chegar ao escritório o retirarei da roda para colocá-lo em outro lugar.

As copas das grandes árvores de ambos os lados da rua filtram o sol, e passo com velocidade por poças de sol, agrupamentos de círculos de luz. Hoje estou na pista dos que vão rápido, mas não porque estou atrasado - quero apenas produzir bastante energia. Normalmente prefiro ficar na pista dos que vão com calma, observando as árvores e acenando para os vizinhos.

São 20 minutos de pedalada intensa até o escritório, um prédio de 5 andares com grandes janelas de vidro, pintado de cores quentes e claras. A luz do sol deixa os trabalhadores mais felizes e produtivos. O estacionamento das bicicletas é do lado de fora, mas coberto por um toldo para evitar que o sol esquente demais os bancos ou que a chuva molhe tudo. Reconheço a maioria das bicicletas ali, e deixo minha pequena amarelinha no meio de um mar de cores: azul, rosa, verde, preto, cinza.

Passo pelo saguão e aceno para o porteiro, que na verdade é o supervisor da equipe de limpeza. No computador de sua mesa do saguão, ele monitora os sinais enviados pelos pequenos robôs aspiradores e passadores de pano. Ele também os conserta na eventualidade de quebrarem, além de programar os horários em que serão liberados para passarem pelos prédios. Atualmente, está escrevendo um código para que os aspiradores deem um pequeno apito pedindo para as pessoas saírem do lugar para que os robôs possam aspirar debaixo de seus pés. Ainda está em fase de testes: os sensores ainda não conseguem diferenciar entre pernas e mobília, então fomos invadidos por algumas horas por robôs que apitavam constantemente para as pernas das mesas saírem do caminho.

O elevador está vazio. Não somos muitos funcionários na empresa, porque alguns preferem trabalhar em casa. Cerca de dois terços dos empregados do departamento de marketing e mídia trabalham no

escritório. Um pedaço do tapete sob meus pés está dobrado para cima, provavelmente por causa de algum aspirador trocando de andar. Estendo o pé para arrumá-lo, e noto que a madeira está marcada.

A grande parte da madeira que temos hoje é de tempos passados, cuidadosamente preservada. Poucas árvores são derrubadas para madeira hoje em dia, então uma chapa de madeira como a do chão do elevador tem, no mínimo, 80 anos. Tem um sulco fundo nessa chapa, em um lugar que fica sempre coberto. Afasto o tapete colorido e descubro a continuação do sulco. Ele forma um desenho de coração, um pouco torto e comprido demais. Não é grande, mais ou menos do tamanho da minha mão. E dentro desse coração desajeitado está escrito: A + T.

Levanto as sobrelhas. Quem que deixou aquilo passar? A madeira é fina demais para ser lixada ou algum trabalhador de uma usina de reciclagem achou o coração simbólico? Um símbolo de amor monogâmico de jovens que nasceram no começo do século passado.

O elevador apita. Coloco o tapete de volta no lugar com o pé e saio. Todos já estão em seus respectivos computadores. Acenando para vários no caminho, me sento no meu lugar. Coloco as baterias em cima da mesa. O sensor das baterias vai em uma faixa que amarro à

canela. Não consigo ficar parado, minha perna se mexe para cima e para baixo quando estou sentado. Uso meu hábito a meu favor.

Dave rola sua bola de ioga mais perto de mim. Eu prefiro me sentar em uma cadeira ergonômica do que em uma bola de ioga, mas ele diz que fortalece suas pernas.

— Como vão as baterias para hoje? — Ele pergunta.

— Estou há uma semana pedalando o máximo possível durante todo o meu tempo livre, e tenho vivido no escuro — respondo. — Já sei onde fica cada coisa da minha casa sem precisar abrir os olhos.

— Você não se acha aficionado demais por surf? — Dave sorri com suas grandes bochechas.

— Você quer dizer que não entende meu amor por um esporte em que vemos um monte de gente bonita seminua arriscando a vida em lindas ondas?

— Você é muito fútil — ele balança a cabeça. — E não está enganando ninguém com essa história de “festa”. Todo mundo sabe que você vai chamar todos os seus parceiros e seu apartamento vai virar um puteiro.

— Isso é maldade — faço biquinho. — Só porque você já está procurando um relacionamento monogâmico, não quer dizer que o resto das pessoas de 30 anos queiram.

— Cansei da poligamia — Dave dá de ombros. — Muito inconstante para mim.

— Boa sorte em achar algum monogâmico com menos de 60 anos — abro um meio-sorriso. — Por sinal, sabe o que eu achei no elevador? Acho que você vai gostar. Um coração entalhado na madeira do chão, coberto pelo tapete. Com duas letras dentro, que nem nos filmes do século XXI! Não é incrível?

Dave grunhiu uma risada.

— Seu babaca — ele rolou sua bola de ioga de volta para o lugar, ainda que não fosse longe.

Me volto para o computador. Preciso terminar um comercial, mas toda vez que a sexy usuária do alucinógeno se vira para a câmera com uma bala azul entre os dentes, seu pescoço se torce em um ângulo antinatural. Já vi alguns filmes de terror que a criança possuída pelo demônio faz exatamente isso.

Rodo a animação novamente, mas a modelo continua quebrando o próprio pescoço com olhos que convidam para uma noite de promiscuidade.

— A Victoria veio? — Pergunto para qualquer um que me ouça. — Ela é a melhor em animação 3D.

— Foi na entrevista dela — Rosa, à minha direita, responde.

— Ela está empenhada em ter esse bebê — Dave comenta.

— Ela já escolheu o cara e organizou toda a papelada — Marie, do outro lado da mesa, comenta, coçando os pelos da barba que ainda lutam contra os hormônios de transição. — O que falta é a avaliação psicológica, aí é esperar o governo permitir.

Conseguo imaginar perfeitamente Victoria, com sua massa de tranças azuis, debruçada por cima de um berço, brincando com um bebê de pele tão escura quanto a dela. Temos acompanhado o processo dela há meses. Mas isso significa que meu comercial continuará parecendo um trailer de terror. Dou um suspiro.

— Alguém precisa de ajuda em alguma coisa? — Pergunto mais alto para o resto das longas mesas retangulares na sala. — Só a Victoria vai poder me socorrer.

Passo o resto do dia ajudando outras pessoas com seus próprios comerciais e linhas de código. O mercado do sexo cresceu nos últimos 50 anos, e uma boa parte da equipe de marketing está ocupada com o nosso próprio site de conteúdo adulto que deve sair nos próximos meses. Estão preparando uma super entrevista com a diretora dos vídeos, que reitera que o trabalho é ético e que todos os atores são muito bem tratados e ganham um pagamento justo. É claro que o site

também faz propaganda dos outros produtos da empresa - brinquedos sexuais e fantasias.

Esperamos que esse projeto seja menos controverso que o alucinógeno, que melhora a experiência do sexo sem dificultar o julgamento. A droga estimula apenas os lugares certos do cérebro, mas causou muita desconfiança nas pessoas, e é proibida em vários países. Mas os números não mentem - o povo adora. É esta a balinha azul na boca da minha modelo com pescoço quebrado.

No fim do expediente, mando uma mensagem para Victoria, pedindo para que ela me ajude amanhã. Provavelmente vou estar parecendo um zumbi, mas tudo valerá a pena. Toda a minha movimentação do dia me rendeu uma boa carga nas duas baterias. Em casa, tenho ainda mais duas cheias e duas pela metade, que estão mantendo minha geladeira e as tomadas funcionando. Toda a comida e a bebida estão compradas, e tenho uma caixa dos comprimidos alucinógenos azuis.

Quando entramos no elevador, mostro para os que me acompanham aquela pequenina memória monogâmica do passado. Rimos; os hábitos de muito antes nos são estranhos. Mas temos que concordar que o gesto é bonito, e que durou várias gerações.

— Ai ai, como o vandalismo é poético — Marie suspira exageradamente.

Rimos novamente. O entalhe de coração é divertido e único, e ter algo tão antigo sob nossos pés traz um ar quase nostálgico. Nostalgia de nosso consciente coletivo, sentida por nós em nome de A e T, quem quer que tenham sido.

Volto para casa pedalando como um condenado. Isso termina de encher as baterias e me deixa suado. Deixei o apartamento arrumado na noite anterior, tamanha a ansiedade. Provavelmente o erro na animação 3D foi por minha falta de atenção por conta da final de surfe, e Victoria deve apontar isso amanhã. Mas esse tempo perdido no trabalho vale a pena. Não tomei banhos gelados no último mês para nada.

As baterias estão no lugar, todas as lâmpadas da casa estão ajustadas para brilharem em tons fracos de azul, deixando o ambiente escuro. Os sofás vermelhos ficam roxo-escuro. Me sento no sofá maior, balançando a perna para cima e para baixo. Dez pessoas. Daqui a pouco, o apartamento abrigará nove outras pessoas, todas aqui por minha causa, para ver a final. Dave é louco. Como se prender a uma pessoa só, principalmente em um dia importante como esse? As pessoas me atraem, não é minha culpa, nasci assim. Quero amá-las todas.

Soa a campainha.

ampulhet@

crônicas futuristas

Nathaniel Diggory escreveu seu primeiro romance aos 11 anos e espera vê-lo publicado depois de 7 anos de reescritas e revisões. Pretende começar a faculdade de escrita criativa no exterior em 2021. Sua vida até agora se baseou em sobreviver ao ensino médio, organizar sua estante de livros por cor, amassar seus dois cães, e ver animes japoneses. Sonha em se tornar uma escritora rica e famosa para sustentar seus hábitos literários e seus futuros cães resgatados. Essa é sua primeira publicação.



ampulhet@

crônicas futuristas



BRASIL - PERNAMBUCO

Geóz Rodrigues de Melo

2061: O Encontro Com o Halley

2061: Uma Noite Sublime



2061: O Encontro Com o Halley

Geóz Rodrigues de Melo

Não há nada como o sonho para criar o futuro. Utopia hoje, carne e osso amanhã.

Victor Hugo

Para aqueles com poucos recursos, ou com pouco tempo de sobra, ver a passagem do cometa Halley imerso na realidade virtual, por meio de holossalas 5D, era a opção perfeita. Contudo, havia uma segunda opção: o pacote exploratório COMETrip, oferecido por uma empresa de turismo espacial, que prometia um passeio pela órbita da Terra para ver o Halley o mais perto possível com comodidade e segurança. Prefiro emoções reais, por isso, não pensei duas vezes ao escolher a última opção. Mesmo assim, estava inseguro se atenderia às minhas expectativas.

Na hora marcada cheguei à plataforma de lançamento do foguete. Todos, à minha exceção, usavam capacete e trajas espaciais, algo não necessário neste tipo de passeio, com certeza queriam ficar parecidos com personagens de holofilmes de ficção científica.

Sentei-me na poltrona reclinável próxima ao corredor. Avistei um casal com seu filho de mais ou menos sete anos, a mesma idade que tinha quando o cometa passou pela última vez em 1986 e infelizmente não pude vê-lo. Fiz alguns ajustes no assento e confortavelmente me deitei. Podia ver todo espaço exterior pelo grosso vidro reforçado e protegido contra radiações.

Após algum tempo, atravessamos a termosfera e chegamos à exosfera. O foguete posicionou-se no local adequado. Um observador externo, vendo essa cena poderia dizer que levitávamos. Aguardamos. Cerca de vinte minutos depois, avistamos o cometa em todo seu esplendor, em todos os seus detalhes: desde a magnífica cabeleira até a enorme cauda fumegante. Nenhuma experiência se assemelhava à tal visão. Estava paralisado, não sentia o tempo passar, mas só perceberia esse fato depois. Se esse estado perdurou por um minuto ou meia hora, não sei dizer. Acredito que todos que entram em contato com o sublime ficam paralisados pela experiência.

De súbito, quando havia saído do transe, fiz contato visual com o garoto que mencionei. Uma forte ligação havia se formado, por meio

de uma simples troca de olhares, revelando-se uma forte cumplicidade nessa comunicação sem palavras. Para as demais pessoas a bordo a visão do Halley assemelhava-se a apenas um show pirotécnico, mas tínhamos visto além.

Estava tão concentrado na passagem do cometa que tinha me fechado para tudo mais. Por isso a viagem ainda me forneceria uma última surpresa quando, ao regressar, pude ver toda a grandeza da Terra de maneira nunca antes imaginada.

Passado alguns dias, assisti à gravação do passeio fornecida pelo pacote COMETrip. Percebi que, apesar de toda tecnologia que temos, estamos à anos-luz de distância, quando se trata de conhecer nosso universo interior.

A viagem atendeu a todas as minhas expectativas e foi além ao extinguir todas as dúvidas existenciais que sempre tive. Agora, posso afirmar veementemente que tudo no universo está ligado. Nessa jornada cabe a cada um desempenhar a tarefa que lhe compete. Essa foi a minha lição final e a mais importante que tive.

2061: Uma Noite Sublime

Geóz Roodrigues de Melo

Fiquei acordado a noite toda, passei frio, cansaço e sono, mas não trocaria essa noite por nada do mundo. Havia gasto o equivalente a comida para duas semanas numa antiga luneta, mas, se fosse necessário, pagaria o dobro. Da última vez que o Halley passou eu tinha apenas 7 anos e infelizmente não o vi, mas dessa vez foi diferente.

A noite estava límpida e iluminada pela superlua, não havia nuvens no céu. Se os ateus contemplassem essa noite pelos meus olhos, vendo toda a beleza das estrelas, jamais duvidariam da existência de Deus: não há como ver todo esse esplendor e afirmar que o universo surgiu ao acaso.

Esperava pacientemente. Cheguei a ver algumas estrelas cadentes. É interessante que passei anos sem nunca ter visto nenhuma. Fiquei horas com a cabeça virada para o céu e nada. Acho que sempre olhava pro lado errado.

As pessoas sempre acreditaram que o aparecimento do Halley era um sinal do fim dos tempos, que o cometa era o precursor do fim do mundo. Essa crendice persiste. Mas o que se esperar? Desde a última

grande guerra nada é mais o mesmo: o pulso eletromagnético lançado no planeta apagou toda informação que tínhamos. Foi um adeus à revolução digital. Restou apenas a informação impressa. Demos adeus ao avanço científico. Hoje, de muitas maneiras, a forma de viver da humanidade assemelha-se à vida simples que meus avós tiveram. Os livros que restaram estão escassos assim como a informação, mas mesmo que não tivesse sobrado nenhum livro eu já sabia com precisão a data exata de sua volta. E pacientemente esperei.

Já eram quase 4 horas, quando finalmente apareceu brilhante no céu. Pude ver desde sua magnífica cabeleira até sua enorme cauda fumegante. Fiquei hipnotizado, imóvel. De repente, o sol apareceu no horizonte. Permaneci em estado contemplativo por mais de duas horas. O tempo passou e não notei.

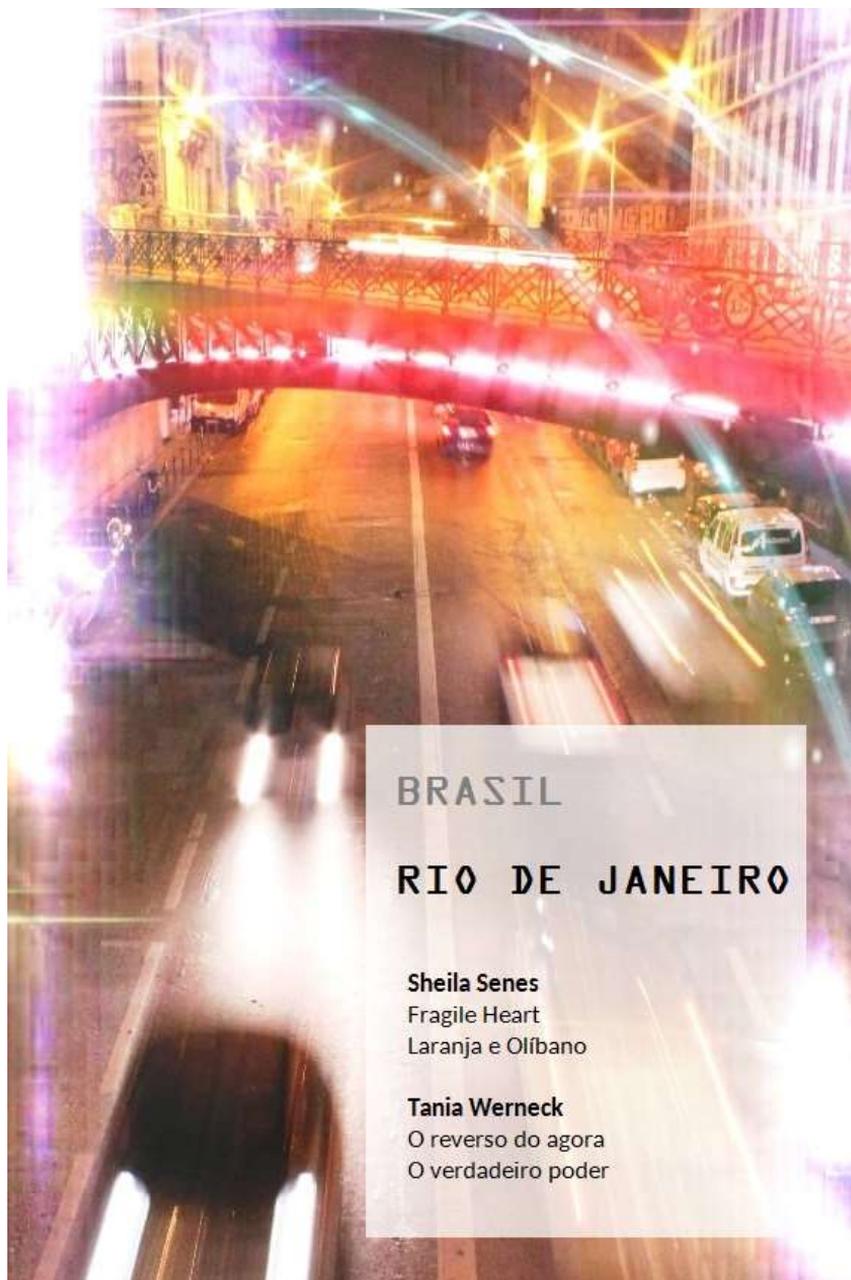
Não existem palavras para relatar minha experiência. Nunca havia entrado em contato como o sublime, nem sentido sua força. Atônito, diante de tamanha impressão, sou impelido a registrá-la, mesmo sabendo que não há palavras para descrevê-la.

A cada 75 ou 76 anos o Halley completa sua jornada em um eterno ciclo que, de forma análoga, se assemelha à jornada de nossa própria existência. Não sei o há além do véu, mas estou cada vez mais perto de descobrir.

Geóz Rodrigues de Melo nasceu na cidade pernambucana de Águas Belas, onde ainda reside. Leciona no Ensino Fundamental há mais de 20 anos. Adentrou no universo da leitura desde pequeno. Passa essa paixão para seus alunos. Em momentos de descontração escreve contos, poemas e uma fábula. Está se aventurando em crônicas. Possui um livro infantojuvenil ainda não publicado.

ampulhet@

crônicas futuristas



BRASIL

RIO DE JANEIRO

Sheila Senes
Fragile Heart
Laranja e Olíbano

Tania Werneck
O reverso do agora
O verdadeiro poder



Fragile Heart

Sheila Senes

Ontem foi mais um dia comum. Minto. Ontem foi um dia especial. Foi um dia de apresentação. Cantamos num coral. E como todo dia de show, vamos nos preparando desde cedo. Separando a roupa e tudo o que vamos levar para o evento.

O dia estava bonito, ensolarado. Merecia um bom café. Preparei meu café na máquina nova, e as torradas, fiz no meu aparelho antigo. Ele não é muito moderno, mas é bem eficiente. Ele está ligado ao reservatório de pães, e ele mesmo puxa as torradas para serem esquentadas. Tem a opção de passar, depois, manteiga ou requeijão. Deixo essa tarefa para mim mesma. Acho bom. Ativo do meu quarto, e enquanto estou no banho, a cozinha já começa a trabalhar.

E, como disse acima, íamos cantar. E íamos cantar em São Paulo. É bem interessante esse evento. E, se tivesse tempo depois, iria passear pelas lojas dos Shoppings. Já tinha até separado minha bolsa.

A viagem é bem rápida e confortável, 20 minutos da estação de trem interestadual atômico. E, para chegar à estação, levamos cerca de cinco minutos de subway (o antigo metrô). Temos subway a todo quarteirão em toda a cidade, e em todos os estados do país.

As apresentações presenciais são divertidas. Gostamos de estar juntos. Fazemos também apresentações internacionais. É fácil também ir para o exterior com esse novo serviço de aero-ônibus. Nos leva para outros continentes e hemisférios em até 5 ou 6 horas. Dá para ir e voltar no mesmo dia, dependendo da nossa agenda.

Temos também as apresentações não presenciais. Que são as holográficas. É curioso fazer. O grupo pode estar ou não reunido. E transmitimos o coral todo via satélite-quantum. E chega bem 'nítido', em 3D, com ótima imagem e som. Preferimos cantar ao vivo e a cores. Porém, essa nova tecnologia está fazendo sucesso. E algumas das nossas apresentações 'quantum' foram parar nas bases da Lua e de Marte. Ficamos felizes em alegrar o pessoal que está em terras extraterrestres.

De todo modo, estava me preparando para essa festa, até que meu celular deu o aviso 'Fragile Heart'. Fiquei atenta e um pouco preocupada. Já que esse alerta é indicativo de que algum parente ou amigo está próximo de sofrer um infarto. É comum recebermos esse aviso de problemas de saúde de alguém próximo. É uma rede de apoio para caso precisem de ajuda extra. Dificilmente precisamos nos

deslocar para acudir alguém, pois temos vários centros de saúde em cada bairro, e, além disso, temos dispositivos em nossas próprias casas que solucionam a maioria dos casos médicos. E, ainda, temos assessoria de médicos que nos atendem online, e na pior das hipóteses, vem à nossa casa, se a nossa opção for o tratamento em nossa residência.

Consultei o meu dispositivo, e vi que era o nosso maestro que estava com o problema. E agora? Será que ele estava suficientemente bem para acionar o computador e o tratamento online, ou ele escolheu ir ao centro de saúde? Em frente à casa dele há um centro desses. Fiquei monitorando o celular para ver o que acontecia, e enquanto isso ia me aprontando. Só faltavam alguns detalhes.

Ao mesmo tempo em que toda a sua rede de amigos e parentes fica sabendo do ocorrido, a Central de Saúde mais próxima também fica sabendo do problema e já direciona para a casa do cidadão um tratamento.

Repito que me faltavam somente alguns preparativos, como imprimir o roteiro, as partituras e alguns outros detalhes. Imprimo sempre numa caderneta que serve como diário de bordo das apresentações. Como é muito fácil fazer esse processo, faço sempre. É só pegar o meu celular, com a imagem ou documento na tela, mirar para a caderneta ou superfície que queira ficar a impressão, e apertar o botão print. Os

raios de luzes a laser, são rápidos e certos. A gente escolhe o tamanho e cor que quiser. Foi uma operação simples. E, em minutos, já estava com tudo impresso na minha caderneta/diário.

Fazia isso, sem tirar os olhos no monitor do computador, que agora já tinha ligado para acompanhar melhor o atendimento do maestro. Ele optou em ficar em casa mesmo. E, vi o tratamento ser feito. Ele colocou o dedo indicador no anel de pulso magnético, e recebeu incentivos elétricos e aromáticos, que estão acoplados em todos os computadores residenciais. Esse procedimento foi indicado para desobstruir as artérias e regularizar o coração. Logo após, ele conversou com o médico online, descansou um pouco, e em 20 minutos, já estava novo.

Fiquei contente com a recuperação dele, e vi a manifestação de todos os familiares e amigos dele, com mais esse sucesso.

E, com isso, não houve atraso nem em nossa viagem e nem na nossa performance. Tudo correu dentro dos conformes. E ainda deu tempo para eu comprar uma lembrancinha no Shopping.

O grupo foi estupendo na performance. E o maestro brilhou e foi vitorioso em sua jornada, com seu novo coração turbinado. Agora, se recebêssemos uma mensagem seria 'Ex-Fragile Heart, Now Strong Heart'.

Laranja e Olíbano

Sheila Senes

Nada mais divertido do que reunir amigos em sua casa. E assim foi combinado. Iria receber os amigos com salgadinhos, bebidinhas, e jogos de tabuleiro. Ah, iríamos também discutir e divagar sobre a 'mágica' que aconteceu, alguns poucos anos depois da pandemia de 2020. Estávamos a fim de fazer um documentário curta-metragem. Nada muito sofisticado, mas com perguntas, e talvez, respostas duvidosas, ou não. Sei lá.

Passados um pouco mais de 10 anos, já estávamos distantes o suficiente para visualizar aquele momento histórico. Que não podemos negar de ter sido um ano pesado. Com perdas de vidas, de negócios, de oportunidades. Quem sobreviveu, teve uma surpresa nos anos seguintes. Uma surpresa positiva.

O que parecia um poço sem fundo, uma queda livre, o planeta indo ladeira abaixo, acabou presenciando uma reviravolta incrível e inacreditável.

Os amigos chegaram e já fomos fazendo nosso lanche, e bebendo o que estava servido. Juguinhos são sempre bem vindos, e nos motivam a pensar, raciocinar e a viajar nos assuntos a serem conversados.

O tal projeto sobre o mini-documentário era um desejo, mas não sei se seria uma espécie de ficção, já que as ideias do que havia proporcionado aquela virada de status, ia do plausível ao absurdo. Mas, assim que é bom. E assim começamos a discutir sobre o tema.

Primeiro, falamos como aquele momento de trevas, em alguns meses, virou uma festa de luz. Foi impressionante. Parecia mesmo que uma lâmpada tinha se acendido. Ninguém sabia explicar se tinha sido um fenômeno físico, paranormal, erupção, tsunami, sei lá. Uns diziam que um planetoide entrou na órbita terrestre, ou próxima o suficiente, para irradiar magnetos que foram responsáveis por interferir energeticamente na atmosfera terrestre e também no cérebro dos terráqueos. É bem verdade, que durante alguns dias, todos sentiam uma espécie de choque leve na cabeça. Não havia dor, mas foi esquisito. Alguns outros diziam, que ETs estavam colocando chips na mente das pessoas. Bem, não sei dizer o que foi. Mas o que aconteceu foi que o discurso e o comportamento de muita gente mudou. E, mudou para melhor.

Explico. Muitos indivíduos com caracteres duvidosos, malandros e sem ética começaram a ter mais consciência das coisas e a ter mais

empatia. Aquele espírito de negacionista, acabou. Absurdos que ouvíamos até então, foram calados. Terra plana? Parece que nunca ninguém tinha dito nada a respeito. Parecia realmente um feitiço. Os cientistas ainda procuram saber que ocorrência foi o responsável por tudo isso.

Parecia que essas pessoas que estavam levando o planeta ao seu pior momento, tinham feito um tratamento relâmpago com um psiquiatra, ou terapias com psicanálise, ou terapias holísticas, ou ainda, se elevado espiritualmente.

O caso é que, de repente, a pandemia de 2020 lavou a Terra dos vilões. E quem ficou foi transformado em mocinho.

A mudança foi geral. Não só aqui no Brasil. As atitudes, principalmente, dos políticos passaram a ser exemplares. Eles começaram a priorizar a população, o meio ambiente, e o bem estar geral.

Inacreditavelmente, todos, crianças e adultos, tinham escola gratuita de ótima qualidade, e , próxima às suas residências. Residências com água, luz, gás, internet, móveis, roupas, e tudo para uma vida decente e produtiva. Hospitais gratuitos e empregos para todos, é a nossa realidade atual.

A segurança é bem satisfatória em todos os bairros e municípios do país. A milícia e os traficantes praticamente sumiram. Há uma polícia inteligente, sem armas de fogo. Tudo parece funcionar muito bem.

Com toda essa informação e mais algumas, eu e meus amigos começamos os joguinhos e fomos debatendo o que poderia ter causado isso. Um disse que acha que os pequenos choques vieram com um perfume leve de laranja com olíbano. Outros, acharam que poderia ter sido um meteoro ou disco voador, mas não descartava os aromas mencionados. Como eu estava os ensinando sobre óleos essenciais, não achei estranho eles mencionarem esses aromas. Porém, achei engraçado eles inserirem isso nesse quase milagre. Se bem que ouvi na TV alguém dizer que sentiu aromas durante as descargas magnéticas.

E, eu perguntei como poderia um planetoide, ou um alien passar por aqui e jogar um pouco de óleo essencial de laranja e de olíbano nos terráqueos e ir embora para ver o que acontecia. Achei meio fantasioso. Mas, como ninguém sabia ao certo o que aconteceu, quem sabe...

Meu amigo mais velho disse que poderia ser, já que não seria impossível haver laranjas e árvores de olíbano fora da Terra. E que seriam seres mais avançados e sábios nos assuntos de aromaterapia e conhecedores de sua eficácia. O óleo de laranja não dá alegria,

levanta o ânimo e tira o peso dos ombros e qualquer dor? E, o olíbano? Não eleva as pessoas a uma categoria superior? Não é um óleo sagrado? Ele também não protege as pessoas das energias negativas? Não foi isso que aconteceu? Os 'malévolos', que deveriam estar sob influência de energias pesadas, receberam as tais fagulhas magnéticas banhadas em laranja e olíbano. E, por isso, saíram do domínio desta intervenção prejudicial?

Eu, olhei para a cara da turma, e quase ri. Não sei se já tinham bebido suficiente e isto era reflexo da sua embriaguez. E disse que eles estavam cansados e viajando na maionese. Apesar dessa hipótese ser quase absurda, não seria mau se tivesse acontecido. Mas, como poderia ter acontecido isso? Como ficção, poderíamos colocar no filme, mas não como documentário histórico.

Contudo, na verdade, parecia mesmo que esses seres abomináveis estavam diferentes como se tivessem sido tratados com esse óleos maravilhosos. E, pensei comigo que seria tão bom se todos pudessem manter essa transformação para sempre. E, acho que seria possível. Principalmente, se usassem os tais óleos essenciais.

E, não posso deixar de ver que o planeta hoje está em paz, sem desigualdade social e sem nenhuma espécie de intolerância. Há respeito entre as pessoas, e consciência. Todos têm oportunidades

iguais e podem fazer o planejamento que queiram, pois podem cumprir e realizá-los. Que isso se mantenha para sempre.

Sei que no fim da brincadeira, marcamos uma nova reunião para jogarmos e conversarmos sobre o tal filme. Seria uma ficção ou um documentário histórico? Não tínhamos ainda decidido.

Ah, e para coroar a noite de tanto papo, entreguei a cada um deles um colar aromático com olíbano e laranja. Só para garantir, né?

Sheila Senes é natural da cidade do Rio de Janeiro. Graduada em dois cursos, sendo um deles Licenciatura em Letras (Português/Inglês). Pós-graduada Lato Sensu em Língua Portuguesa. Participou de 6 livros de coletâneas de Crônicas e Contos, de diversos autores. Foi professora de Inglês e Português em alguns cursos privados. Atualmente canta em três corais amadores e estuda na área de terapias alternativas e integrativas.

◊ reverso do agora

Tania Werneck

Mais uma manhã, após o banho, vou preparar o café e tento me atualizar, logo vem no pensamento como está sendo difícil o agora! As nossas vivências tão pesadas, alarmantes e até desmotivadoras!

Ouçó o canto dos pássaros vindo de uma árvore frondosa bem em frente à minha janela. É aí, nesse local, que busco mais um sopro de força para continuar. O barulho do caminhão de coleta do lixo chama minha atenção e por ele me deparo com o cotidiano.

A cena diária dos homens com seus mantos alaranjados, em meio às corridas curtas, seus diálogos carregados de risadas, incentivo, cumplicidade e solidariedade entre eles, formam em mim, o conceito da beleza do simples.

E na tarde, a brisa abraça e acalenta as folhas, o sol morno brinca entre as folhas por longos e abençoados momentos, o grasnar dos pássaros me faz o mesmo convite: voltar à janela. A rua calma e arborizada assinala o prenúncio da noite e também uma esperança em um novo amanhã, reverso do agora.

Então, a imagino na figura de um menino, de pés descalços, cujo corpo é embalado pela música da vida e coberto de amores proporcionais ao cheiro que a relva coberta de gotículas deixa silenciosamente em cada amanhecer.

Momento mágico do encontro e reencontro com uma nova crença na prazerosa e única condição humana, um futuro não utópico, mas possível, cuja ações humanitárias, simples e leves, conseguiram coroar e libertar o cotidiano da fome, da desigualdade do desamor.

◊ verdadeiro poder

Tania Werneck

Em mais uma manhã, estou presa às preocupações sobre o contexto histórico-político-social que estamos vivenciando. A velocidade de informações e do próprio tempo estão mexendo e atingindo todas as pessoas, e, precisamente neste ano de 2020, me sinto massacrada com tantas informações, mudanças, ufa! Talvez isso explique o porquê estarmos tão ansiosos, inseguros e exaustos, ainda mais quando nos vimos atingidos por tantos eventos.

E tem um acontecimento que particularmente costumo considerar e nominar como sendo, uma nova praga! A tão potente e destruidora Fake News! Sua força se espalhou e explodiu com uma rapidez, incrível, em 2018. Em alta, nos meios de comunicação, redes sociais, nas vizinhanças, nos condomínios, nos bares, nas favelas, mentiras chegaram dominando tudo e todos, e, com elas, surgiram memes, a propagação da segregação social, econômica, regional, racial, mas exclusivamente, o culto a mentira, a falácia!!

Eu jamais poderia acreditar que a força desta tal Fake News conseguiria colocar como chefe do executivo de um país a personificação grosseira e sem a beleza simples de uma marionete criada pelo escritor italiano, Carlo Collodi, em 1881, o Pinóquio, cuja aventura, por mim lida, era a de um boneco feito de madeira, que tinha o sonho de tornar-se humano e que, para atingir seu objetivo, usava mentiras que eram delatadas pelo crescimento desordenado de seu nariz, uma medida corretiva, aplicada por uma fada (pedagoga, claro!) e vivia se metendo em encrenca!

Nos contos de fada, o Pinóquio até me é simpático, mas o da vida real pode e deve ser reconhecido com outro nome. Não me inspira nenhuma empatia, o seu objetivo é demonstrar o quanto valoriza ser desumano, contraditório a pureza que leva o Pinóquio a mentir, demonstra a cada gesto, sua crueldade e tirania. O que o delata é o próprio, ao utilizar-se de suas redes sociais e todo o tipo de veículos de comunicação para proferir seus despautérios, desmandos e fomentar todo tipo de separação.

Como o tempo passa rápido, quase meio-dia! a campainha da porta toca insistentemente,. Uma criança vizinha, me chama para apresentar com um grandioso e iluminado sorriso, seu novo cãozinho! Se este pequenino, soubesse o que fez, neste rápido encontro! Se soubesse o poder que tem! conseguiu me livrar, por maravilhosos instantes, das preocupações cotidianas, que tanto nos têm afetado.

O barulho de carros aumenta na rua. Vou fechar a janela, para abafar o ruído e, mais uma vez, me torno refém das atribuições. Uma chamada televisiva tem como manchete principal o grau de descaso do governo para o combate às queimadas que assolam nosso rico meio ambiente, boletim atualizado da COVID-19, e de imediato, meu pensamento voa de encontro aos meus afins: ribeirinhos, indígenas, caboclinhos, negros, nordestinos, LGBTQs, eu, tu e eles! Todos os que cada vez mais se sentem à deriva.

Um barulho maior se sobrepõe. Volto à janela, vejo um grupo de crianças no pátio do prédio, com meu vizinho e seu cão em uma algazarra maravilhosa. Respiro fundo, observo um casulo na árvore em frente como uma lembrança da força de transformação e renovação do homem.

De imediato, penso: Esses pequeninos não sabem o poder que têm! Um simples olhar para a energia que passam me encoraja continuar resistindo e colaborando para sucessivas, renovadas e belas histórias de conquistas, igualdade e fraternidade, nas quais o personagem outrora criado pela Fake News, após repetidamente ser delatado por seus atos, desaparecerá, engolido pela baleia criada por sua própria tirania, e incompetência. As falsas notícias não mais serão combustível para a erosão da mentira e a disseminação de valores e

segregações; o ciclo da vida seguirá seu curso... Enfim, por hoje, me vejo livre e cheia de esperança, aceito de bom grado, e cantarolo baixinho a música emblemática que me vem ao pensamento: o sol a de brilhar , mais uma vez, sem medo de ser feliz! Apenas a redescoberta de que o futuro sempre virá coroado e alimentado pelo verdadeiro poder, a dos pequeninos, com sua simplicidade, alegria e promessa de que sempre estaremos prontos em acreditar, lutar e reconquistar um igualitário e maravilhoso país, Desta vez, não permitindo que um protótipo do Pinóquio se torne presidente.

Olá, me chamo **Tania Werneck**, mulher preta, 62 anos, rica em amor por cultura, arte, gente! Socialmente, oriunda de uma família clássica das favelas cariocas (grau de pobreza extrema, família numerosa, histórico de bebidas, lágrimas, risos, lutas e muita garra, também marra!). Guerreira, decidi, orientada por uma mulher sábia e analfabeta, caminhar com e pela Educação. Assim, me tornei Pedagoga, e Pós-graduada com especialização em Educação em uma universidade partícula. Com muito trabalho, ingressei como estagiária para receber um percentual de desconto nas mensalidades, na mesma fui efetivada e lá permaneci durante 15 anos. Já aposentada, rumo a um desconhecido e fascinante futuro, cá estou, extremamente grata, abraçando mais este desafio ao me aventurar em fazer parte deste lindo projeto! Grata a todos!



BRASIL

RIO GRANDE DO NORTE

Ana de Santana

Memória em estado sólido

Rua que pulsa

Ilane Ferreira Cavalcante

Lunápolis

Memórias do ano que não acabou

Janaína Moreno Matias

Ainda haverá abra"SS"o!

悲劇被吸引了！ - Desenhou-se a tragédia!

Rosângela Trajano

A alegria da minha velhice

Mamãe e seu carro elétrico



Memória em estado sólido

Ana de Santana

Ora, vejam vocês, chego aos 80 anos. Quem diria, anos atrás, que eu e este jornal sobreviveríamos por tanto tempo. Aliás, quem diria, quando anunciei que estava com câncer, que eu sobreviveria ao jornal. Hoje, me despeço do último jornal impresso e de vocês, fieis leitores, alguns curados da ignorância pela minha insistência em denunciar descasos das autoridades do nosso país.

Mas não pensem que ficarei à toa. Cuidarei da minha coleção “Já era”. Os mais velhos sabem que antigamente dizia-se a expressão “já era” para tudo que não fazia mais parte de nossas vidas. Fosse objeto ou gente. Claro que as pessoas eu guardei apenas no coração. Já os objetos estão expostos no meu escritório, mas sem muita ordem. Organizarei tudo em prateleiras e gavetas e colocarei etiquetas para identificar a época em que me foram úteis.

Alguns objetos entraram para a categoria de “Já era” há mais tempo que outros. Os discos de vinis, as fitas cassetes e VHS são fantasmas anteriores aos disquetes, CDs, celulares tipo Motorola PT-550. Outros, inutilizados há menos tempo, me confundem. Por isso, às vezes, ainda procuro as chaves do carro e da casa, o talão de cheque, as cédulas, o cartão de crédito e o controle remoto. Reviro toda a casa até que lembro que tudo isso também faz parte da coleção “Já era”.

Os amigos e familiares com mais ou menos idade apóiam minha decisão de ter um pequeno museu particular. Os mais jovens sempre querem me convencer a jogar fora uma porção de coisas. Falam que virei acumulador. Mas quem diz o que não me serve mais sou eu, ora essa.

O conflito geracional parece insolúvel. Se para os mais novos meu museu é apenas lixo, para mim é memória em estado sólido. Por exemplo, eles acham desnecessário que eu guarde as tomografias e ressonâncias da época em que tive o câncer. Eles não sabem, mas antigamente ter um diagnóstico de câncer era aterrorizante. Não apenas porque era uma sentença de morte, mas porque o tratamento assustava, pois alguns pareciam até piores do que a própria doença. Quando descobriram a cura foi como se tivesse acontecido um milagre. E talvez tenha sido mesmo. Não para as novas gerações, que encontram todas as explicações na ciência. Que tenha origem divina ou científica, ou os dois, a cura do câncer foi uma maravilha.

O que as novas gerações não compreendem é que essa maravilha acabou com o pouco que ainda restava da consciência de finitude. Agora que nenhuma doença é incurável, as pessoas se acham eternas. Ignoram a morte e isso é tão ruim quanto tê-la nos calcanhares o tempo todo. Além disso, esquecem que apesar dos remédios que curam todas as doenças, muitas morrem porque não podem pagar os custos do tratamento. A saúde (esqueceram?) continua sendo para poucos. Se pensarmos por esse ângulo, podemos concluir que algumas pessoas, a depender da classe social, são mais ou menos finitas que outras.

Por falar em esquecer, tenho pra mim que esquecimento é uma artimanha para nos livrarmos de traumas. Acontece que isso é muito perigoso. Foi porque esquecemos a ditadura militar, que uma vez elegemos um asno fascista ou um fascista asno – nunca me decidi sobre isso – para a presidência do país, o que nos custou um grande atraso.

Hoje, só porque conseguimos corrigir nosso erro, pensam que não perdemos nada. Não se dão conta que os anos em que a ciência passou por grande desprestígio, com investimentos reduzidos, retardaram a descoberta da cura do câncer e de outras doenças graves. Muitos morreram por causa disso. Não, não podemos simplesmente esquecer a História. Se a apagamos, corremos o risco

de repeti-la. Não me admiro se entregarem o país novamente a um tolo.

A cura do câncer contribuiu para esquecermos que somos mortais, mas o sentimento de imortalidade é cultivado há muito mais tempo. A negação da morte tem, pelo menos, a idade dos centros de velórios, criados para afastá-la de casa. Vocês não alcançaram, mas antes deles, as famílias velavam seu parente falecido na própria residência. Crianças e jovens presenciavam os mais velhos cuidando do doente e depois choravam e rezavam todos juntos até a hora do enterro. Hoje em dia, a família passa uma ou duas horas com o defunto e depois vai cuidar da vida. Ninguém precisa faltar ao trabalho ou a outros compromissos. Basta escolher no catálogo da empresa funerária pessoas para fazer companhia ao morto antes de lhe darem um fim (enterro, cremação, descarte em alto mar ou em outro planeta, o que só é possível para os mais ricos). É o necronegócio. Dizem que é bom para a economia. Gera mais emprego e evita prejuízos das empresas, já que não precisam mais dispensar o funcionário quando ele perde alguém. Desse modo, esquecemos da morte. Longe do cotidiano, ela nem existe.

Ora, se é possível negar a morte, como não seria possível negar o passado? Por isso preciso das provas de que não morrera de câncer por muito pouco. Sem elas, as histórias que gosto de contar parecem invenções de velho. Mas talvez essas provas não adiantassem coisa

alguma. Outro dia mostrei um pendrive para o neto da minha amiga mais querida e ele não entendeu nada. Disse-lhe que ali estava o passado e ele, um garoto de pouco mais de seis anos, fez cara de assustado. Gritou pela mãe e lhe disse que eu queria prendê-lo naquela coisinha minúscula. Eu tentei lhe explicar que eu viera dali, do passado. Pois não é que ele me disse que eu deveria voltar ali para dentro porque, como aquele dispositivo eletrônico, eu já era.

Pois é isso, caros leitores. O jornal fecha as portas e eu me retiro para a minha coleção de “Já era”, que aumentará com mais um exemplar deste jornal. Será a lembrança de mais uma época que finda. Talvez este número não tenha tanta importância quanto os que anunciaram duas curas: a do câncer e a do país, quando se livrou do asno fascista – ou do fascista asno, nunca me decidi sobre isso. De qualquer forma, é também uma memória em estado sólido.

Rua que pulsa

Ana de Santana

Há um ano fazia o mesmo percurso duas vezes por semana. Saía de Tibau para Natal e daí para Recife. A primeira parte da viagem era de carro. Como ele estava programado, não me preocupava com a estrada. Não me cansava de apreciar o litoral. Na entrada da estação Fátima Bezerra, descia e dava o comando de voz ao automóvel para estacionar. Dali em diante, eu seguiria no Hyperloop para o trabalho na capital pernambucana.

Pela primeira vez, na mesma cápsula que eu, estava uma senhora que parecia ter um pouco mais de 70 anos. Poderia ser minha avó. Eu pretendia seguir em silêncio, como sempre, mas ela puxou conversa. Contou-me que estava indo para uma entrevista de emprego. Achei que seria difícil ela conquistar uma vaga. Não seria melhor se aposentar? Ela me disse que, pelas regras trabalhistas, não se aposentaria. Até seus pais, cujas regras eram anteriores às vigentes, morreram sem a tão desejada aposentadoria. Ao descer, numa estação antes da minha, precisou da minha ajuda para se levantar da poltrona.

Na viagem de volta, refleti sobre o assunto. Eu não costumava pensar sobre minha própria aposentadoria. Muito menos ali, embaixo da terra, em alta velocidade, aonde o movimento das ruas não chegava. O silêncio do subsolo aterrava até os pensamentos. Era preciso um esforço para não dormir.

Pela primeira vez, questionei-me sobre os ofícios que exercia. Além de programadora em uma empresa de informática em Recife, atuava como hostess em um restaurante em Tibau. Onde quer que estivesse trabalhando, achava divertido. Na juventude, qualquer oportunidade de fazer amizade é bem vinda. Mas depois da conversa com aquela senhora, uma pergunta passou a me atormentar: quando eu perderia o emprego na área tecnológica para outra pessoa mais jovem e mais atualizada? Quanto tempo agüentaria trabalhar nos finais de semana e até tarde da noite em restaurantes?

Os questionamentos foram além da preocupação comigo mesma. Que outras profissões seriam difíceis exercer na velhice? Lembrei da minha mãe, que já havia morrido, mas fora técnica de enfermagem por trinta anos. Ela me criou sozinha e, para isso, trabalhara em três hospitais. Sua rotina era puxada. Aproveitava a folga de um hospital para trabalhar em outro. Pelo que sabia, o ritmo de profissionais da área continuava do mesmo jeito. Minha mãe teria agüentado isso na velhice?

Pesquisei e descobri que as leis anteriores eram mais favoráveis aos trabalhadores. Tanto no que se refere à idade mínima para aposentadoria, quanto à estabilidade no emprego e à carga horária máxima de trabalho permitida. Quando foi que as pessoas aceitaram perder tantos direitos? Elas estavam dormindo, por acaso? Tomaram algum tipo de entorpecente? Muitas delas estiveram nas ruas, eu sei. Vi fotos e vídeos antigos de manifestações contra a mudança nas leis. Muita gente enfrentou a violência da polícia com coragem. Mesmo assim, apesar de muitas pessoas nos protestos, não foi o suficiente para incomodar os legisladores. Era preciso que mais gente se integrasse à causa.

Que eu saiba minha mãe nunca participou de nenhum movimento social. Acho que ela não entendeu que era preciso se juntar a outros trabalhadores se quisesse garantir algum direito. Não lutou por ela e nem por mim, pois eu estou condenada a trabalhar a vida inteira. Assim como minha mãe, muitas pessoas não se importaram. Talvez até tenham criticado quem protestava. Mas e eu? Por que demorei tanto a me preocupar com o futuro?

Eu sempre me achei uma pessoa atualizada, o que significava, para mim, não descuidar do visual e ser solidária. Acreditava que viver mais perto da praia me fazia uma pessoa menos careta. A roupa leve e colorida, que doava quando comprava algo novo, e a contribuição a

uma instituição de caridade combinavam com minha aparência descolada.

Acontece que me dei conta de que eu era tão alienada quanto à filhinha do papai rico. Não me engajava pra valer nas questões sociais. Ainda bem que uma espécie de epifania, provocada por uma senhora trabalhadora, acendeu uma faísca e aqui estou eu questionando meu papel no mundo.

Mais. Aqui estou eu decidida a acender faíscas nas pessoas. Acordá-las de alguma forma. Não quero mais viajar em silêncio. Quero perguntar à garota do meu lado se ela imagina que por trás daquele transporte automatizado tem um trabalho humano. Se ela sabe quantas pessoas foram exploradas para aquela belezinha funcionar. Olharei nos seus olhos e perguntarei se ela está disposta a trabalhar até morrer. Se ela não acha que precisamos de um pouco mais de indignação.

Talvez alguém me diga que estou atrasada, que centenas ou milhares de revoltados nunca deixaram de ocupar os espaços públicos; nunca cansaram de gritar contra a exploração. Ótimo. Quero me juntar a eles na rua que pulsa. É lá que preciso estar.

Ana de Santana é natural de Caicó, no Estado do Rio Grande do Norte/Brasil. Mestre e Doutora em Literatura Comparada pela UFRN, instituição de onde é professora aposentada, escreve versos e narrativas. Entre sua produção literária e crítica, destacam-se os livros de poesia: *Danaides* (2005); *Em nome da pele* (2008); *À unha* (2016, disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/24814?mode=full>). No prelo: *Bicicletas para descer ladeiras à noite* (poesia) e *As faxineiras sabem de tudo* (ficção).

Lunápolis

Ilane Ferreira Cavalcante

Foi depois que a NASA descobriu água na Lua. Faz dois séculos agora desde a descoberta e as cerimônias de comemoração estão em pleno desenvolvimento em várias das cidades e assentamentos. Sim, ainda há assentamentos que logo se transformarão em aldeias, vilas e depois cidades. Tem sido assim ao longo desses anos. Os primeiros colonos deixaram registros da chegada e de sua difícil adaptação. Eu estou estudando isso agora nas aulas de História da migração lunar.

A grande migração não ocorreu de uma só vez. Os vírus foram os grandes responsáveis pelas primeiras experiências. Já não havia mais como combater a morte causada por esses seres invisíveis. Já não havia mais como manter a segurança apenas com medidas de prevenção e controle. Além disso, o descuido com o ambiente, o derretimento das grandes geleiras, a extinção de muitos animais são os fatores que os livros determinam como mais relevantes para a migração.

As primeiras levas demoraram e vieram as pessoas de posse. Aquelas que podiam pagar pelos altos custos iniciais, os privilegiados. Enquanto isso, dizem, muitos morreram com o vírus, com as condições cada dia mais inconstantes. Não houve um só movimento para tentar reverter o quadro do planeta, chegou a um ponto em que não havia mais o que salvar ou como salvar e a solução foi tentar explorar outros locais. Tentaram Marte, mas as colônias que ainda existem lá não conseguem produzir e se mantêm de forma extremamente inadequada. No entanto, todos sabem que há a necessidade de outros locais. As condições de produção de água, alimentos e controle das temperaturas ainda são problemáticas em Marte, mas aqui, talvez pela proximidade com a Terra, as coisas têm corrido melhor.

A Terra tem sido usada como suporte para a produção de insumos, mas nossa alimentação é toda produzida aqui, no Domo produtor. Somos também porto de passagem para Marte, para aqueles que ainda teimam em tentar a vida por lá. Há sempre os esperançosos. E há os que não podem pagar a permanência aqui. São os que caem em extrema pobreza. Esses são direcionados às aldeias e assentamentos marcianos. Infelizmente, o que mais vai para Marte é o nosso lixo, pois aqui não há lugar para estocá-lo. Espero que isso não cause um impacto extremamente negativo no planeta. Pelo menos, cada dia mais se produzem materiais degradáveis. E ouvi dizer que os

marcianos apreciam quando chegam materiais com pouco uso ou validade vencida há pouco. Esses são lixos úteis para eles. Em nossa família sempre separamos o lixo que pode ser útil do lixo descartável. Assim, esperamos poder ajudar os assentados em Marte.

Uma das coisas mais constantes nos registros antigos foi a adaptação ao calendário lunar, 324 horas claras, 324 horas escuras. Havia gente que não resistia, houve surtos, conflitos, grande onda de suicídios. Hoje em dia já estamos habituados, não creio que eu me acostumaria a um lugar com 12 horas de luz e 12 horas de sombras. Seria realmente sinistro. Aqui regulamos tudo com iluminação controlada e vemos, nas 324 horas de sombra o teto solar pontuado de estrelas e o globo azul ao longe. Os domos também são muito importantes para preservar-nos contra a poeira. Ela é muito fina aqui, e há registros recorrentes de pessoas que, em missão fora dos domos, morrem sufocadas quando a poeira entra em seus equipamentos de respiração.

E há também a grande flutuação de temperatura, por isso, foram construídos os domos. Os domos constituem nosso espaço de convivência e nos separam da atmosfera externa. Neles, vivemos em temperatura e luminosidade controladas, mas eles são feitos de uma matéria transparente, como vidro, mas muito mais resistente, que nos permite também apreciar as mudanças lá fora e a passagem das

fases da Terra. Já me disseram que, da Terra, se podia ver as fases da Lua. Fiquei imaginando como seria, se seria como aqui, de onde vemos a Terra ganhar contornos circulares, depois ir sumindo até ficar apenas um círculo de luz e voltar a ganhar corpo crescente. Sim, as fases da Lua, na Terra, devem ser como as da Terra, aqui de Lunápolis.

Sinto pelos domos localizados em regiões que não conseguem ver a Terra, ela é como um marco de nossa passagem e de nossa origem. Eu nasci em Lunápolis e nunca visitei a Terra, embora eu gostasse, quando era criança, de ficar observando aquele lindo disco azul ao longe, no céu.

Eu tenho medo dos luamotos, os grandes tremores, mas eles têm sido cada vez mais controlados, pois grande parte de sua causa eram os impactos dos meteoritos, e com a detecção e eliminação, são poucos os que ainda nos atingem. Já a mudança brusca de temperatura ainda é um grande perigo, por isso não podemos sair dos domos livremente, a passagem da temperatura é brusca e muitos morreram em função disso, os trajes não conseguem resistir ou nos proteger de forma eficiente, apesar dos avanços da ciência.

Meus avós vieram para cá ainda bem novinhos, nem se lembram direito de como era a Terra, mas lembram da luz, de uma paisagem muito iluminada e verde que avistaram do alto, muito provavelmente quando estavam partindo. Eles falam também de flashes de memória que aparecem, geralmente em sonhos: de grandes extensões de água

em tons de cinza e verde; de areia em tom dourado; de um céu azul. Mas não sabem dizer se é real, isto é, se viveram realmente aquelas imagens ou se são fruto dos livros de história, dos filmes e dos registros que foram trazidos.

Isso porque quase nada podia ser trazido. A migração era muito restrita. Poucos pertences, poucas memórias e só alguns, mais ousados, conseguiram passar com imagens em papel, antigas fotografias que hoje restam guardadas como tesouros em suas vivendas. Esse controle, diziam, era porque haveria pouco espaço para a construção dos domos, que também seriam reduzidas. Também havia o perigo do transporte de vírus, bactérias, microorganismos. E isso era extremamente perigoso.

Ao chegar, depois de pagar os altos preços da migração, os primeiros colonizadores recebiam o espaço de seu domo equipado com moveis projetados para o ambiente, com climatizadores, produtores e renovadores de oxigênio, vestimentas adequadas e um conjunto de equipamentos pessoais de comunicação. Era o equipamento básico para a adaptação e dependia muito do quanto as pessoas tivessem investido antes de chegar aqui ou mesmo da possibilidade de se manter produzindo na Lua. Minha família tinha muitas posses na

Terra, dizia meu avô, mas recebeu aqui apenas um domo médio, capaz de comportar o casal e dois filhos. O meu tio mais velho não se adaptou, ele foi um dos que acabaram surtando e se expondo à mudança climática. Sua morte foi um grande choque para nossos avós e meu pai passou a ser a esperança da permanência da família. Seu casamento foi arranjado poucos anos depois da morte de meu tio, com um casal de um domo próximo, que também só tinha uma filha.

Os casamentos são sempre muito bem planejados, assim como é traçado um plano de vida para o filho ou filha que nasça. Nem todos estão autorizados a ter uma prole. Não há muito investimento no nascimento de crianças, porque há pouco espaço e os domos precisam ser divididos entre os parentes mais velhos e os que nascem. Por isso, há sempre a esperança de que novas crianças nasçam apenas quando os mais velhos estiverem partindo ou tiverem partido, abrindo espaço.

Nem mesmo os animais de estimação eram permitidos até que um dos colonos acabou se ferindo gravemente durante uma tentativa de migração de seu cão. Houve uma grande revolta, a primeira da colônia e começaram a permitir a entrada de cães e gatos, que ficavam em quarentena com seus tutores até serem completamente higienizados para o transporte. Hoje temos a alegria de poder ter alguns desses animais conosco, mas seu número é controlado e é preciso uma

licença especial para poder mantê-los, porque são caros os custos de manutenção de animais domésticos e nem todos os domos possuem a estrutura necessária para isso, como espaços abertos e livres.

Sei que os domos mais pobres não possuem animais e muitas crianças jamais viram um. Tenho a sorte de ter crescido com um cachorrinho, mas ele não reproduziu e, na verdade, sua passagem foi alívio para os meus pais que conseguiram se livrar dos seus valores de manutenção.

Não sei como era a vida na Terra, imagino porque tenho assistido a antigos filmes e vejo paisagens coloridas, céu azul e nuvens, mares verdes e azuis, mas eu realmente creio que isso era uma ilusão. Nada existia fora das telas e não acredito que se pudesse andar livremente ou se banhar naquelas águas poluídas. Talvez milhões de anos antes, quando a sociedade ainda não tivesse evoluído. Sim, só talvez. Enfim, hoje temos o nosso céu pontuado de estrelas, e o planeta azul ao fundo. É uma linda imagem. E temos o controle dos vírus, com exames periódicos e eliminação de todos os riscos iminentes, mas até quando?

Memórias do ano que não acabou

Ilane Ferreira Cavalcante

Não, não estou falando de 1968, esse acabou, por incrível que pareça, apesar de estar presente em nossa mente, nas memórias, no registro dos livros de História, no livro do Zuenir Ventura, enfim, esse foi um ano que acabou. Estou falando de 2020, um ano que está e estará entre nós ainda por décadas.

Esse foi o ano em que tivemos de reaprender tantas coisas: lavar as mãos, higienizar tudo o que entra em nossa casa, deixar os sapatos fora de casa, tomar banho assim que chegamos, evitar abraços, evitar contato, usar máscara o tempo todo, respirar com máscara e óculos, assistir lives, produzir lives, realizar webinars, dar aulas por meio de plataformas, elaborar videoaulas, aprender a diferença entre ensino remoto, educação a distância e ensino híbrido. Para quem aprende e para quem ensina, esse foi um ano de muitas mudanças, frustrações, conflitos, aprendizados, sofrimento, distanciamento.

Para mim, que vivo em um país periférico, sob um governo fascista, esse foi o ano dos dados: aumento das vítimas de violência doméstica, desconstrução de todas as políticas sociais, desconstrução de todos

os avanços educacionais, abandono da ciência, desprezo pelo conhecimento, desprezo pela vida e pela saúde, morte, muitas mortes.

O *fin du siècle* do Brasil ocorreu em 2020. O problema é que o fim, o fim mesmo, aquele que interrompe toda continuidade, esse aconteceu para mais de 170 mil pessoas em 8 meses de pandemia. Esse foi mais um aprendizado nesse ano infundável, o aprendizado do fim. Aprender que o descaso com a saúde pública implica em mortes, em muitas mortes, solitárias e sem um último adeus.

Mas restamos todos os demais, sobreviventes. Os que teimaram em ficar em casa, os que puderam permanecer em casa, as que escaparam dos feminicídios, os que resistiram aos crimes de homofobia, os que conseguiram se curar, os que foram, de alguma forma, protegidos.

Os sobreviventes. O mundo para eles, para nós, na verdade, ficou diferente. Não, nada de extraordinário. Apenas diferente. Principalmente depois da segunda onda. Depois de descobrirmos que a imunidade era passageira, que as posteriores reinfecções podem ser mais fortes, mais letais, depois das mutações do vírus, o mundo ficou diferente. Nada mais de abraços, nada mais de aglomerações, nada mais de shows em espaços fechados, nada mais de grandes festas. A

reinfeção tornou-se caso de polícia, polícia especializada em detecção e coibição de aglomerações para prevenir disseminação de vírus.

Sair à rua com minha família inteira, composta de 6 pessoas, por exemplo, exigiria de mim uma extensa lista de documentações que me levassem a comprovar o parentesco próximo, a convivência no mesmo ambiente familiar, a realização de exames de contaminação recentes, a comprovação da identidade de cada um, enfim, tanta coisa que agora tomamos o cuidado de sempre sairmos, no máximo, três juntos.

Festas de aniversário, Natal, carnaval, só podem ser realizadas agora virtualmente ou em pequenos conjuntos aglomerativos cujos participantes tenham realizado exames de contaminação muito recentes, com resultado negativo, e seguindo os mais rígidos protocolos de segurança. Não são permitidas bebidas alcóolicas nessas situações porque, evidentemente, o álcool pode levar à desinibição e ao abandono do código e dos protocolos.

Logo de início pensamos, a maioria, que isso seria breve, que a vacina iria resolver o problema, foi quando o vírus foi detectado cada vez mais forte, cada vez mais letal e as vacinas que surgiam cada vez menos eficientes. Os gráficos voltaram a acusar o grande número de contaminados e o percentual de mortos tornou-se significativo em relação aos primeiros montantes iniciais.

O isolamento já não fazia mais efeito, as ruas deviam receber descontaminadores constantemente, o ar precisava ser periodicamente vaporizado por substâncias desinfectantes, foram criadas patrulhas de contaminação e, logo em seguida, as polícias de prevenção e controle. Um grande contingente de vagas de trabalho surgiu nesse âmbito, o que fez com que as pessoas até achassem muito boa a criação dessas agências de estado.

Mas também havia o sumiço. De repente, seus colegas de trabalho, seus vizinhos, seus conhecidos próximos, seus parentes desapareciam sem dar nenhuma notícia. Ainda houve alguma comoção quando desapareceram os primeiros. Havia sido visto sob interpelação da patrulha; havia sido visto sendo empurrado em um veículo de descontaminação; havia sido visto sendo perseguido por um veículo da patrulha. Enfim... os casos se multiplicavam e se disseminavam boca a boca.

E há os aplicativos. Estes também são controlados e podem controlar sua temperatura, seus batimentos cardíacos, seus contatos pessoais e de trabalho. Acompanham você onde estiver. Conhecem todos os dados de suas fichas médicas. Sabem antes de você se estiver com febre ou com um resfriado. Acionam imediatamente as patrulhas de prevenção. Vivemos com e por meio dos aplicativos.

Essas coisas não surgiram todas ao mesmo tempo, mas o fato é que foram surgindo e fomos nos acostumando paulatinamente com elas. Fomos nos acostumando a nos manter afastados, a sermos tutelados e constantemente controlados e aqueles que não aceitam, que se rebelam, que saem da rota são, em geral, os que desaparecem, entrando na lista de infectados, desaparecidos ou mortos.

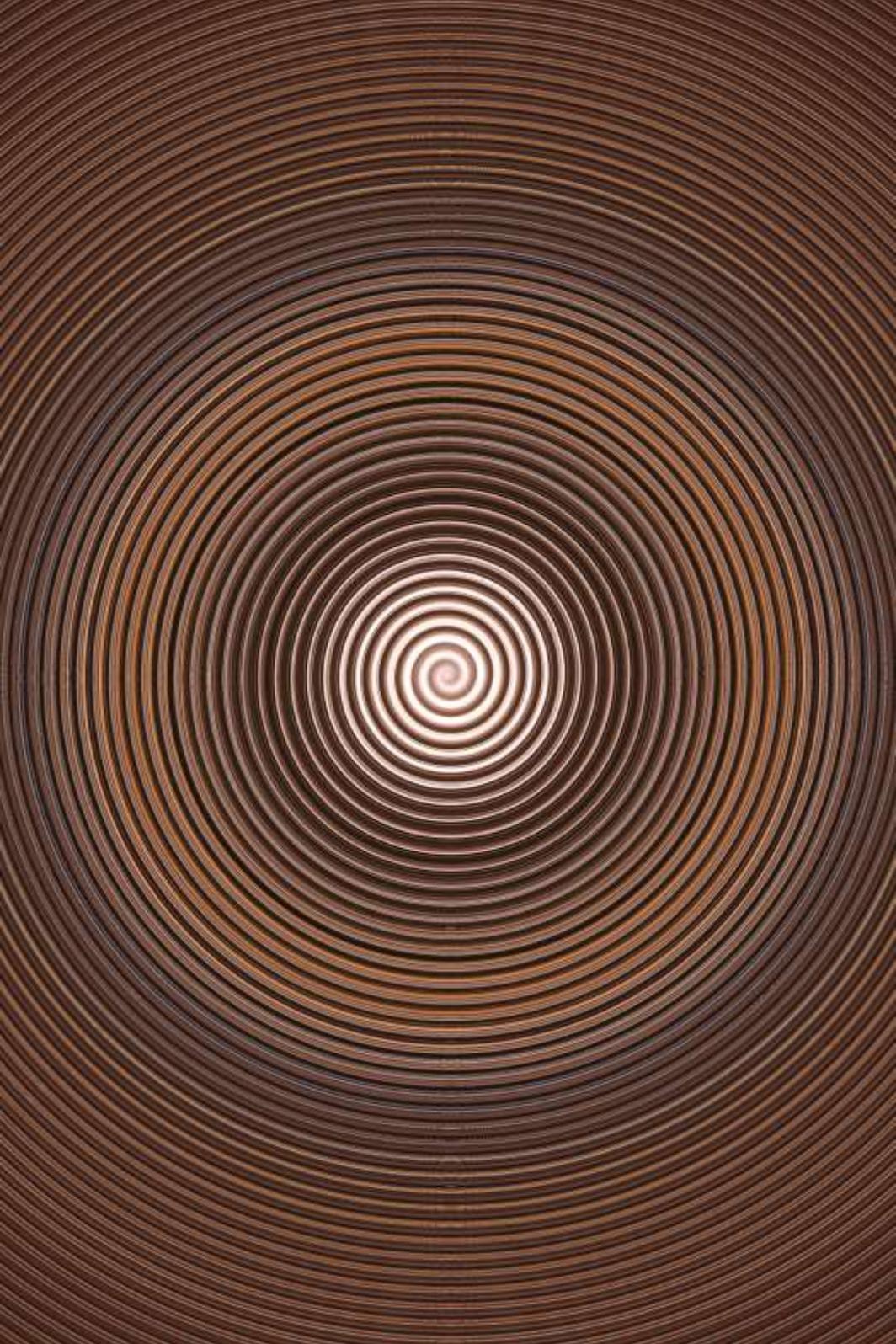
Também foi paulatinamente que fomos percebendo que 2020 nunca acabaria. Começou com a escola, os semestres foram se multiplicando: 2020.2, 2020.3, 2020.6, depois o mesmo recurso foi sendo utilizado pelo comércio, quase como brincadeira, por meio das promoções e propagandas: “Não deixe 2020 passar sem aproveitar a grande liquidação!”; “Black Friday 2020.6, não perca!”; “2020 forever sale” e por aí vai. Depois, o uso de 2020 era tão comum que os próprios documentos oficiais passaram a utilizar, formalmente, a expressão: 24 meses pós 2020; 36 meses pós 2020; 64 meses pós 2020 ou abreviadamente: 24/20; 36/20; 64/20.

E fomos mudando, de janeiro a dezembro, sem passagens de ano. Havia a promessa de mudança para quando a vacina definitiva chegasse; para quando o vírus fosse definitivamente eliminado; para quando o ar do planeta fosse totalmente renovado etc., etc., etc. Enquanto isso, continuamos esperando, dia a dia, um normal que já nem sabemos mais como seria.

ampulhet@

crônicas futuristas

Ilane Ferreira Cavalcante: Sou professora, pesquisadora da área de educação, língua portuguesa e literatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) onde também atuo no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP). A literatura está presente em minha vida de muitas formas, como leitora contumaz principalmente e, desde que me entendo por gente, como escritora que mantenho sempre que os bons ventos sopram e é permitido fugir da rotina de trabalho.



Ainda haverá abra"SS"o!

Janaína Moreno Matias

Já mocinha, eu curiosa desde à placenta de mainha, lia as poucas coisas que se apresentavam na minha frente. Um dia inventei de ler a Bíblia. Eita, leitura grande, mas grande com todas as letras maiúsculas e negritadas e todos os pontos de exclamação que possa vir a espantar qualquer leitor. Era uma Bíblia parruda, cheia de pinturas de grandes pintores, era um mundo encantador. Eu gostava mais de livros que tinham figuras, era uma maneira de desenfastiar-me do texto comprido, assim, eu me interessei pelo livro grosso. Como diz a canção: "O tempo não para no entanto ele nunca envelhece", esse último adjetivo é a parte que sobra pra gente cumprir. Fui passando pelo tempo, lendo e relendo outras e mais vezes a Bíblia, mas eu sempre ficava intrigada em como se daria o cumprimento de uma passagem bíblica. Lhe digo já, espere uma coisinha de nada.

Por agora leitor, siga meu raciocínio se for do seu agrado, se não, pule essa parte: A Bíblia é um conjunto de livros que se divide em duas grandes partes e 9 grupos de livros, foi escrita em 2 línguas diferentes e um dialeto; o velho testamento tem a sua grande maioria escrito em hebraico, mas tem alguns textos ou livros escritos no aramaico; o novo testamento foi escrito todo em grego, apesar da língua oficial dos judeus na época ser o aramaico; a Bíblia como conhecemos é formada por um total de 66 livros, sendo 39 livros do antigo testamento e 27 do novo testamento. E eu fui achar de cismar com uma 'besteira' dessa, uma passagenzinha de nada, um arremedo de versículo que numa carecia nem gastar massa cinzenta com ele, nunca iria acontecer mesmo. Agora, duvidar que aconteça!? Duvido é **NUNCA** da semântica das palavras, melhor é fazer acordo com ela.

Coisa sem muito custo é pensar num vale sendo o local de diversas batalhas importantes nos tempos do Velho Testamento; pensar no grande e derradeiro conflito que ocorrerá pouco antes da Segunda Vinda do Senhor: A batalha do Armagedom. Mesmo que a imaginação seja pouca, é só ligar a TV e a pessoa tem uma ideia do desmantelo que é uma batalha, o mundo está cheio de modelos. Outra coisa descustosa de imaginar é o Apocalipse é o julgamento final e "filtro" das almas na Terra. É destroço de água carregando o que estiver por perto, é o mundaréu pegando fogo, as labaredas passando a língua na água e transformando tudo em carvão aquático, é 'cruviana" no

superlativo absoluto engolindo e arremessando toda sorte de material que cedeu à sua força. Isso dá trabalho pra imaginar? Responda. Imaginação pra isso sobra no mais a mais.

— E a passagem? Me empolguei com as palavras, elas são o meu canto da sereia, nem penso em tampar os ouvidos. Vamos à passagem, ao versículo. - Já não era sem tempo! Pois bem, lhe digo agora, no livro de Eclesiastes, capítulo 3, versículo 1, o pregador diz: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”. Pensava com meus botões e as casinhas... “tempo determinado pra tudo”. O texto seguia determinando os pares determinados pelo tempo: nascer/morrer; plantar/arrancar; matar/curar; derrubar/edificar; chorar/rir; [...] amar/odiar; guerra/paz. Eu aceitava todas as dicotomias descritas, de bom grado, menos uma: abraçar/afastar-se de abraçar. Mire leitor, veja, leia, sintá: “Tempo de espalhar pedras, e tempo de juntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; Eclesiastes 3:5. Dói?!

Toda vez que eu lia este versículo, ficava pensativa, chegava até a esquentar o juízo. Nunca apareceu um cristão que soubesse a resposta. Nenhum padre, nenhum pastor, nenhum sábio, nenhum erudito, nenhum sacerdote do candomblé, ninguém da religião budista, ninguém de qualquer religião ou crença que fosse, nada. O escrito ia ficar sem acontecer? Aqui, o NUNCA deixou sua semântica

de lado. Estamos vendo e vivendo, e ainda mais forte: estamos todos sofrendo, mas não estamos todos sobrevivendo. Um infeliz das costas oca, um desvirtuado de compaixão, um vírus, a saber, um arremedo de organismo mal acabado. Esse um, como diz a ciência, um ser situado no limite entre vivo e não vivo; embarrerou a humanidade do contato, tirou da humanidade a liberdade. Fez pior: proibiu a humanidade de vivenciar o abraço, o mais tenro afeto da humanidade.

Encontrei a resposta, vivi a resposta, sofri a resposta e sobrevivi à resposta. Nos idos de 2020, o vírus levou meu pai, alguns amigos, e muitos desconhecidos. Não tive escolha, fiquei isolada em casa cuidando de meu pai, e compartilhando do mesmo vírus. Em seguida: internação, setor covid-19, casa, novamente isolamento, ambulância, internação, setor covid-19, funerária, cemitério, túmulo. Não tive um corpo pra velar, pra chorar, pra me despedir. Não tive nenhum abraço, e isso me fez uma falta sem igual. Chorei sozinha em meio aos poucos que foram à entrada do cemitério. Sob o meu olhar turvo de lágrimas sepultei painho. O mundo efervescia em batalhas semântico-armagedônicas travadas por líderes que, creio eu, não pensavam muito na humanidade. A sintaxe apocalíptica de nada adiantava para mudar tão desabraçada situação. Um caos sanitário.

Hoje, 44 anos depois, ainda convivemos com a COVID-19, depois de muita encrenca e com o surgimento da vacina. O tempo me

respondeu com muita veemência. No entanto, deu-me também a alegria de ver o grande congraçamento do “**Abra’SS’o**”. Sim, é escrito dessa forma agora, e a ideia foi minha, pedi que colocassem no ultramoderno projetor a laser. Consideraram a minha licença poética e ficaram encantados com as histórias engraçadas que os contei, as que aconteceram no começo da pandemia e foram repassadas pelos sobreviventes. Bom, foi uma festa linda, toda a humanidade se abraçava com ternura, alegria, suor, lágrimas, saliva. Uma jovem trans, de beleza singular, pediu-me para explicar o porquê da modificação da palavra abraço. Eu disse: — Acho o ç pouco expressivo para comportar a semiose dos braços de um gesto tão acolhedor!

悲劇被吸引了！

- Desenhou-se a tragédia!

Janaína Moreno Matias

Por vezes, nos idos de 2018, entrava no prédio do CCHLA/UFRN cantarolando parte de uma de um dito popular, musicado por mim em ritmo de cantoria de viola: – “O mundo está se acabando, o mundo está se acabando/ O mundo está se acabando, o mundo está se acabando”. Depois eu saudava o guarda com um aquecido bom dia. O guarda sorria e respondia: “Bom dia, professora”. Eu recebia o vocativo como um elogio. Tudo que relatei acima teve um quê de rima com alegria. Percebeu leitor? Como era bom ir à aula, como era uma preocupação gostosa. Às vezes eu chegava um tantinho atrasada só pra me alegrar com os colegas; dava um bom dia à professora e depois fazia qualquer coisa, qualquer gesto ou dizia qualquer coisinha sem importância pra gente rir, claro sem atrapalhar a aula, nem desrespeitar ninguém. Horas de aprendizagem e compartilhamento. O ato ético, ou ato “res – ponsável/ponsivo”, era o nosso grande norteador.

Antes de a aula acabar a professora dava os encaminhamentos, dividia os textos, enumerava as apresentações e salientava a importância da leitura prévia de todos os textos a serem estudados. Eu fico pensando se o leitor está pensando que a aula era pra adolescente. Se fosse, a tônica era a mesma. Aluno é aluno em qualquer grau que esteja cursando. Enfim, continuávamos as aulas, mas o ano já havia começado pesado: atropelamento em Copacabana; intervenção na segurança pública do Rio de Janeiro; morte da vereadora do PSOL Marielle Franco e do motorista dela, Anderson Gomes; prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; greve de motoristas de caminhão; crise humanitária na Venezuela; facada na barriga de Jair Bolsonaro; incêndio no Museu Nacional; eleição de Bolsonaro. A letra da música supracitada era a mais adequada para cantar mesmo. Fazer o quê?

No ano de 2019, quando a gente pensava que íamos ter um ano mais tranquilo, esperanças renovadas, a alegria de ir à aula estava bem pertinho de começar de novo. Quando pensa que não, lá vem o tirinete de desgraças: em janeiro, rompimento de uma barragem na Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho/MG; em fevereiro, incêndio no CT do Flamengo; em abril, a Catedral de Notre-Dame, em Paris, também pegou fogo. Eu num vou mais enumerar as outras tragédias porque é muito sofrimento. Eu conseguia, mesmo com tristeza e até alguma falta de horizonte, sair da aula aliviada, talvez devido ao

contato com os colegas, e sobretudo devido à professora. Como eu sinto falta dela. A teoria que estudávamos parecia descrever a vida, e o contrário também se aplicava; a profe traçava esta linha “caleidoscópica” para que atentássemos para a realidade, a mestra também nos ouvia atentamente e ficava nitidamente satisfeita com nossas intervenções. Era bom!!!

Interação, era a palavra mais linda na minha cabeça na hora da aula. Foram os dois últimos semestres de aula presencial e ninguém imaginaria algo terrivelmente desumanizador estava para acontecer: 1 de dezembro de 2019 (1 ano e 1 dia) – Vírus: SARS-CoV-2, origem: prováveis morcegos, primeiro caso: Wuhan, Hubei, China. É, de fato o mundo estava se acabando, e quando entrou 2020, senti que o estrago seria pior do que imaginava. Na manhã de terça-feira, 17 de março, o Comitê Covid-19 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), recomendaava a suspensão das aulas presenciais de graduação e pós-graduação por tempo indeterminado. Logramaram, ou se preferir: 悲劇被吸引了! – Desenhou-se a tragédia -. Foi uma sensação de E AGORA!? Num átimo de um segundo toda a nossa vida, em todas as esferas, perderam a sensação de segurança. Eu fiquei sem coragem, sem organização de pensamento, sem céu e sem terra. É vida, é... vírus, e morte.

Circuntristeza de tamanho anormal. Visto que no decorrer dos dias, inventaram uma história de o novo normal; um engodo, conversa pra

humanidade dormir. Acontecimento é acontecimento, o normal é no dia a dia, é na simetria dos segundos, é no tic-tac das horas. O tempo era o inimigo maior, tudo dependeu sempre do tempo, agora sei muito mais disso nas carnes, nos ossos e nas emoções. Sei não é como esquiar, também não posso, ninguém pode. Vem delírio, vem doideira, vem desatino e nada serve de remédio pra conter o vírus. Sem escola, sem colegas, sem professora. Cada um na sua casa, feito aquela brincadeira da brasa; no momento com requintes de crueldade. 18 ruim, 19 pior, 20 extrapior. O mundo foi bagunçado assim como quem derruba as peças de um dominó, num ficou nada sem ser atingido. As riquezas e as mazelas humanas figuram no mesmo palco, as primeiras se fortalecendo e as últimas quase em grau máximo de definhamento. 🤖

Ora, pois bem, as incertezas da vida é a principal certeza que temos; e com isto, as mudanças no mercado de trabalho. Depois do atordoamento, da distância obrigatória, a propagação na mídia do uso das tecnologias promoveu uma reavaliação global da economia, do mercado de trabalho em suas mais diversas esferas, e aulas foram tecnologizadas. Ensino remoto, reuniões, conferências, debates, qualificações, defesas. Haja colírio e remédio pra junta das mãos. Uma pandemia de informações sem nenhuma interação física, sem sentir a presença do outro, sem o olhar nem ido e nem devolvido. Isso é jeito

de viver? Todo meu organismo sente, e desfalece vez por outra. Virusinho das costas ocas, parece que usou 18 e 19 para preparar o terreno para 2020; este último trouxe o ápice até então da tragédia. Se é verdade que a comédia nasce da tragédia, eu posso crer que ainda chegará o tempo de voltar às atividades típicas de antes de uma pandemia. E muito agradável pensar assim, tal qual como os vikings faziam: olhavam para o céu e observavam o que se passava nele, se vissem aves, sabiam que haveria terra, esse era o horizonte expandido deles. Eu vejo minha escola, meus colegas e vejo a minha orientadora quase sufocando num **abra"SS"o** meu.

Janaína Moreno Matias: Nascida em solo candango (Brasília/DF) e crescida em solo alexandriense, sobrevivente dos atuais tempos pandêmicos, mora em Natal/RN, planta seus sonhos, trabalha para cultivar seu roçado onírico e crer colher seus frutos na realidade cronotópica. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009), especialização em Língua Portuguesa: Gramática, texto e discurso (2011), mestrado em Estudos da Linguagem (UFRN - 2012), e é doutoranda em Estudos da Linguagem (UFRN - 2018) cuja tese se alicerça nos poemas de Patativa do Assaré e em como os elementos de sua poética se arquitetam na perspectivado Círculo de Bakhtin. Atualmente é professora permanente Nível V-F da Escola Estadual Cônego Luís Wanderley (SEEC/RN). Atuou no (EMI) Ensino Médio Inovador no Projeto: Acompanhamento Pedagógico como ministrante da oficina: Letramento: Gêneros discursivos e produção textual (2013-2014). É amante dos saberes telúricos do ser(tão) brasileiro. E-mail: jannamatias@yahoo.com.br.

A alegria da minha velhice

Rosângela Trajano

Quando completei setenta anos construí uma casa para mim. Era um sonho de criança. Eu que morei a infância toda em uma casa de paredes rachadas, teto cheio de goteiras quase caindo em cima das nossas cabeças. Mamãe veio morar comigo. No começo, ela titubeou. Disse sim, disse não, disse não sei... depois aceitou o convite. Mas foi logo dizendo que não gostava de gatos e nem de cachorros.

Ignorei os não gostares de mamãe e levei para casa nova, que era só minha e de mais ninguém até mamãe descobrir aquele meu bordão, na primeira semana, cento e cinquenta gatos e dezessete cachorros. Gatos de todas as cores, cachorros de todas as raças. Mamãe ficou horrorizada. Arrumou a mala para ir embora. Reclamou de tudo. Disse que não cuidaria de bicho nenhum, eu disse que eram meus e que cuidaria de todos eles. Um cachorrinho latiu para ela balançando o seu rabinho e a sensibilizou. Falou que ficaria mais uns dias. Apenas uns dias.

Eu passava o dia cuidando dos meus gatos e cachorros, e mamãe no celular falando com as suas amigas de perto e de longe por videoconferências. Ela adorava ver as amigas do outro lado do mundo. Dizia que tinha amigas até em outros planetas: Marte, Saturno, Júpiter. Eu nunca duvidei de nada, pois mamãe, nos seus cento e três anos, conheceu a lua através de uma experiência da NASA. Então, tudo era possível para ela.

As crianças da minha rua cresceram e eu já não contava mais histórias para elas. Sentia saudades daqueles momentos belos que encheram a minha vida de alegria. Mas, eu tinha os gatos e os cachorros. Certo dia, para curar um cachorro que sofria com o câncer, inventei de contar uma história para ele. O veterinário tinha me falado que ele só viveria por mais uma semana. Todos os dias eu lhe contava uma história e a semana se passou, o mês, o ano... o meu cachorro viveu por muitos anos e se acostumou a ouvir histórias. Sempre estudei que as histórias têm um poder terapêutico grande, mas até curar o câncer eu não sabia. Eu poderia ganhar o prêmio Nobel por aquela descoberta, mas era famosa por demais diante dos meus chamamarés.

Nunca deixei de fazer bonecas de pano para mim. Mas agora, eu fazia também para vender na Internet. Tinha a minha própria lojinha virtual com bonecas de todas as cores e jeitos. Eu mesma fazia a

contabilidade da minha lojinha. Também não ia muito longe, porque por mês só conseguia vender uma boneca e às vezes nenhuma. Ficava triste? Não sei.

Mamãe sempre brigava com os meus gatos, porque eles mexiam no seu peixe em cima da pia de lavar louças, pronto para ser limpo. Apesar de velhinha, mamãe continuava cuidando da casa, da nossa casa. Eu nem podia dizer que a casa era minha, porque ela me dava logo um carão daqueles bem grandes. A casa é nossa, falava em bom tom. A coisa que ela mais gostava de fazer era escrever cartas para um cantor de rap dos Estados Unidos que ela conheceu em certo show.

As pessoas depois de velhas costumam mudar de hábitos. A mamãe acordava cedo nos seus sessenta anos, mas depois passou a acordar a partir do meio-dia. Também gostava de fazer a sua tapiquinha, mas agora reclamava quando a mesa não estava à sua espera. Se um vestido se descosturasse ela logo o jogava no lixo. Gostava de roupas novas e de viver maquiada dentro de casa.

Eu nunca gostei muito de espelhos, mas, depois dos setenta anos, comecei a comprar muitos deles e os espalhei pela casa. Achava bonito ver meus cabelos brancos e as rugas do meu rosto quando sorria. A vida é tão bonita quando a gente pode fazer o que quer!

Continuei sem gostar muito de lavar as mãos com frequência e mamãe reclamava dizendo que ainda ia pegar um vírus ou bactéria. Eu nem ligava para o que ela dizia.

Na minha rua havia câmeras espalhadas por todos os lugares e eu costumava ir à janela toda manhã dar bom dia aos meus vizinhos estranhos. Um deles trazia para casa caixas brancas lacradas todas as noites, eu via pela brecha da porta e o outro batia nas painéis de madrugada. Eu não dormia bem. Passava a noite quase toda acordada conversando com os gatos e cachorros. Mamãe, ao contrário, era uma dorminhoca. Dormia que roncava.

Aprendi com mamãe a pechinchar pelas coisas. Quando ia às compras no supermercado ficava falando com a máquina de que aquele biscoito estava caro demais e tentava negociar em vão, porque máquinas são programadas para darem respostas prontas. Eu quase fui uma neurocientista. Eu quase fui uma matemática. Fiquei no quase em muita coisa. Meu currículo lattes está cheio de cursos iniciados e não concluídos. Tornei-me uma poeta anônima, moradora de uma rua onde a lua cheia nunca descansa e as estrelas vivem viajando. Só quem me conhecia no mundo eram os chama-marés do mangue perto da minha casa. Os anos se passaram, mas ele resistiu ao impacto ambiental. Eu sou meio esquisita porque gosto de desenhar meninos

com dois corações e jacarés nas cabeças. Por falar em desenhar, só uma pessoa achava meus desenhos bonitos. Era uma amiga professora que morava longe de mim e me chamava de Rô. Os outros me chamavam de Rosa ou Danda. Nem sei qual a minha melhor versão. Hoje, me visto de Rosângela para conversar com você, leitor.

Mamãe e o seu carro elétrico

Rosângela Trajano

Ela sempre desejou ganhar um carro de presente de aniversário. Na infância, seu sonho era uma bicicleta, mas como criança pobre nunca ganhou nenhuma. A sua mamãe só tinha dinheiro para comprar o pão e o feijão. Pois bem, Iracema, a minha mamãe, no dia do seu aniversário de um século e meio, foi sorteada num programa de televisão com um carro elétrico modelo 2050. Nem preciso contar o sorriso que invadiu o rosto dela, né, gente?

Mamãe deu pulos de alegria. No dia de receber o seu carro elétrico, vestiu um vestido de bolinhas brancas, sapatos de saltos altos e usou o batom mais vermelho que se pode imaginar. Botou brincos enormes e cortou os seus cabelos brancos para dar mais charme à sua beleza. Como uma velhinha de um século e meio tem disposição para tudo isso, vocês podem estar se perguntando? Não é nenhuma coisa do outro mundo. Nos anos 2000 ela começou a tomar um chá que conservava o corpo e a mente por muitos séculos, daqueles chás que se parecem com o elixir da longa vida. Ela mesma inventou esse chá.

A mamãe inventava coisas maravilhosas e seu sonho depois dos cabelos brancos era ir morar na lua. Quando via um astronauta ficava toda empolgada para conhecê-lo.

Mas vamos ao carro elétrico de mamãe. Depois que o recebeu, rapidamente aprendeu a dirigir. Até para ir à mercearia da esquina ela pegava o carro. Sem necessidade, dizia eu. Aquela velhinha que antigamente poupava energia estava exagerando a sua conta com a companhia elétrica andando no seu carro elétrico pra cima e pra baixo distribuindo simpatia. Até os netinhos ela ia buscar na faculdade. Sim, ela ficava à espera na porta da sala de aula para que não escapassem dela.

Os passeios à casa de Erenita, a sua melhor amiga, que antes eram feitos a pé, agora eram de carro elétrico. Apesar de ser elétrico, podia-se dizer que era econômico. Não gastava tanta energia. E o mais barato era movido a energia solar. O problema era que quando o sol se escondia o carro não funcionava, então mamãe não podia sair à noite para lugar nenhum. Quem gostou muito disso fui eu que me sentia tristonha de ficar em casa sozinha no meio da noite.

Um dia, mamãe alegou que o carro estava dando choque. Achei estranho. Não podia. Ela insistiu. Choque nos pedais de freio e

aceleração. Os seus pezinhos estavam em risco. Experimentei o carro e não senti nada. Mas, mamãe, é daquelas pessoas que quando dizem que vermelho é vermelho nem adianta discutir com ela. Levamos o carro à autorizada e o técnico disse que não tinha nada demais. Claro que mamãe não acreditou no mecânico. O que ela fez?

Mamãe sempre teve um pedreiro amigo e bom trabalhador. Daqueles pedreiros que fazem de tudo um pouco. Ela foi atrás dele com o seu carro amarelo elétrico. O pobre homem cansado pela idade, contando seus oitenta e cinco anos, pegou a sua bengala e foi ver o que estava acontecendo com o carro de mamãe. Mas ele sempre puxou o saco dela e foi logo dizendo que sentiu o choque. Bem aqui, disse ele. E mamãe ficou toda feliz ao saber que ele continuava o mesmo pedreiro de sempre.

O João, pedreiro de mamãe, deu a ideia de colocar um fio terra. Mas como? Dois velhinhos pensando em coisas impossíveis, pensei eu. Fio terra tem que ser enterrado na areia, gente. Eu dou um jeito, dona Iracema, pode deixar comigo.

Mamãe veio para casa toda contente na certeza de que João resolveria o seu problema. As casas da sua rua abrigavam novos moradores e a sua vizinha era uma boa youtuber que gostava de fazer bolos enquanto a outra vizinha da frente vendia pequenos robôs aos

meninos da rua. Tudo podia ter mudado ali, menos a meninada brincando na rua.

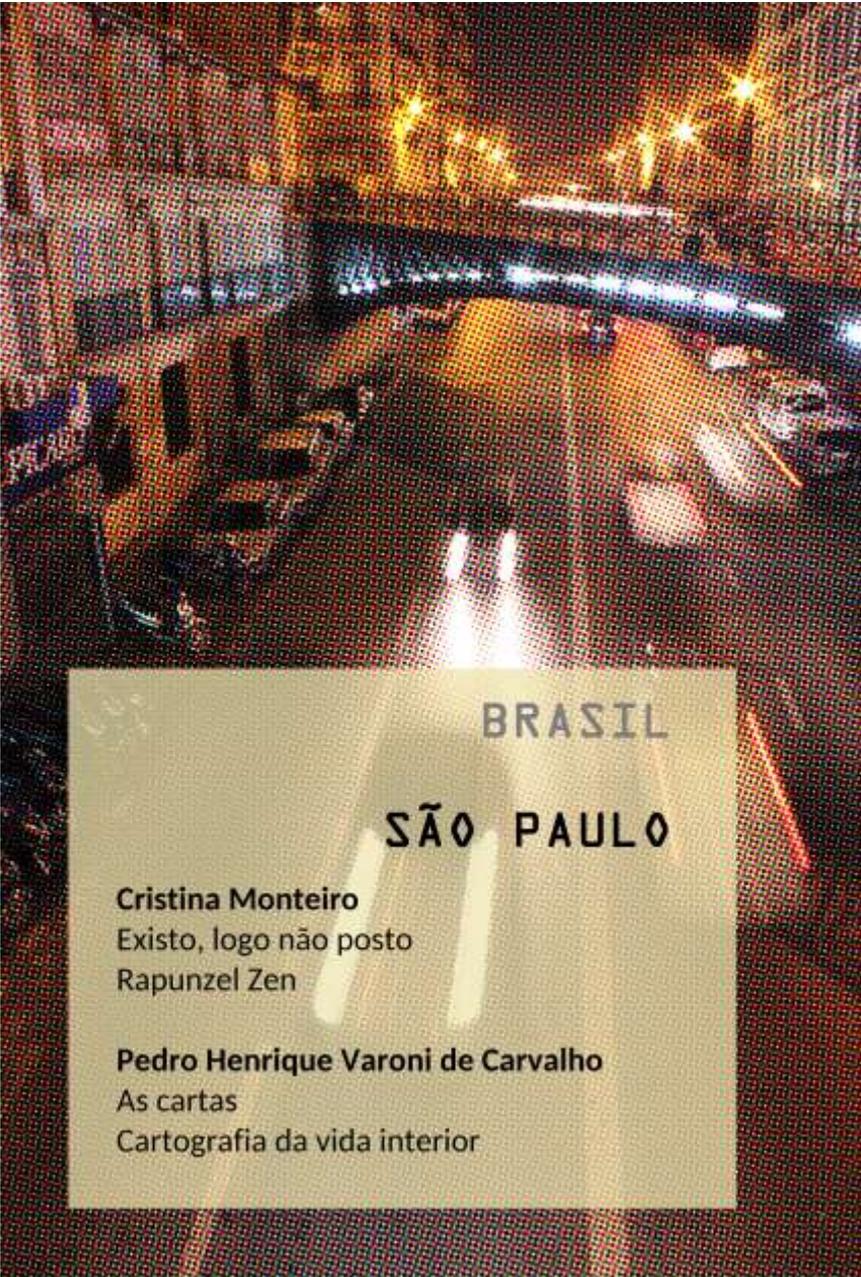
No dia seguinte, João chegou com o carro consertado, todo feliz na minha casa. Mamãe foi logo dizendo: eu já sabia que você ia consertar meu carro. E consertou mesmo. Ele deu um jeito nos pedais de freio e aceleração de forma que mamãe não sentiu mais choque. Sendo assim, mamãe retomou os seus passeios à casa de Erenita, Marluce e Rosinete. Só que dias depois os seus pés começaram a dar choque sem estarem dirigindo. Estranho. Levamos mamãe ao médico. Ele examinou aqui e acolá. Depois de muitos exames o médico chegou ao diagnóstico de que os pés de mamãe estavam sentindo falta da lracema que andava a pé o dia todo pra cima e pra baixo sem nunca se cansar. Eles estavam cheios de energia para andar e precisavam mais do que nunca se movimentarem.

Com esse diagnóstico, mamãe deixou seu carro elétrico na garagem e foi passear a pé, porque sempre seguiu rigorosamente as prescrições médicas. Logo parou de sentir os pés dando choque. Ela caminhava o Brasil inteiro todos os dias à procura de amigas que perdera com o passar dos anos. Se ela gostava de celular? Não! Ela preferia ir à casa da pessoa para dar seu recado pessoalmente. E ainda costumava dizer em pleno ano de 2050 “palavra dita é palavra dada”.

Rosângela Trajano ou “Danda” é escritora, filósofa, poetisa e ilustradora. Gosta de contar histórias aos meninos da sua rua e de puxar estrelas do céu. É mestra em Literatura (UFRJ) e pesquisadora do cordel épico do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP), da Universidade Federal de Sergipe. Tem muitos livros publicados. Para saber mais sobre ela, visitem o site www.rosangelatrajano.com.br.

ampulhet@

crônicas futuristas



BRASIL

SÃO PAULO

Cristina Monteiro

Existo, logo não posto

Rapunzel Zen

Pedro Henrique Varoni de Carvalho

As cartas

Cartografia da vida interior



Existo, logo não posto

Cristina Monteiro

Esgotada! Assim estou. Atordoada pelo excesso de comunicação: grupos de *WhatsApp*, grupos de *Telegram*, *Facebook*, *Instagram*, *Linkedin*, *Twitter*, mil mensagens por minuto... Onde vamos parar? Descobri-me exausta de mensagens. Saí de todos os grupos que podia. Em meio ao aprisionamento da quarentena, comecei a procurar sair de tudo para ver se achava mais espaço dentro de mim. Quanta demanda... E então passei a investigar de onde veio tanta perturbação.

Quando pequena, meu pai dizia: “é preciso adquirir o direito de falar”. Aquela frase me foi muito marcante e passei a valorizar o silenciar ao falar, o escutar ao simples concordar e continuar. Para mim, ter que adquirir o direito de falar passava por selecionar o que lia e ouvia, restando apenas com algo que fizesse sentido ser compartilhado. A comunicação tinha mesmo essa aura especial. Quando alguém falava

eu ficava apenas escutando atentamente. E aí me desenvolvi com empatia, conexão, desconexão e todos os impactos que a comunicação me causava. E acabei escolhendo caminhos onde a recepção do outro imperava: psicanálise, grupos de escuta ativa, *mindfulness*...

O que me conectava era estar com as pessoas, em roda, presencialmente: olho no olho, escutando, respondendo, rindo, expressão corporal, rubores, alfinetadas, choros, recolhimento. Que riqueza! Mas de uns quinze anos para cá, a comunicação online livre e gratuita ganhou espaço para a graça e a desgraça de todos. E entrou naquilo que os psicanalistas chamariam de “imperativo do gozo”: falar e escrever/responder vulgo “postar” sem parar, apenas para marcar território e garantir-se vivo. É o famoso “posto, logo existo”. Já percebeu? Se você não posta fotos felizes, muitas vezes acreditam que você não é feliz. Se não posta fotos de viagem, é porque não viaja. Ou então estaria fazendo algo escondido? Aonde chegamos?!

Chega! Preciso barrar isso para não me afogar em tantas opiniões. Não só eu, mas todos. A gota d’água foi o movimento “cancela”. Cancela o quê? O direito do outro, a voz dele, a vida alheia. E eu? Onde existo quando aniquilo o outro? Estamos ameaçados pelo nosso próprio ego que grita e grita e dá volta em torno de si mesmo, engolido pelo desejo de existir que antes de existir já inexistiu, porque nasce despido de verdade...

Dizem que as redes sociais aproximam quem pensa igual a nós. Mas quem pensa igual a alguém? Mal sabemos sobre nós, quem dirá sobre os demais. Por que ele pensa como eu? Odiamos e amamos as mesmas coisas? Concordamos sobre política, religião, meio ambiente ou futebol? Somos definidos pelas nossas emoções? Bem-vindos de volta ao jardim de infância!

Chegou o belo dia “D”. O dia em que começaram a estabelecer horários para entrada e saída nas redes sociais. Como? Cobrando por minuto. Achei maravilhosa a ideia, pois assim parei de ser consumida por esse mecanismo lesado de deslizar repetidamente o dedo na tela por horas a fio, mergulhada no automático e perdendo diariamente a oportunidade de existir. E para evitar que te cancelem, a cada hora e meia a regra ganha-se um ingresso *free* para um aplicativo de meditação. Ótimo, assim dou a mão para mim e me resguardo, antes que me cancelem.

Nesse dia extraordinário em que a comunicação voltou a ter um caráter “nobre” – não evidentemente devido ao valor da hora na rede social, mas devido à seleção que as pessoas passaram a fazer do que postam e do quanto o fazem – senti-se de fato REALizada! Voltei a viver!!! Porque é muito bonito dizer: “essas pessoas que vivem nas redes sociais...” Como se ALGUÉM, nessa altura do campeonato, não

escapasse num momento de angústia para ser aliviado por essa droga que nos dominou e abominou no século XXI. Meu querido pai mais uma vez tinha razão quando dizia que, para ser ouvido, é preciso adquirir o direito de falar. E agora é a vez do novo imperativo do paradigma vigente: “Existo, logo não posto.”

Rapunzel Zen

Cristina Monteiro

E de repente tudo mudou... Foi a sensação que tive abrindo os olhos lentamente após uma profunda prática de *Mindfulness*. O “fantástico mundo *mindful*” que sempre sonhei realmente se tecia bem à frente dos meus olhos! Todos estavam vivendo plenamente o momento presente: a vida tinha cheiro, cor e brilho, as pessoas se entreolhavam e até sorriam para os desconhecidos!

O processo foi longo e intenso. As máscaras de proteção não eram mais necessárias: num mundo *mindful*, os COVID-19 e derivados não tinham mais elementos de conexão. Com a crise humanitária do coronavírus, não era mais possível dizer “a minha dor é maior do que a sua”. Todos sofreram muito, todos perderam. E muitos se perderam ainda mais do que acreditavam, já que as linhas que os conectavam à vida eram tênues demais. Foram descartados junto com seus egos, com suas máscaras sociais coladas em seus rostos. Reconheceram-se enfim marionetes de uma grande ordem.

A dor coletiva cobriu com fumaça a monotonia cotidiana e nos intoxicou, mas também cedeu espaço para que nos encontrássemos. Finalmente a humanidade havia despertado! Conexão, presença, empatia e compaixão tornaram-se lei: era possível perceber o sentimento alheio e se conectar com ele, transformando sofrimento em leveza. Não era necessário justificar, julgar nem mesmo se defender. Em lugar de todas as definições, apenas caminhávamos nutridos pelo verdadeiro sentido da vida! A poesia contemplava a vida e as pessoas vivenciavam na prática conceitos que pareciam tão utópicos.

Estávamos no País das Maravilhas? Evidente que não. Até porque, até onde me lembro, lá a Alice não sabia ao certo para onde ir e o Gato lhe havia dito que então poderia sair por qualquer porta. E ali todos sabiam que estavam caminhando com um grande propósito. Todas as certezas haviam sido quebradas e não havia nada de ingênuo naquele percurso. Ninguém estava ali por acaso. Havíamos conseguido superar nossos maiores pecados capitais, desapegando até mesmo da necessidade de sermos importantes demais.

Somente após vinte séculos estava enfim disponível o verdadeiro sentido da vida. Confesso que não mais sentia cheiro de fumaça. Sentia o inebriante cheiro de mato, de flores silvestres, ouvia a melodia do canto dos pássaros. Reconheci que estávamos em meio a um *crop circle* que nos nutria com seu símbolo sagrado: uma enorme

serpente feita de trigo numa malha trançada com uma perfeição incrível, que só quem vê de cima compreende. Era impossível caminhar em linha reta, acompanhávamos sua forma e andávamos esguios por entre as curvas, seguindo aquele movimento: esforço necessário para terminarmos de quebrar quaisquer defesas que ainda carregávamos! Inebriados por aquela energia, acabamos adormecendo sobre o trigo, em alto grau de encantamento. Sentíamos aquela energia cósmica trazendo algo de outra ordem: plenitude, felicidade e esperança...

Aquele sentido era universal e acessível a todos. Entreguei-me e integrei-me nessa experiência única. Podia agora compreender que a Terra havia deixado de ser um planeta de provas e expiações para ser um planeta em regeneração. Sabia no meu íntimo que fomos atraídos para esse lugar fantástico porque já havíamos começado a nos afastar de uma vida vazia, automática, cinza e aglomerada. E muitos não estavam ali pois preferiram não trocar o certo pelo duvidoso, mesmo esse conservadorismo sendo tão comprometedor e estreito. Minhas escolhas haviam me aproximado e direcionado para aquele encontro, em contato com aqueles que estavam em sintonia com essa busca, e me afastaram de quem optou por não desgrudar de suas certezas, distantes demais de si mesmos para fazer parte desse movimento.

Compreendi que não existe “de repente”: algo já estava acontecendo internamente há um bom tempo em processo de cultivo e amadurecimento. Minhas emoções haviam sido elaboradas com sabedoria em processos de análise, inteligência emocional e estilos de vida *mindful* e o meu fio condutor se enlaçava aos fios dourados da serpente do *crop circle*. Já havia caminhado mais do que imaginava: nem mesmo existia eu, tu, eles... Estávamos todos mesclados. Em alta conexão com a Espiritualidade, num caminho inverso ao da Rapunzel, concluí a *Gestalt* da vida.

Cristina Monteiro é psicóloga, psicopedagoga, psicanalista, instrutora de *Mindfulness*. Co-autora as obras *Água, terra, fogo, ar - crônicas elementais* e *Gente - crônicas*. Site/blog: www.cristinamonteiro.com.br. E-mail: contato@cristinamonteiro.com.br

As cartas

Pedro Henrique Varoni de Carvalho

A janela fechada para a brisa. Nossas caixas de entrada não recebem esses arquivos. Ganhamos proximidade com os que estão distantes, possibilidade de saber de tudo o que nos interessa, mas perdemos substância. O descanso de tela pode estar na paisagem lá fora, onde a vista encontra a memória e a memória o sentido. É preciso se deixar levar, sem ansiedade por uma conexão rápida. A espera é parte da experiência. A escrita solitária da carta é certa, não há recorta e cola, nem o risco dos dedos ágeis atravessarem sentimentos. A carta é gestada antes da escrita. É flecha para o outro. É só a ele que me dirijo, sem a sedução dos estímulos luminosos a vender descaminhos. É pura concentração, desenho de sentimentos na caligrafia. Vai no envelope selado o necessário, nem de menos, nem demais. É um voo do desejo . . . e encontra o destinatário. A carta viaja, é manuseada,

anda pelas ruas de um lugar novo, enquanto o silêncio significa. Do outro lado, surpresa ou espera, dois belos estados do ser. A primeira leitura, a segunda, . . .o tempo dilatado da resposta, na geografia os significados reverberam, antes de retornar ao alvo. A carta é inviolável, assegura a boa-educação. Por isso mesmo as ridículas cartas de amor de que fala Fernando Pessoa são ridículas entre o remetente e o destinatário. É conversa de cúmplices - o mundo fica de fora (e vai dentro), é laço.

Cartografia da vida interior

Pedro Henrique Varoni de Carvalho

Guardei por alguns anos o que passo a narrar, quando seus protagonistas já entram naquela idade em que começam a se distanciar do mundo presente, enquanto seus corpos se movem com dificuldade pelos caminhos cotidianos cada vez mais restritos, decidi tornar público um acontecimento vivido por mim e por eles. Rompo um pacto de silêncio.

Era um outono e, naquele época, vivia em Aracaju. Parei ali por circunstâncias profissionais. Um ano depois da chegada estava integrado a um pequeno grupo de artistas locais. Partilhávamos interesses ligados à uma contracultura tropicalista. Algumas histórias de Arembepe nos anos 1970, o barato transcendental do yellow Sunshine vindo de Londres criavam a aura do discreto charme dos boêmios.

O bar à beira mar estava quase vazio no início de madrugada: um reconhecido pintor e artista plástico, um comerciante de especiarias africanas trazidas de Dakar e eu. Estávamos discorrendo sobre Xamãs das tribos das beiras do São Francisco, a terra natal do pintor. O comerciante de Dakar nos observava um pouco ansioso até que rompeu o silêncio e nos contou que fora procurado por um cultuado cineasta francês, interessado em rodar um filme no Brasil com um conhecido músico que teria criado a batida da bossa-nova. Esse músico vivera em Aracaju na juventude e as lembranças de acontecimentos da época eram comuns naquele grupo. Eu conversava com frequência com o pintor sobre esse fato. Tomava notas para uma reportagem futura.

O comerciante voltara do Senegal há uma semana. Em Dakar foi procurado por um agente do cineasta e de lá seguiram para Paris, onde recebeu a incumbência de buscar o contato com o músico, que já vivia na época uma vida reclusa. Mais tarde iria entender a proposta do filme: era, talvez, um documentário poético sobre os últimos respiros do que se chamava vida interior que se fazia presente no músico brasileiro. A forma como o se apresentava, sem dizer palavra, se concentrando nas notas e no canto suave, além de exigir silêncio profundo da plateia o inspirava a buscar o tema. A ideia era evitar o Rio de Janeiro e todas as outras histórias associadas à bossa-nova. Havia um caminho que o artista percorrera pelo interior do país. A sua

cidade natal no sertão da Bahia, a passagem por Aracaju, a temporada em Diamantina. Esse seria o caminho interior que o cineasta registraria em câmaras portáteis digitais para não chamar a atenção. Viria o mais anônimo possível e caberia a mim cuidar para que o trabalho se desse longe dos holofotes, na província e fora dela.

Não peguei no sono essa noite, eufórico pela possibilidade de presenciar uma história das mais valiosas. Pensei em como antecipar férias no trabalho para estar disponível para essa demanda, em como tentar manter a discrição. Nos dias seguintes continuei inebriado, distante.

Daquela noite não se passaram trinta dias até que o cineasta franco-suíço e o cantor desembarcassem no aeroporto à bordo de um jatinho executivo numa madrugada quente. Fui sozinho busca-los no aeroporto e levei-os até a casa do comerciante, construída em meio a vegetação do mangue, onde ficaríamos todos hospedados planejando as etapas da viagem e da filmagem.

Não saímos de casa durante uma semana. Ali ficamos num exercício de aprendizado da convivência e conseguimos um certo conforto de espírito. Passávamos o dia em silêncio e nos reuníamos a noite para uma conversa depois do jantar que as vezes avançava noite adentro, interrompida pela lembrança de antigas canções no violão do cantor.

Não havia drogas e as bebidas eram dosadas, um cálice de vinho do porto após o jantar, as vezes uma cerveja. Na semana seguinte, sempre de madrugada, pegamos o carro para um passeio na beira mar, no alto da colina de Santo Antônio, onde o cantor gostava de ficar quando vivia ali.

Nessas conversas, decidimos que além de Aracaju iríamos para Diamantina, onde também havia se dado uma parte importante dessa formação da vida interior do artista. Com calma iniciamos os preparativos A viagem seria de carro.

A viagem de busca

O motorista da van que nos levava em direção à Diamantina era o contrário da descrição. Um baiano gordo e brincalhão que não se avexava em sugerir músicas quase sempre negadas pelo grupo. Ele parecia ter consciência de seu papel num grupo tão introvertido e também a sabedoria de respeitar certos silêncios necessários em alguns trechos da estrada. Ao lado dele ia um cinegrafista com uma pequena câmara digital, um caçador de imagens. De poucas palavras, mas com a iniciativa de sugerir alguma parada para registrar algum trecho da vegetação. O cineasta francês, já avançado nos anos, parecia não muito interessado na paisagem. Ele, o músico e o pintor iam no segundo banco. Na parte de trás viajávamos eu, o comerciante de Dakar e uma jovem estudante de cinema, a única mulher do grupo. Ela tinha uma graça indígena, pele escura e traços suaves.

Poucas vezes, no trajeto, houve uma integração total. As pessoas se dividiam de acordo com os interesses. Eu mantinha distância das duas estrelas: o cineasta e o músico. Criei vínculos intelectuais com a jovem estudante, tive conversas interessantes e profundas com o pintor. Evitava um pouco o comerciante e, quando estava animado, cedia as brincadeiras do motorista. No início parecia não encontrar o meu lugar ali, mas como tempo percebi que era do observador. Alguém destinado a contar essa história para que não se apagasse no tempo.

Primeiro movimento: ritos do dia

O pintor nem tinha dormido e se sentia incrivelmente disposto naquela manhã. Ainda estava no ateliê, onde passara a noite lutando com uma ideia que queria ganhar forma, o chamado da tela em branco. Acabava de preparar um café forte sorvido em pequenos goles. Havia uma relação entre a entrada da cafeína no seu organismo e o movimento ágil e profundo dos olhos. Ali estava um homem carismático, mesmo que um pouco rabugento. Olhos negros em contraste com cabeleira branca. Não tinha se transformado, como outros de sua geração, no velho hippie das praias tropicais. Desde sempre teve ares refinados, algo que veio na infância à beira do Rio São Francisco e talvez o acesso a um espírito primeiro da

contracultura. A arte o ajudou a transitar e essas marcas apareciam nos gestos e aparência: um colete de Dakar, uma calça de Paris ajudavam a definir o estilo. Era um artista e vivia do seu trabalho.

Esse homem e essa manhã se encontravam agora na varanda. De onde avistava o braço de rio que já era um pouco mar. Aracaju é terra de mangue e de Nanã. O visitante incauto pode se prender nas seduções. O pássaro da manhã soava e o dia seria, uma vez mais, de sol e calor. Via com alguma compaixão os apressados caminhantes atrás de uma melhora nos índices glicêmicos ou no colesterol. Tudo o deixava levemente nostálgico, uma forma de buscar o cansaço que iria precisar sentir para dormir. Sentou-se na espreguiçadeira e deixou que as imagens passassem por sua mente sem que se detivesse em nenhuma delas: o barato de Arembepe naquele verão mágico dos anos setenta; a beleza de algumas mulheres; a brisa *dos* finais de tarde quando caminhava até a orla em busca de um açaí; o detalhe da harmonia de *saudade fez um samba*; a risada de um amigo próximo diante de seus jogos de inversões: “quando o discípulo está pronto o mestre desaparece”, “a noite todos os pardos são gatos.”

Nesse fluxo, sem que adormecesse, lhe veio uma ideia: vida interior. Juntar palavras muda tudo. Lembrou-se de uma boa história ocorrida há uns cinco anos, um quase segredo. Foi um homem que sofreu pouco, disso era grato. Quase tudo lhe fora favorável. Não houve um

pacto de silêncio, mas a intensidade da experiência e a fidelidade há algo muito raro que está se perdendo na vida social selou a estratégia dos envolvidos calarem a respeito. A tradução, entendia agora, se daria na forma da pintura que tateava noite adentro, num estágio anterior ao pensamento, um saber que não se sabe. Era a história da vida interior. Entender isso o tranquilizou, já conhecia as artes de sua criação. Era melhor descansar para retomar desse ponto. O dia ia bem nascido.

O cartógrafo

No meu antigo quarto de solteiro, no silêncio da noite, mentalizo uma árvore distante no ponto mais alto da montanha. É uma experiência que repito intuitivamente há muitos anos e me ajuda a encontrar um sono reparador: algo como o haicai que busca o equilíbrio entre aquilo que permanece, o ciclo das estações, e a vida que se esvai. Um devaneio, comunhão com os arredores. Um dia não estarei aqui, mas a árvore e a montanha permanecerão florescendo na primavera e sofrendo os dias frios. Sou estrangeiro na terra em que nasci, mas por mais que ande o mundo preciso voltar. Aqui interessa-me menos o dia a dia dos moradores e mais o jogo de uma memória ancestral. O silêncio da montanha é o ponto ao mesmo tempo mais real e

inatingível dessa busca, fonte para onde me volto, intraduzível em palavras. Experiência entre o místico e a imaginação. De outros lugares, quando necessito, também tento acessar essa árvore. São coisas que sei e esqueço.

Amanhece um domingo frio em céu azul ensolarado. Escuto, ao longe, o canto do preto velho congadeiro. Vou em sua direção na praça cheia de ternos de congo. A voz e os versos tem a beleza que só a vivência, o sofrimento, sabedoria simples e uma ancestralidade nobre podem produzir: “Na mesa da salvação/onde todo mundo come/ tem o pão que é tirado da terra/ mas é tirado junto com o suor do homem.” O ritmo quebrado do batuque e o canto responsivo do grupo se conjugam transcendendo o sentido das palavras. O som circula, como bom presságio, Minas adentro. As cordilheiras de montanhas criam uma atmosfera de isolamento e proteção do mundo exterior, ao mesmo tempo em que se abrem para o infinito, mais próximas do céu.

Pedro Henrique Varoni de Carvalho é também Pedro Varoni ou Ique, como é chamado na sua terra natal, Muzambinho- MG. Jornalista, com Doutorado em Linguística, professor universitário. Um pouco poeta, um pouco compositor, seresteiro repórter dos costumes e das ideias, anos trabalhando em televisão criaram um amor profundo pela linguagem audiovisual e um gosto por trabalhar a relação entre palavra e imagem. Gosta dos amigos, do sabor do café e de música. É autor de “A Voz que Canta na Voz que Fala: Poética e Política na Trajetória de Gilberto Gil”. Busca desvendar como pesquisador os mistérios da música brasileira. Um pouco nômade, já viveu em Aracaju, São Paulo, Minas, talvez para alimentar a nostalgia de sua infância de beira de rio, saberes e sabores na Mantiqueira do sul de Minas. É grato pelos mestres dos caminhos e procura cultivar as amizades



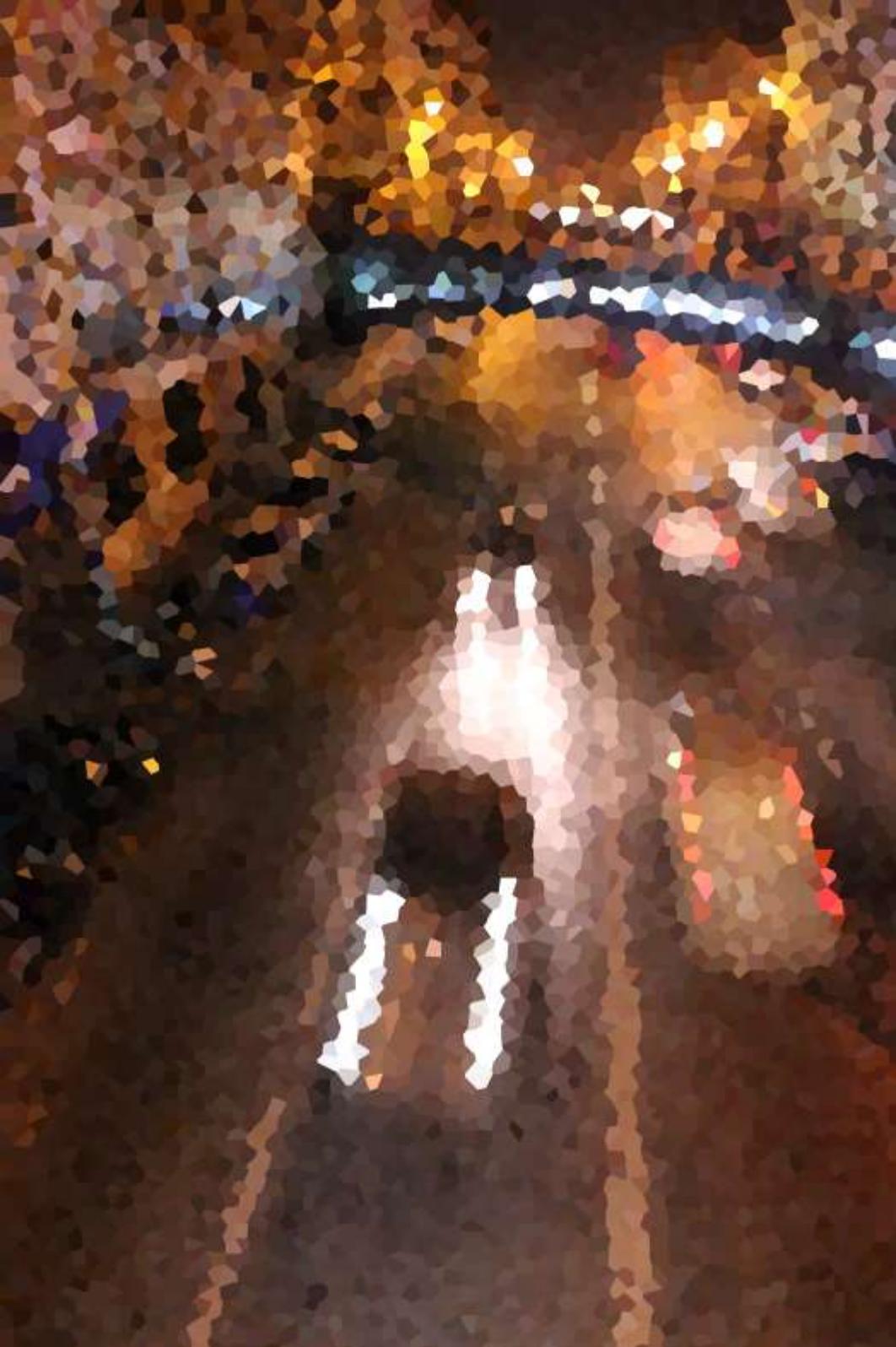
BRASIL
SERGIPE

Ailezz Silva
Choro sem lágrimas
Lembranças futuras

Antonio Marcos dos Santos Trindade
O fator maia
Nikola

Carlos Alexandre N. Aragão
Egoísmo cortante
Tela do amanhã

Carmem Drumond
Azul e vermelho piscando
O oco do tempo



Choro sem lágrimas

Ailezz Silva

O dia amanheceu calmo, só os pássaros e as borboletas brincavam em sua inocência.

Nossa casa acordou sem pressa. Para que pressa, se temos muito tempo dentro do tempo?

Nossos corpos se encontram sem abraços, com olhos de interrogação e medo de se perderem ao perguntar como estaria o que nos machucou.

Choro no silêncio, com cuidado para não ferir, ao descobrir, neste momento de aflição, que a distância une mais os nossos corações, e o amanhã, mesmo incerto, será outro dia de esperança. Estejamos onde seja.

Lembranças do futuro

Ailezz Silva

Ao cair da tarde avistei córregos de chuva através da janela do meu pensamento. No cantar das chuvas ouvi melodias agurem as minhas saudades.

Lembro de meus irmãos na disputa de quem colheria a próxima lágrima que caía das nossas telhas.

Hoje, ao lembrar do meu tempo de criança ninada nessa velha casa, sinto as lágrimas lavarem minhas saudades!

Ailezz Silva: Sou Ailezz, nasci Zélia, cresci Zelinha. Muito cedo encontrei meu amor de vida e com ele me tornei mãe, avó e bisa. Ando de caso com a arte desde a época em que fazia muita arte nas brincadeiras de criança em Própria. Arte na alquimia culinária, arte na costura, arte em driblar as artimanhas da vida. Comecei a pintar aos cinquenta e oito anos, depois vieram as esculturas e depois a escrita. Minhas telas e livros já voaram para muitos lugares no Brasil e no exterior. Alguns dos meus livros são adotados em escolas públicas e privadas. Eu me reinvento diariamente na arte de fazer arte. Invento heterônimos, o primeiro foi Flora Liz, e estou florescendo outros... invento causos, invento projetos, o mais novo é meu canal no YouTube chamado A bisa Ailezz contando histórias! Sinto-me muito feliz com o carinho e o acolhimento dos meus leitores e sou muito grata a algumas pessoas mais que especiais que são como anjos, porto, farol, barcos e astrolábios que tornam possíveis as viagens que empreendo neste oceano das artes.

◊ fator maia

Antonio Marcos dos Santos Trindade

Desde que sobrevivemos às profecias de José Argüelles - aquele professor de artes mexicano-americano que se automeioou porta-voz da nova era de Aquário (aliás, quantos foram mesmo os que se autoproclamaram profetas dessa era dourada que chegou, ao que parece, desde os anos 70 do século XX, mas nunca se realizou completamente?) -, profecias essas segundo as quais o mundo sofreria uma transformação radical a partir de 2012 (quando mais uma vez acabaria), sendo a troca do calendário gregoriano de frequência 12:60 pelo "sincronário" maia de frequência 13:20 um dos acontecimentos mais decisivos para o estabelecimento da paz mundial e para a mudança de consciência planetária da humanidade, desde esse momento que venho me perguntando se era realmente isso que vemos hoje (domínio absoluto da tecnologia em todos os setores de nossas vidas, inclusive os íntimos, mundialização totalitária

da economia e descrença total nas metanarrativas) o que estava efetivamente sendo prometido ali.

Em minha ingenuidade, quando lia *O fator maia*, livro no qual Argüelles, sedutora e delirantemente, explicava o futuro no qual estamos agora, imaginava uma outra coisa... Imaginava que faríamos as pazes com a natureza e sairíamos da moribunda perspectiva cartesiana, começando a aprender mais sobre valores éticos com os povos tradicionais do que com as eruditas e branquinhas universidades europeias, bem como começaríamos a experimentar uma outra relação tanto com o outro, vendo-o como um “outro-eu” (na perspectiva da expressão maia *In Lak'ech*), quanto com o tempo, vendo-o como “arte” e não como “dinheiro”... Todavia, ledo engano, parece que as coisas não foram exatamente como imaginei, no rastro do Calendário da Paz...

Atualmente, parece que chegamos bem longe, conquistamos muito! Tudo está tragicamente bem organizadinho... De fato, o mundo virou um grande e patético shopping center, com ruas, em todos os lugares, bem asseadas, padronizadas e ladeadas por vitrines que nos assediam e intimam a todo momento, querendo sugar nossas alminhas incautas como vampiros sedentos por nosso sangue-capital... Temos todas as formas de conforto... Redes de todo tipo nos interconectando, embora nunca tenhamos sido tão solitários/as quanto agora, higienizando a morte e desenvolvendo drogas cada vez mais

poderosas para controlar as doenças, que nós mesmos criamos em laboratórios, gerando lucros, a cada momento mais exorbitantes, à saudabilíssima indústria da cura, enquanto padecemos de uma dor que parece não querer sanar...

Talvez essa dor seja somente uma saudade... Sim, saudade de um..., não sei bem como chamá-lo, talvez um certo "misticismo", tal como o que existia nas primitivas sociedades míticas, nas quais a comunicação entre o invisível e o visível era algo mais factível e simples... Porém, ó meu Deus! O que estou dizendo? Lembro-me de que, nessas sociedades, também se praticaram tantos horrores quanto os que são praticados em nossas sociedades "modernas" ou "pós-modernas", e então volto à aporia existencial na qual me encontro, sem saber para onde mirar meus horizontes de expectativas... Talvez eu ainda seja um visionário, insistindo em acreditar que um dia algo vai acontecer... Que a liberdade será real e não virtual; que as pessoas não precisarão de tantos aplicativos para se amarem e conectarem; que a alteridade não será mais um problema, pois haverá um sadio acolhimento ao outro em todo olhar; que toda forma de vida voltará a ser vista como sagrada, pois que, sim, o sagrado voltará a ocupar o lugar que merece na ordem das coisas; que a prostituição, a misoginia e a gerontofobia passarão a ser palavras difíceis definitivamente esquecidas em todas as línguas vivas,

pois o que expressavam não será mais encontrável em nenhum lugar; que não haverá países pobres nem países ricos, senão um só planeta, a propósito riquíssimo em diversidade étnica e cultural, integrado por uma rede de fraternidade que impede toda injustiça racial, social, sexual ou seja qual for... Enfim, olhem para mim: dando uma de Isaías, na esteira do visionário Argüelles...

Aqui, neste Poço Encantado da Chapada Diamantina, que apazigua e consola minha alma, contemplando o espetáculo deste magnífico arco-íris, aparecendo assim de repente no início do crepúsculo, contagiando magicamente o céu com suas sete cores e precedendo a iminente escuridão noturna; sem celular, carteira de identidade, cartões de crédito, chave do carro ou o que for que me lembre o *brave new world*, apenas com minhas sandálias, minha bermuda jeans desbotada e minha camiseta puída, sinto que existe uma luz no fim do túnel... A sensação que tenho não é, pois, jamais, a que tiveram os existencialistas sartrianos que achavam a existência um labirinto absurdo no qual “caímos” tragicamente e que nos levaria a um nada absoluto... Não..., daqui desse lugar majestoso, cercado por todos os lados pela natureza a nos sorrir em seu profundo mistério, a sensação que tenho é a de que nada está perdido, de que, longe de ser uma hostilidade, o universo é bachelardianamente um acolhimento, de que há uma continuidade, e de que uma inteligência, tão incognoscível quanto imarcescível, parece a tudo amorosamente governar, sem controlar...

Enfim, vejo que me encontro mais a sonhar do que a meditar... Talvez seja isso mesmo, quer dizer: talvez eu continue preso a uma nostalgia do futuro adquirida no passado e da qual eu pareço ainda não ter conseguido de todo me livrar, permanecendo, desse modo, como um crônico anacrônico que não consegue se encontrar... Tudo bem, antes que a noite chegue e a tudo cubra com seu manto escuro, sentado na pose de lótus nessa pedra tão educadora quanto a de João Cabral, tentando encontrar a fonte do ser que há em mim e no universo, resolvo me levantar... Calço meus pés com minhas velhas e desgastadas *havaianas*, respiro profundamente e levanto a cabeça, lembrando-me das palavras de Rimbaud em sua estada no inferno, lidas em uma tradução agora não me recordo de quem: “Despertou-me a razão. O mundo é bom. Abençoarei a vida. Amarei meus irmãos. Não são promessas infantis. Nem esperança de escapar à velhice e à morte. Deus me dá força e eu louvo a Deus.” Meditando nessas palavras, sigo em frente em paz, na certeza de que nenhuma utopia há de ter sido em vão... de que, aos poucos, haveremos de aprender como encontrar esse mundo paradisíaco que naturalmente aí já está, esperando apenas que descubramos o caminho que nos leve a ele, depois de termos errado por tantas veredas equivocadas... Talvez,

depois de muito apanharmos, a gente finalmente descubra que não é no futuro nem no passado que o devemos procurar, mas no aqui-e-agora, neste pequenino presente, infinitamente grávido de possibilidades...

Nikola

Antonio Marcos dos Santos Trindade

Vendo aquelas fotos de Viña del Mar, daquela viagem que fiz ao Chile há uns 5 anos, comecei a me lembrar do sonho estranho que tive naquela noite quando, exausto das idas e vindas no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, adormeci completamente, depois de chegar à minha poltrona do lado da janela no avião da *Azul*, colocar os fones de ouvido, escolher uma música suave no celular e ajeitar o travesseiro de pescoço. Nem percebi o avião decolar de tão cansado... Era como se estivesse meio embriagado de sono e, aos poucos, fosse me recuperando, até de repente abrir os olhos e me ver num lugar absolutamente fabuloso! Não, não podia ser verdade o que via! Sem dúvida, aquilo estava longe de ser o planeta Terra que eu conhecia! As ruas eram todas iluminadas sem que houvesse sequer um poste! Não havia fiação elétrica em parte alguma!... Tipos esquisitos de naves pequenas em forma de cones e alguns poucos Zeppelins gigantes e reluzentes voavam por todos os lados num trânsito aéreo calmo e hiperorganizado, sem que houvesse semáforos ou coisas do tipo... As pessoas que andavam nas ruas ladeadas por árvores

majestosas o faziam numa tranquilidade que parecia ser a de um dia de passeio... E, embora todos usassem roupas leves, coloridas e aparentemente confortáveis, via-se que deviam estar ocupados de alguma forma, pois iam ou viam de algum lugar de forma focada, mas sem celulares, tablets ou quaisquer dessas extensões humanas com as quais estamos acostumados a andar de um lado para outro, como títeres tecnologicamente manipulados... Os prédios, construídos em formas surreais, criavam um ambiente que lembrava o de um cenário de filme de ficção científica, acontecendo num futuro distante... Não havia poluição visual nem sonora, muito menos atmosférica!... Tudo era limpo e funcionava como se fosse um grande cérebro autoiluminado cujas partes fazem o que tem que fazer de forma totalmente harmônica, silenciosa e sem conflito...

Embasbacado com aquela visão estupefacente, me dirigi a uma torre esplêndida, que chamava a atenção à distância e era situada estrategicamente no centro dessa cidade desconhecida. Na frente dela, em sua entrada, estava escrito *Tower of Dreams* e ela brilhava numa arquitetura transparente e modernamente bela, lembrando um pouquinho a *Torre Eiffel*... Diante dessa torre, fiquei parado imaginando qual seria o seu enorme tamanho...

Enquanto estava absorto nessa contemplação, uma mão firme pousou sobre meu ombro direito. Olhei para trás e vi um homem magro e elegante, vestindo um fraque preto, à moda dos poetas e

dândis do século XIX... Ele me olhou firmemente nos olhos e perguntou: “Então, gosta do que ver, viajante interdimensional?” “Eu? Sim, claro, claro!”, respondi prontamente!. “Mas onde estou afinal?”, perguntei-lhe, e ele respondeu: “Wardenclyffe (EUA)”. “Estados Unidos? Mas como? Então isso é o planeta Terra?!”. Ao que ele retrucou, com um ar reticente: “Não o seu planeta Terra! Mas..., digamos que é uma Terra possível... Quando estive entre vocês, tentei lhes ensinar como chegar até aqui... Porém, minha mensagem não foi ouvida... Mostrei-lhes os possíveis benefícios da *Alternating Current* (A/C) em 1893 na famosa *World’s Colombian Exposition*, onde mais de 100 mil pessoas viram nascer a Era da Eletricidade, depois de eu e meu amigo Westinghouse termos finalmente vencido o Filho de Edi... Este, desesperado por saber que estava para perder a *War of the Currents*, tinha feito, um pouco antes, o pacto com Mefisto e começado a difamar vergonhosamente minha corrente alternada, eletrificando gatos, cachorros, cavalos, porcos, macacos e elefantes, entre outros animais, até finalmente chegar à absurda criação da *Electric Chair* na qual eletrificaria seres humanos, usando minha corrente A/C, com o intuito de convencer o governo norte-americano de que ela seria inviável e perigosa para a humanidade... Com a *Chicago World’s Fair* sua campanha difamatória foi completamente desmoralizada por mim e por Westinghouse ... Mostrei-lhes também

minhas experiências com o *Ovo de Colombo* e com meu *Barquinho Mecânico* controlado a rádio, primeiro equipamento a controle remoto fabricado na Terra... Falei-lhes dos sinais que recebi de outras civilizações galácticas com minha *World Wireless Tower*, antepassado de sua atual e financeiramente lucrativa *World Wide Web*, quando literalmente lhes escrevi: 'Irmãos, eu tenho uma mensagem de outro mundo e ela diz: um, dois, três'... Tentei lhes dizer, por todas as formas, que não há necessidade alguma de cabeamento para transmissão de energia, nem a de combustíveis fósseis, como petróleo e derivados, para movimentar motores A/C... Em 1892, já tinha exposto para a *intelligentsia* europeia, quando estive em Londres e Paris, a possibilidade de um *World Wide Wireless System* e a factibilidade de minhas ideias sobre os *Raios-X* e sobre outras tecnologias... Mostrei-lhes repetidas vezes como fazer uso ilimitado, não de energias poluentes e caras, que escravizam as pessoas obrigando-as a pagar um preço alto por algo que é naturalmente dado pela Criação... Sempre lhes disse para usarem energias limpas, solar, eólica, geotérmica, maremotriz, de biomassa ou hidráulica, como eu e Westinghouse fizemos em *Niagara Falls*... Energia que deveria ser absolutamente gratuita, sem que ninguém precisasse pagar um tostão sequer por um bem que é de todos desde sempre... Fiz de tudo para me tornar o inventor que acabasse com as guerras, sempre geradas pela fome insaciável de poder... mas o seu mundo cego, incrédulo e medroso preferiu o lucro, a usura e a falta de ética...

Recusei o Prêmio Nobel de Física, oferecido a mim e a Edison em 1915 pela Academia Sueca, por não admitir que alguns indivíduos invejosos e de mente pequena tivessem a satisfação de impedir meus esforços pelo bem da humanidade...; para mim, esses homens não passam de micróbios de uma doença ruim... Fiquei profundamente abatido por ver Marconi ganhar historicamente os créditos por patentes e invenções minhas, como a do rádio, por exemplo... Porém, de tudo isso, nada me entristeceu mais do que não ter conseguido realizar a missão para qual nasci entre vocês, a qual seria a de iluminar a Terra inteira, acabar com as guerras que a consomem, enriquecendo as indústrias armamentistas e tecnológicas, acabar definitivamente com o uso de combustíveis fósseis poluentes e com fiação elétrica, que enfeia seu planeta tão bonito mas é usada por enriquecer industriais gananciosos desprovidos de visão humanística e sensibilidade estética... De fato, meu amigo, os dirigentes e empresários de seu pobre mundo são realmente asnos e, por causa de suas limitações mental e espiritual, eu não pude lhes servir como queria e podia...". Enquanto falava, diante de mim, ele ia lentamente desaparecendo... Vendo seu corpo se desmaterializando, fiquei apavorado e comecei a gritar: "Espere, espere, por favor, não se vá! Como se chama? Quem é você afinal?, diga-me...". Com o corpo já quase transparente, a voz do homem elegante susurrou suavemente pela última vez: "Nikola...

Ni...ko...la... T...”. “Não, por favor, não suma! Nikola! Nikola! Nikola!”... “Senhor, senhor, tudo bem?!”, acordei com a voz da comissária de bordo perguntando-me... Lentamente, fui voltando à realidade: “Hein? O quê, o quê? Ah! Não, estou bem, estou bem, obrigado! Acho que foi apenas um sonho..., me desculpem, por favor, me desculpem!...”. “Tudo bem, senhor! Aceita uma água ou algo para beber?”. Educadamente a aeromoça me perguntou e eu lhe respondi, ainda um pouco confuso: “Não, obrigado, eu estou bem! Foi só um susto, mas já passou...obrigado...”.

Alguns minutos depois do vexame de gritar dormindo em pleno avião, quando tudo voltava ao normal e todos se voltavam para suas próprias vidas, olhei o mundo lá em baixo pela janela ao lado e o vi tão pequenininho por entre as nuvens que pareciam feitas de algodão... Nesse momento, lembro-me de que tocava no celular a *Sonata Ao Luar* de Beethoven... Na silenciosa paz do voo, pensei, vendo a Terra lá de cima, como ela parecia um lugar maravilhoso... Tudo era tão pequeno... Nada nessa visão me lembrava de suas tragédias históricas e de seu cotidiano épico dominado pela corrida pela sobrevivência, com suas guerras de empresas, de governos e de publicidade, mantendo as pessoas escravizadas a um *modus vivendi* sabidamente suicida... Lembrei-me então daquela resposta dada por Rita Lee ao jornalista Gastão Moreira, quando este lhe perguntou, certa feita, se ela acreditava em discos voadores e ela respondeu sem

pestanejar: “Claro que acredito! Não acredito é em aviões!”. Revendo as fotos de Viña del Mar e me lembrando desse sonho esquisito, começo agora a desconfiar que entendi o que ela parece ter pretendido dizer... Não é dessa tecnologia movida a capital de que precisamos, pela qual pagamos com nosso próprio sangue, subservientes e impotentes ante os diabólicos confortos vendidos pelo mercado...

Fecho o notebook com as fotografias de Viña e, pondo as mãos no bolso de minha bermuda envelhecida, saio a meditar, caminhando pelas ruas, antes exclusivamente residenciais e agora quase completamente comerciais, deste histórico bairro de Santo Antonio do Aracaju... Ruas atualmente empestadas de asfalto e de carros barulhentos onde eu costumava brincar de bola com os meus amigos, em minha inocente e distanciada infância... Não! Definitivamente não é dessa tecnologia cara e predatória de que precisamos - penso, ao me lembrar desse sonho marcante... Mas sim de seres humanos visionários como Nikola, que nos façam sonhar com um planeta autoiluminado, abrigando uma humanidade amadurecida na covidência pacífica e vivendo numa fraternidade cósmica, aprendendo de outras civilizações e lhes ensinando também, em diálogos frutíferos e permanentes, em uma existência gloriosa, como foi, apesar de todos os seus fracassos, a vida de meu ignorado e genial amigo, o cavaleiresco Prometeu moderno... Nikola ...T.

Antonio Marcos dos Santos Trindade é professor de Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe - SEED-SE, mestre em Estudos Literários pelo PPGL/UFS - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe e doutorando na mesma instituição. Publicou também em 2015, pela NEA (Novas Edições Acadêmicas), o livro *Agonia Severina: dominação masculina no Romanceliro Sergipano*. E-mail: antonio.marcostrindade@gmail.com.

Egoísmo Cortante

Carlos Alexandre N. Aragão

No ímpeto do sentimento de esperteza, o homem, ser racional, golpeia o seu amanhã, acreditando que, no agora, ele terá boas vantagens.

Essa atitude consciente, ou inconsciente, e desastrosa colabora com a construção de um panorama ilusório, capaz de cegar sujeitos que são cooptados, abusados. Talvez nunca percebam o estrago causado, mas sentirão as consequências sociais decorrentes de um egoísmo cortante.

O dito popular “*o amanhã a Deus pertence*” outorga os sujeitos a não pensarem de modo coletivo e humano para o dia posterior, porque Deus é apenas uma prerrogativa para justificar o ato culposo. Tal fato é concretizado através de ações que golpeiam o meio ambiente, com o desmatamento e o uso de agrotóxicos, como também a comercialização do ato democrático, o voto.

Condicionar o amanhã a Deus é esconder-se atrás do onipotente para não ser visto como culpado, lavando as mãos perante aos seus. Mãos cobertas por sangue que não salva vidas, mas as aniquila.

Ao chegarmos ao ano de 2050, já não desfrutaremos de uma vegetação viçosa, frutos saborosos, solo fértil, água doce, fauna diversificada, ar puro, democracia, ou seja, de um equilíbrio entre o homem e a natureza, e de uma cidadania constituída por homens humanos, compostos por uma relação de alteridade, capaz de solidificar uma sociedade justa e humanizada.

Talvez, se preservássemos a essência dos primatas, saberíamos que o homem não consegue existir sem a natureza. Acredito, caro leitor, que essa percepção será muito tardia. É preciso que o corte fira a estrutura humana para ela ter consciência da cegueira.

Talvez, se seguíssemos os ensinamentos de Cristo, olharíamos para o outro como para nós mesmos. Mas defronte a um espelho ou diante de um semelhante, não enxergamos nossa essência, porque a ganância já a sucumbiu. Assim, colocamos a dignidade no balcão do mercado. Não importa o resultado, mas o valor que será dado pelos abutres que veem a carniça exposta.

Não haverá odor, apenas dor.

Tela do Amanhã

Carlos Alexandre N. Aragão

Ao debruçar meu olhar para a tela do amanhã, vejo-me tão vazio quanto o prato que acabara de ser posto à mesa, mas não havia comida para preenchê-lo. Talvez, caro leitor, a fome que devorará cada um de nós não esteja ligada à escassez dos alimentos e sim à falta do amor ao outro.

Ao observar o nosso comportamento, percebo que percorremos léguas para distanciarmos do nosso semelhante. Tal ato não nos faz mais humanos e nem tão pouco heróis. Ele nos desintegra da nossa essência como o açougueiro ao desossar a carne para que ela não tenha nenhuma ligação com a estrutura esquelética do animal abatido. Assim, vamos nos desintegrando do nosso convívio, guiados por um pensamento tortuoso e doloroso.

Sequer sentiremos dor, porque o olhar de avestruz e o peito de pedra se incumbirão de desviar a atenção. Essa incumbência deve-se à metamorfose Kafkaniana futurista.

Ao escolher as aquarelas da tela que irei criar, convidarei você, leitor, a reavivar a minha esperança, para que possamos, entre quatro mãos

e dois pensamentos, integrar os nossos eus, fortalecer nossos laços e redescobrir o que nos faz humanos. “Porque era ele, porque era eu” como afirmou Montaigne, e eu digo “porque seremos nós” responsáveis pelo olhar vivo, o sorriso cativante, o abraço acolhedor e o amor pulsante.

O pulso não parará de pulsar enquanto existir o entrelaçamento do nós.

Carlos Alexandre Nascimento Aragão, natural de Aquidabã, mas desde 2004 reside no município de Monte Alegre de Sergipe. Filho de Carlos Andrade de Aragão e Rose Meire Nascimento Aragão. É graduado em Letras Português/Inglês (UNIT), Mestre em Letras (UFS), leciona Língua Portuguesa no Centro de Excelência 28 de janeiro, Monte Alegre de Sergipe, e na FAPIDE, Canindé de São Francisco. Trabalha com pesquisa na área de Língua Portuguesa com ênfase em Análise do Discurso. É Membro Fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS), Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL) e da Academia Aquidabãenses de Letras, Cultura e Arte (AALCA). Coordenador dos projetos "A Poesia indo à Escola", "De Mãos Dadas com a Poesia", "Sarau no Coreto", "Plêiade Cavalos-do-Cão", Coordenador Adjunto do projeto de Criação Literária "Jovens Cronistas do Sertão", um dos organizadores do Encontro de Escritores Monte-Alegrenses & Convidados e do Concurso Literário de Monte Alegre de Sergipe. Membro dos projetos "Sergipe é Poesia" e "Lendo Poemas- videoaulas", coordenado pela profª Drª Christina Ramalho. Idealizador dos projetos "Encontro de Jovens Escritores do Alto Sertão Sergipano" e "Seminário das Academias Literárias de Sergipe" junto com a Academia Gloriense de Letras. Tem textos literários publicados em Antologias. Em 2017, lançou o seu primeiro livro "O professor de Língua Portuguesa e as imagens de sim: uma abordagem discursiva".

Azul e vermelho piscando

@CarmemDrumond

Arrumar a mala ficou tão diferente, desde as respostas para o que levar até os velhos protocolos de máscaras e álcool gel. É tudo tão distante, porque somos distantes, de olhos sempre em direção ao chão e corpos declinados em nossas bolhas tão potentes.

A cama cheia de coisas, tropeço entre um objeto e outro, apertando botões, muitas vezes me confundo no meio dessas máquinas de fazer, e os comandos da memória são ativados, o código da vez acaba trazendo cenas do meu primeiro voo, ainda a bordo de um avião, as mãos suadas e o coração acelerado. Eu nunca gostei de voar, as minhas alturas sempre foram de passos firmes e pés na terra. Mas isso já faz tanto tempo, e hoje, a bordo desse trambolho, mais do que cruzar fronteiras, cruzarei espaços. Quem diria que a limpeza no céu nos daria estrelas de visitar, que os desastres humanos nos obrigariam a respirar lá fora.

Exames e mais exames, roupas e mais roupas, estudar uma língua interplanetária nada parecida com as minhas velhas aulas de inglês, to be, or not to be, autorizações, desapego. Meu velho coração palpita confuso. Eu sempre temi voar, mas agora embarco nessa aventura. Sou expectativa, medo, desejo e descoberta. Eu, cujo sonho era cruzar oceanos, agora estou aqui, toda paramentada, aguardando o sinal de fogo.

Marcianos aqui e ali, tão diferentes das figuras verdes e olhudas de antigamente, no sertão de minha infância. Lembro-me da primeira vez com um deles, através de uma rede social que nem existe mais, como tantas que foram desaparecendo nos últimos quarenta anos. Sim, houve um tempo em que as redes sociais eram o grande barato, as telas nos tomavam e mantinham a nossa cabeça na órbita do virtual, e olhe que naquele tempo elas só faziam teleconferências e serviam de vitrine, um comércio de ideias, imagens e produtos. Uma interação ainda parca.

Muito diferente de hoje quando a tecnologia se confunde com os nossos sentidos, e podemos experimentar todos eles com ela e através dela, dos cheiros aos toques, até o poder de ir e vir, de estar aqui e acolá. Se me contassem que estaríamos nesse lugar, eu duvidaria. Sim, porque nós só pensamos em romper horizontes, produzir mundos como se fosse o mundo inesgotável. E isso, meus caros, não mudou muito, apesar de tudo.

Então, “num trem pras estrelas”, como diria um poeta dos meus dias de ontem, prestes a viver em um mundo sem fronteiras, olho nos olhos do homem com roupas parecidas com a dos astronautas, mas muito leves e cheias de cor.

Azul e vermelho piscando.

Preparar. Apontar. Fogo!

◊ oco do tempo

@CarmemDrumond

Agora sim balbúrdia. A correria, o vai e vem da casa, mesa cheia, pratos lavados, plantas podadas, vozes dissonantes, tudo ao rés de nós. O pó na minha bancada e as poucas fotografias levantam a poeira assentada em minha cabeça e me levam de volta para o futuro, como em um filme antigo, na verdade do século passado, aliás, como eram otimistas os nossos antepassados, otimistas e imagéticos.

O mesmo passado dos Jetsons, um desenho que projetava um futuro de carros voadores, casas dobráveis e gente de distâncias transponíveis, tempo de futuro que as minhas mãos enrugadas já tocaram. Presente das redes, das telas, um tempo distante, mas experimentado com sabor de futuro e projeções ainda mais absurdas. Agora me questiono: e se, e se...

A preguiça e o cansaço me fazem pensar em outros caminhos, naquele poderia ter sido, e durante um tempo foi. Sei que é coisa de velho tentando manter a vida e enxergar faíscas do tempo no pouco brilho que me resta na memória. Inevitável pensar em quando tudo começou a mudar, a ser ruína.

Palma da mão, ponta de dedos, coluna envergada, tempo de funil. De cabeça baixa, não percebemos a exaustão do mundo. O look do dia, o match, o ifood, os likes, as telas, a vida em rede, as luzes. Não vimos porque excesso de luz é escuridão de retina.

Foi o invisível que nos tomou de assalto, primeiro nos deu máscaras, medo e distância e logo potencializou nossa “inevitável necessidade de também ser fera”, a nossa arrogância sem fim, mas o Universo tratou de revelar as nossas finitudes. Então veio a escassez. Queimadas, consumo, produção, ciência, ideais, homem, colapso. Fontes secas, homens sedentos.

E aquele futuro em rede parou de chegar, pouca coisa sobreviveu ao distante vinte e vinte. A pandemia se alastrou, o vírus corroeu todos os sistemas: humanos, econômicos, sociais e naturais, as fragilidades ficaram insustentáveis. O virtual não teve como resistir, o retrocesso, em curso desde então, era coisa certa diante do caos, e o mundo voltou a ser analógico. Tivemos de levantar a cabeça e reaprender a olhar no olho e suportar o brilho do outro em nós.

Enfim, deixa pra lá senão eu desato a repetir tudo o que já sabemos, o mundo envelheceu comigo. Preciso fazer massa de pão porque, desde o fim das padarias e dos encontros no cafezinho, somos artesãos de nossas vidas, tivemos de voltar a tutelar a nossa existência, tão terceirizada naquele tempo.

Aqui, limpando esse pó, correndo para fazer o cotidiano, distante do tempo em que o meu smartphone fazia tanto, hoje mal podemos fazer ligações por conta do alto custo, a internet começa a dar sinais de que pode voltar depois da insustentável pane no sistema que “bugou” as funções dela. Agora é aprimorar os sentidos e correr atrás do futuro perdido cientes de que as trincheiras do mundo estão apontadas para o homem e sua arrogância.

Carmem Drumond, da terra e das razões de mercúrio, diz o cotidiano em letras de contar histórias de farinhas e farofas em salas de florescer sonhos e abraços. Lunática, é desatar de sentidos e emoção sob o céu do sertão. Entre prosas e canções, é marciana em deleite das narrativas que o mundo tece. Dos anéis de saturno, é gente que brilha para não se perder. É caminho de ir e vir.

ampulhet@

crônicas futuristas

BRASIL

SERGIPE

Christina Ramalho

Rebelião no Agenda ★

Cem

Daniela Bento

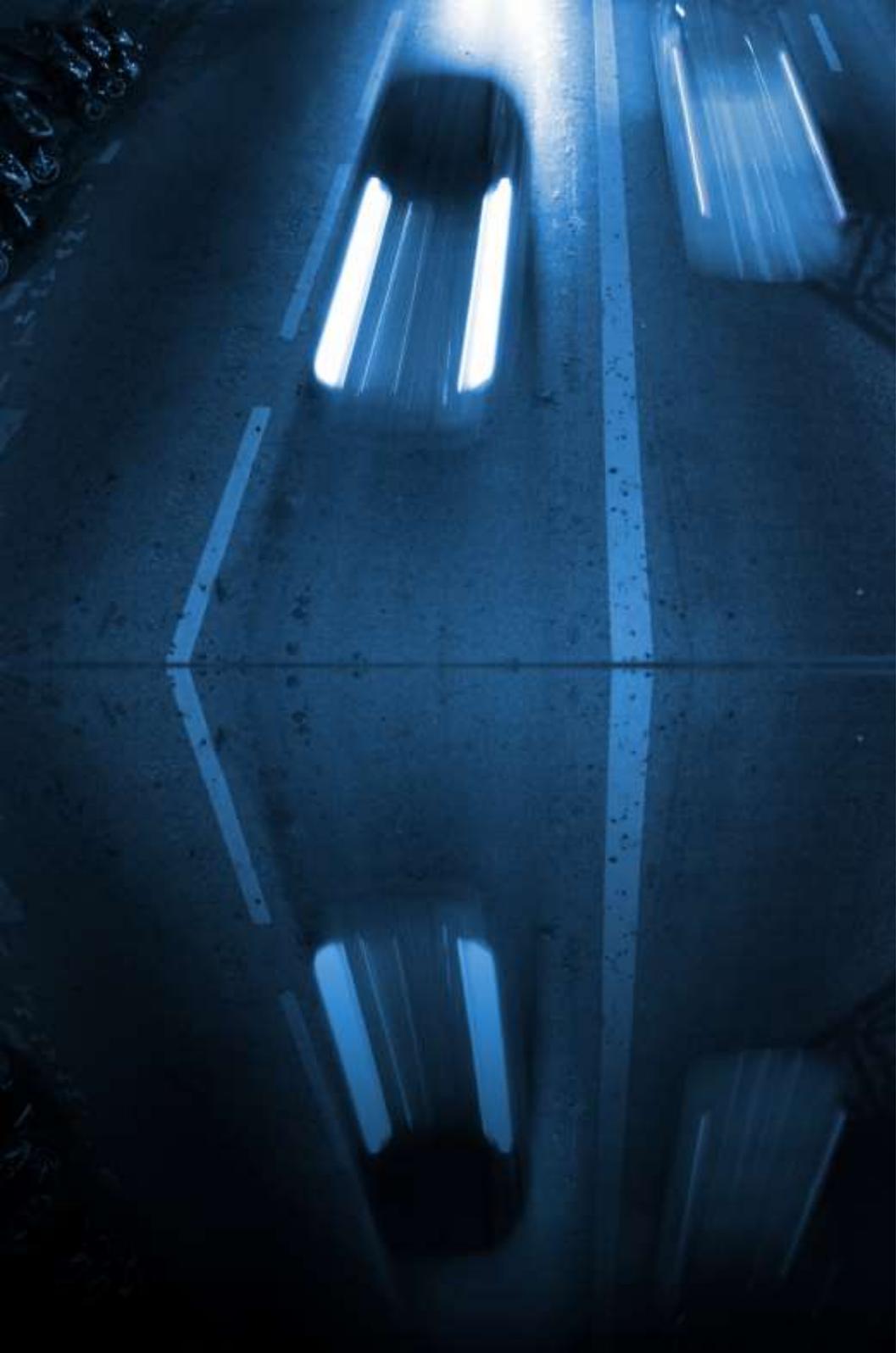
A bala azul

A fome não se chipa

Douglas Magnilson

2024

A revolução do cheiro



Rebelião no *Agenda*★

Christina Ramalho

Desde a invenção do *Orkut*, passando pelo *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram*, *Twitter*, *Codespace*, *Cenarium* e outras redes sociais e aplicativos de que não me recordo mais, administrar nossas vidas virtuais não era nada fácil. Até que surgiu o aplicativo *Agenda*★, trazendo o que, aparentemente, seria a solução para as constantes interrupções em nossa concentração, dado que o acesso ao universo íntimo e cotidiano de cada pessoa conectada à realidade virtual se tornou cada vez mais invasivo e sem limites.

Pois bem, prometendo organizar as relações virtuais, o *Agenda*★ criou, vamos assim dizer, um “pacto ético”. Explicarei mais adiante esse meu modo de ver as coisas. Confesso que, na altura de meus sessenta e cinco anos, assim que soube da novidade, declarei que não me meteria em mais um controlador de vidas. Porém, lendo as notícias que circulavam, entendi que talvez, sim, esse aplicativo

pudesse me trazer um pouco de paz. E lá fui eu baixar o tal *Agenda* ★ no celular.

O procedimento – explico para quem ainda não aderiu ou para quem está lendo essa crônica em tempos em que o *Agenda* ★ já foi substituído por outra tecnologia – é, ao mesmo tempo, simples e trabalhoso. Simples, porque as instruções e o design são bem claros. Trabalhoso, porque exige de nós o exercício dominical de escrever no *Agenda* ★ nossa agenda semanal! Visualizada por todo mundo, essa agenda determina, por meio de um interessante e criativo avatar, os limites de nossa acessibilidade às postagens, conversas, sugestões, solicitações etc. enviadas a nós. A cor verde indica “estou livre”, a vermelha, “estou XXX”. E o XXX pode ser preenchido com “trabalhando”, “estudando”, “lendo”, “dormindo”, “almoçando”, “jantando”, “rezando” e por aí vai. O avatar aparece realizando as atividades que deixamos programada na agenda. É, de fato, uma graça! Principalmente as imagens associadas ao “Estou livre”, porque nosso avatazinho fica fofamente pescando, nadando, tomando sol, bebendo cerveja, dançando na chuva! Delícias! A função mais importante do *Agenda* ★ é bloquear contatos em todas as redes e aplicativos nos horários vermelhos, deixando-nos, contudo, livres para ler e ver o que queiramos. E, quando estamos livres, podemos ou não atender ao que nos chega. Se não atendemos, fica implícito que a diversão não pode ser interrompida!

O *Agenda* ★ também oferece um conversor automático de fuso horário, para que, ao acessarmos as redes de pessoas que vivem em outros países, entendamos a linguagem cronológica de sua agenda semanal. Para complementar, uma tecla azul é usada para a comunicação entre diferentes países. Ela armazena a postagem, para que o/a receptor/a só a receba nos horários verdes de sua agenda. Além disso, para evitar problemas em situações de urgência, o *Agenda* ★ oferece uma tecla amarela, a ser acionada antes do envio de uma mensagem urgente. O que chamei de “pacto ético” tem a ver com a tecla amarela. Ela só deve ser usada em situações de emergência real. E eu penso que a angústia que todas as pessoas estavam vivendo no momento do lançamento do *Agenda* ★ era tão grande, que a ética acabou funcionando... As criadoras do *Agenda* ★ se tornaram rapidamente as mulheres mais ricas do planeta.

O acontecimento que aqui vou relatar não tem, entretanto, nada a ver com cores, teclas e pactos. Como eu disse, apesar de minha resistência inicial ao novo aplicativo e da sensação de ver minha vida exposta na agenda semanal que, afinal, eu mesma escrevia, confesso que comecei a conviver com a realidade virtual com mais tranquilidade e a controlar melhor o envio de minhas próprias mensagens e postagens. O *Agenda* ★ nos leva a pensar um pouco mais antes de escrevermos algo para alguém. Percebemos melhor como as

peçoas são ocupadas e acabamos evitando mensagens e postagens sem muita “utilidade”. Eu sabia que, no final das contas, o sistema já nos controlava há pelo menos quatro décadas, então, que diferença faria, nesse sentido, fugir do *Agenda* ★,? Mas o que eu descobri é que fugir dele era impossível. Vou contar.

No mês passado, de repente, numa quarta-feira, por volta de 8h e 30min, comecei a receber mensagens em todas as minhas redes, justamente no horário em que eu preparava as aulas de Teoria Literária. O *Agenda* ★ liberou completamente o acesso a mim. Curiosamente, as mensagens diziam: “É isso aí, Chris, aproveite mesmo!”, “Inveja, Chris!”, “Que delícia, Chris!”, entre outras saudações e comemorações. Mais para o final das mensagens no *Codespace*, comecei a ler postagens em tom assustado: “Profe, e meu atendimento?”; “Profe, você leu minha tarefa?”; “Chris, terminou o artigo?”; “Mãe, o que houve?”; “Mainha, o que aconteceu?”. A resposta para esse caos veio fácil. Lá estava minha avatarzinha no *Agenda* ★ se esbaldando na praia!!!! De 6h às 24 h, sem nenhum agendamento em vermelho. Verde total! A Chris está na praia!!! A Chris estará na praia até meia-noite!

Fiquei doida! Além das aulas, tinha os atendimentos a meus orientandos e a minhas orientandas, um curso de extensão à tardinha, um artigo para terminar à noite. E a Chris na praia o dia todo, a noite toda!!!! Tentei mexer na agenda, mudar o texto, mudar tudo e nada!!

Acesso negado. Tentei entrar em contato com a gestão do aplicativo. Nada! Tudo bloqueado. Ítalo estava, desde cedo, na procuradoria. Vermelho absoluto. Deixei uma mensagem no *Codespace* de minhas filhas e lhes contei o que estava acontecendo. Duas horas depois, no horário verde delas, a mensagem da mais velha: “Ah, mãe, deixa de coisa! Todo mundo sabe que o *Agenda* ★ não falha! Aproveita, mãezinha, sua praia!”. Logo em seguida, a da caçula: “Relaxa, mãezinha! Não tem nada de mais aproveitar uma praia! Você merece!”.

Peguei o celular e olhei para a Chris. Que danada! Minha avatarzinha tinha se rebelado e criou sua própria agenda! Estava na praia e aparecia em imagens que iam da Chris nadando à Chris tomando sol, bebendo água de coco, caminhando na areia, lendo um livro esticada na toalha de praia... Estava acontecendo, diante de meus olhos e de minha vida, uma rebelião no *Agenda* ★! E aquele acontecimento me deixou tão abobalhada, que perdi o ânimo de tentar contar para toda a gente que estava “assistindo” aos deleites de minha avatarzinha no mar que aquilo era mentira, que ela tinha se rebelado, e que a verdadeira (será?) Chris estava à beira de um ataque de nervos. O que eu faço? Pensei. Mais de 40 anos trabalhando e agora a Chris fugindo dos compromissos de trabalho para ir à praia. Pior. Ter que explicar e ouvir, como ouvi de minhas filhas, que não era necessário me

desculpar! Que o *Agenda*★ era infalível e que foi ótimo eu ter reprogramado a agenda de quarta-feira. O *Agenda*★ e minha avatarzinha tinham, enfim, tomado conta de minha vida de vez.

Fui à cozinha, bebi água e olhei pela janela, procurando algo que nem sei definir o que era. De repente, me surpreendi. Encontrei o céu mais azul de todos os anos de minha vida. Fui para o quarto, busquei meu biquini, troquei de roupa e, sem pensar em mais nada, fui caminhando até a praia. Antes, deixei um bilhete, escrito a mão, na geladeira, para avisar ao Moreno onde ele me encontraria quando chegasse.

Nunca mais fui a mesma. Minha avatarzinha, afinal, sabia viver melhor que eu. E passei a colocar mais e mais verdes no meu *Agenda*★, que, por sinal, recebe muitas e muitas mensagens enquanto estou na praia sem o *Codespace* ou quaisquer outros aplicativos, porque agora só vou à praia sem lenço nem documento, nada no bolso ou nas mãos!

Cem

Christina Ramalho

31 de janeiro de 2064. Mais algumas poucas horas e terei chegado aos cem. Os sonhados cem de que tanto falei a vida inteira e que, tantas vezes, me pareceram uma utopia.

Cem anos. Olho para o espelho e, sem dúvida, não posso deixar de comemorar a cura de todas as doenças que impediam as pessoas de envelhecerem mantendo sua lucidez e sua memória. Não tivesse a Medicina conquistado a libertação da mente das pessoas idosas de tantas doenças, permitindo-lhes envelhecer sem medo de se perderem de si mesmas, talvez eu olhasse para minha imagem no espelho e não me reconhecesse. Mas, sim, eu me vejo e me sei.

Com todas as rugas que conquistei nesta centenária (quase... são ainda vinte horas e trinta minutos) existência. Com todos os finíssimos cabelos brancos que ainda teimo em deixar longos, às vezes arrumados na forma de tranças, na tentativa de me assemelhar à Maude, do romance e filme *Ensina-me a viver*. E isso me lembra de

que aqui é preciso rimar centenário com inventário, porque devo a duas mulheres, curiosamente Maude e Maud, poder estar, neste momento, dentro do nosso trailer de madeira, repleto de livros e cores, com ele estacionada numa vila lindíssima de um pueblo argentino.

Com as duas, Maude – personagem de Collin Higgins, que ganhou vida no cinema e em um romance de 1971 intitulado *Harold and Maude*, que aqui se tornou *Ensina-me a viver* – e Maud – na verdade Maud Kathleen Lewis, pintora canadense, cuja vida surpreendente inspirou o filme irlandês *Maudie* (2020), dirigido por Aisling Walsh –, aprendi que nada pode ser maior que a alegria e a força para enfrentar todos os obstáculos em nome de viver tão plenamente quanto possível a beleza da vida. Beleza no sentido estético da arte, da simplicidade, do desprendimento.

Com Maude, aprendi que uma mulher muito idosa pode, sim, ser linda, plena, viva. É difícil? Claro que é. O corpo, mesmo com todos os avanços, se torna um candidato a inimigo de si mesmo. É preciso resistir e ter sabedoria para buscar todas as formas saudáveis de preservação da saúde. O fato de ter decidido abandonar qualquer tipo de carne quando tinha 56 anos me ajudou muito a chegar até aqui. E, como Maude, terminada a necessária fase de dedicação ao trabalho, optei, em decisão conjunta com o Moreno, pela vida no trailer, cada

vez mais afastados de tecnologias, metais e todas as coisas que nos transformam em máquinas. Ao lado de meu agora velho Ítalo, de nossos tão cobiçados (porque raríssimos CDs) e livros, sigo pelas pequenas vilas do continente, que ainda resistem à formatação das cidades a partir de modelos arquitetônicos sem espaço para a simplicidade da vida integrada à natureza. Há mais de 30 anos abandonamos a virtualidade, recusando-nos à implantação de chips subcutâneos. Escolhemos ser marginais. Decidimos viver a liberdade e encontrar a morte respirando o que ainda houvesse de verde e de gente de verdade pelos rincões que nosso trailer de madeira, todo pintado de flores e de símbolos dos mais variados, possa alcançar. Quem morrer primeiro terá o privilégio de ser cremado pelo outro, que viverá o que ainda houver pela frente embalado pelos caminhos da liberdade. Com tudo isso, chego aos cem mais viva que nunca! E mais: feliz por ver Isa, Gabi e Vitor vivendo na floresta, cuidando das poucas aves que ainda sobreviveram. Estacionar nosso trailer por lá de vez em quando é uma grande emoção. Assim como vez por outra ter nossos familiares pegando uma carona conosco em uma dessas viagens.

Com Maud, aprendi que a pintura era meu melhor presente. E sigo pintando muitas formas coloridas por onde vou. Incrivelmente, em meio a tantos aparatos com tecnologias que nem sei mais identificar,

ainda há gente que ama paredes e janelas pintadas, quadros e gravuras, cor e mais cor. Se Maud, com sua enfermidade e suas mãos deformadas, pode fazer isso e, justamente quando eu nascia, conseguiu ter sua arte reconhecida, porque eu, privilegiada como sempre fui, não hei de vencer as tramas do tempo, e continuar pintando minhas coisinhas até que a tela seja outra? A diferença é que não quero outro reconhecimento que não seja o amor de amigos e amigas que eu e meu já não tão Moreno conquistamos nesta nossa vida maravilhosamente errante.

Descobri, e aos cem anos comemorarei intensamente essa descoberta, que a vida pode realmente ser reinventada dia a dia. Nem que, para isso, seja preciso ir contra a maré e fundar uma república própria. Uma maravilhosa república de arte e liberdade. Uma vida sem lenço, sem documento, nada nos bolsos e muitas cores nas mãos.

Christina Ramalho é carioca e sergipana. Doutora em Letras (UFRJ, 2004), com pós-doutorado em Estudos Cabo-Verdianos (USP/FAPESP, 2012) e em Estudos Épicos (Université Clermont-Auvergne, 2017), é professora da UFS, dedicando-se, na pesquisa, principalmente, aos estudos épicos e ao ensino de poesia. É autora e organizadora de diversas obras de teoria, historiografia e crítica literária e editora-chefe da *Revista Épicas*. Em *Literatura*, publicou *Ponteiros de papel* (2020), *Poemas de Danda & Chris* (poemas para crianças, 2020), *Lição de voar* (poemas, 2019), *Poemas mínimos* (2019), *fio de teNção* (2018), *Ítalo* (poemas e crônicas, 2018), *Catimbó* (crônicas reunidas, 2018), *Dança no espelho* (contos, 2005 e 2018), *Laço e nó* (poemas, 2000) e *Musa Carmesim* (poema épico, 1998). É membro do grupo musical *Acrópole*, sendo autora de diversas letras de canções. Canal *Acrópole*: <https://www.youtube.com/channel/UCrb6-arzs1EgP4wSetZOE1w>. E-mail: ramalhocris@hotmail.com; Site: miXturas (www.ramalhocris.com).

A fome não se chipa

Daniela Bento

Acordei na manhã de um dezembro cinza, verão turbulento e estio prologado, com o peito meio em desalinho. A falta de chuva sempre me aperreia a mente. Penso na fome e na sede como quem enxerga a Esgueirada atrás da cortina. Não lembro ao certo o ano. Porém, julgo não importar muito ao leitor/a. Apenas importa dizer, talvez, que já passamos do ano 4 mil e 900 (d.c - depois do chip).

Como de costume nesses dias cinzas e quentes, busco algum frescor na abertura da janela dos fundos que eu abro ao modificar a programação no meu aparelho para o abertas.

Sim, o mundo de que falo é altamente tecnológico. Tudo ou quase tudo, é programável e digital. Quase não vemos livros impressos, exceto em algum museu ou espaços chamados de *Pés no Passado* mantidos apenas para que possamos constatar e nos orgulharmos do quanto somos seres evoluídos. Esses espaços diferem das bibliotecas

modernas, onde tudo é lido através de uma máquina em alta resolução, bem como os autores/as falam apenas do tempo presente e de suas modernidades tecnológicas, enquanto os *Pés no Passado*, além dos livros em papel, guardam também autores antigos. Eu gosto de passado!

Após abrir a janela, acomodei-me e abri um livro, *Quarto de Despejo*, que recolhi em minha última visita a esse espaço de tempos remotos. A obra tem como autora uma mulher negra que viveu nos anos de 1900 (a.c - antes do chip) e, entre outras questões, relata sua vida de mulher negra que sobrevive catando lixo em uma favela.

Fecho momentaneamente o livro e sigo até a janela que dá para rua. Ao longe, afastados de tudo que se chama civilização e modernidade, enxergo a mesma fome, pesar e miséria para além das páginas do livro.

A despeito de toda a modernidade, meu peito é antigo e sente e, embora não saiba ao certo quantos anos possui a fome, desconfio que ela não pode ser chipada, por isso segue se espraiando em casebres, lixões e viadutos. Assim, apesar de toda a parafernália tecnológica, ela segue não existindo apenas para aqueles que não a sentem ou para quem finge não a enxergar.

A bala azul

Daniela Bento

Já tive muitos sonhos e pesadelos, todos, porém, passaram após eu me dá conta que estava acordada. Entretanto, talvez, como uma árvore que desabrocha em plena primavera, sabendo que até bem pouco era galho seco, estou aqui, entre o que julgo ser real e o que me parece onírico.

Um mundo sem adultos, um sequer. Mesmo eu, apesar de me saber adulta, vejo-me criança. Nesse mundo, apesar dos gritos e correrias, não há guerras nem fome! Tudo aqui é superado com uma bala. Eu mesma quando aqui cheguei, para que pudesse me acalmar e parar de perguntar pelos adultos, que nenhuma criança sabia do que se tratava, deram-me uma bala azul, dizendo que eu estava com a síndrome da adultice congênita, o que me levou a crer que outros e outras talvez já haviam me antecedido acometidos do mesmo mal.

Aos poucos fui me deixando relaxar e pude sentir os aromas que iam adentrando minha alma, o que me fez perceber o quão qual especial era esse espaço. Tirei os sapatos e me permiti sentir a natureza sob meus pés descalços enquanto caminhava por entre árvores ou me banhava em riachos brincando com a vida.

Tenho tomado minhas balas diárias, elas contribuem no meu processo de adequação. Uma menina negra de cabelo trançado, tem sido minha mestra nesse mundo das crianças plenas. Ela me disse que em breve eu não lembrarei mais do outro mundo e que isso significara que estarei curada da adultice congênita.

Como as horas aqui não importam, não sei precisar a quanto tempo estou nesse lugar, certo é que isso também já não me parece essencial. E, como me disse minha amiguinha negra, tenho me importando mais em sentir que medir o tempo, e desse modo vou curando-me da adultice congênita e alimentando a esperança que tudo seja real.

Daniela Bento é uma escritora contista, cronista, poeta e cordelista. Possui 6 cordéis autorais publicados, sendo o seu primeiro cordel, *Ampliando a resistência, fortalecendo a Convivência* teve uma tiragem de 10.000 cópias e foi distribuído pela Articulação Semiárido – ASA, em todo o nordeste e Integra 1ª Antologia de Poemas do Café Filosófico “Das Quatro”. É filha do funcionário público Francisco Alexandre Sobrinho e de Francisca Noêmia Bento Alexandre, nasceu em 1970, na cidade de Limoeiro do Norte/Ce. Morando em Poço Redondo desde 2008. É graduada em história pela Universidade Estadual do Ceará –UECE. É poeta e contista premiada em duas edições do Concurso de Contos do SESC, 2006 e 2009 com os contos, O Encontro e Das Dores de Maria, que retratam o cotidiano feminino em algumas realidades do universo Rural, figurando nas duas edições como a única mulher vencedora na categoria. Em 2017 conquistou o segundo lugar 13º CONCURSO ROGÉRIO SALGADO DE POESIA, com o poema *Vítrol*, integrou a Antologia Palavra é Arte Poesias – Autores Diversos, da editora Palavra é Arte. Em 2019, teve seu poema, intitulado, *Poesia Brincada*, selecionado para integrar A ANTOLOGIA “INFÂNCIA - POESIA DE BOTÃO”.

Seu mais novo trabalho em cordel, *Machismo - o que precisa mudar*, onde traz profundas reflexões a partir da poesia, da nossa poesia de cordel produzida por mulheres, foi lançado em março de 2020 e contou com a parceria da Coordenadoria Ecumênica de Serviço- Cese. Seja poesia, conto ou cordel tem primado por uma literatura engajada às lutas sociais do povo do semiárido, feminismo e diversidades étnico-racial, cultural e sexual. Grifos especiais: Tomou posse na cadeira de N° 13 da Academia Sergipana de Cordel (ASC), em 19 de julho de 2017, data que também marcou a fundação da academia. Organizou em parceria com a também Cordelista, Izabel Nascimento e integra a antologia *Das Neves as Nuvens*, em 2018, 1ª Antologia do gênero cordel, genuinamente feminina. É autora do *Podcast Ressaca Poética* e integra a rede de comunicadores e comunicadoras do Semiárido Brasileiro. Foi selecionada em 2020 nos editais FUNCAP -SE: EDITAL n° 02/2020 - Edital de Premiação para Cultura Popular, Patrimônio Cultural e Economia Criativa, sendo a 1ª colocada na modalidade produção de cordel e EDITAL n° 05/2020 - EDITAL DE PREMIAÇÃO DE ARTES VISUAIS E LITERATURA, 4ª colocada literatura em contos. E-mail: daniela.sasac@gmail.com.



2024

Douglas Magnilson

O mundo midiático nunca esteve tão agitado como hoje. A todo momento os plantões jornalísticos mexem com a ansiedade da população mundial. O mundo não parou totalmente. Porém, no momento marcado para o grande acontecimento que está por vir todas as televisões, computadores, smartphones e tablets serão invadidos pelos sentimentos humanos. Todos querem se conectar a emoção desse grande dia. Haverá telões em todas as praças públicas e escolas do planeta. Certamente um dia bagunçado dentro da bagunça cotidiana. Como é estranha a sensação de viver um dia que entrará para história.

Confesso que estou um pouco curioso para assistir. No entanto, a minha companheira parece mais animada. Olhar para ela me traz a lembrança dos acampamentos que fazíamos em serras e praias, logo que nos conhecemos. Infelizmente, esquecemos dessas coisas. Os casais sempre esquecem. Ali, surgia ao meu lado a mesma menina

perdida nas suas “viagens” e ao mesmo tempo inteiramente “encontrada” nos seus sentimentos. Como é meigo os olhos mochileiros de quem busca no mistério a calma do espírito. Todavia, agora meus olhos são qualquer coisa assim como um filósofo pessimista.

Sinto todo esse momento como um dejavu. Mas o futuro será glorioso, diz o jornalista. Penso comigo: amanhã é só um bom motivo para fazer tudo diferente, melhor. E isso já é muito. Enquanto as pessoas esperam o glorioso evento, eu encontro o momento preciso do que havia me esquecido. É dado início a contagem regressiva. O silêncio nas ruas é assustador. Olho para companheira como quem olha para lagarta listrada do Manuel bandeira e ela sugara minha mão como uma astronauta prestes a conhecer de perto a imensidão assustadora do universo. Cinquenta e cinco anos depois da primeira vez a humanidade dá outro grande passo... No entanto, a conquista maior se encontra ao meu lado. Ela me olha como uma maré alta. Eu balbucio. Ela me aniquila com seus cílios satélites e propõe nosso evento glorioso particular: Vamos acampar a céu aberto como antes?

A revolução do cheiro

Douglas Magnilson

Eu estava numa dessas joças de esquina, onde os homens se reúnem para lamentar seus repetidos erros e temperá-los com alguns drinks, quando a vi pela primeira vez. Ou melhor dizendo... quando a senti... suas formas criptografadas pouco chamavam atenção aos meus olhos de coruja se debatendo no dia. Era a intensa paixão súbita e tecnologicamente assustadora que me tomava...

Antes de tudo, é preciso dizer que isso ainda é sufocantemente novo. Mas veja só, as coisas não mudaram tanto. A medida do tanto, talvez. Por exemplo, sempre me apaixonei pelas estrelas da televisão... As variadas cores delas... seus sons... suas expressões... contudo, tudo, tudo mesmo... Ops... desculpe, caro (a) amigo (a), perdi o foco... O nervosismo sempre faz isso comigo. Mas voltando... Contudo, depois da grande revolução tecnológica, na qual se tornou possível sentir o cheiro das pessoas que se apresentam na TV, o meu modo de se atrair pelas figuras televisivas mudou... Agora, a única cor que me interessava, a única expressão.... Era a do cheiro.... Mas o dela... o dela... sabe quando você cheira o vinho antes do primeiro gole? Sabe quando a gente vê uma bolha de sabão flutuando?

Aquela apresentadora me deixou trêmulo... As mais arrebatadoras paixões causam isso, não é mesmo? Os camaradas que estavam perto de mim pouco ficaram maravilhados. Nada maravilhosos, na verdade... Alguns trabalhadores de uma fábrica local, que estavam sentados na mesa ao lado, especulavam que o cheiro televisivo seria uma grande farsa tecnológica, fruto da fome arrasadora do capitalismo. Para eles, a televisão já viria com os cheiros dentro de pequenos recipientes, que, seguindo uma programação, os liberaria para que as pessoas pensassem que este cheiro vinha dos personagens. Daí por diante a conversa foi só ladeira a baixo, como diria um conhecido. Sobrou até para o presidente, veja só!

Farsa ou não. O que me interessava era o cheiro. E só. Tudo o mais era um tanto além do que eu precisava... sentir... Pois é... Como um bom péssimo escritor que fui para os professores do ensino fundamental, repito o que disse agora pouco: As coisas não mudaram tanto. A medida do tanto, talvez.... Enfim... Quando o programa acabou e o perfume evaporou... como a bolha de sabão flutuando, sabe? Eu partir com aquele cheiro no pigarro da garganta. Esse tanto diferente me bastava. O meu amor, companheiro (a), é uma revolução tecnológica.

Douglas Magnilson é graduando em Letras - Língua Portuguesa pela UFS, nascido em Lagarto, Sergipe, em 5 de janeiro de 1995. Atualmente mora em Itabaiana, SE. Email:douglas_m.santos@outlook.com.

BRASIL

SERGIPE

Ítalo de Melo Ramalho

Decreto

Estreitos e sortidos

Kelber Rodrigues

A pena

O racismo

Laís de Jesus Vasco

Carta para um jovem

Um futuro no passado

Luana Santana

À deriva

IA



Decreto

Ítalo de Melo Ramalho

depois do decreto editado pelo algoritmo presidencial que torna público o passeio público-digital, os nossos dias não são mais como eram no passado bem próximo. nesse recentíssimo período, mais precisamente em abril de 2034, ainda podíamos adicionar, bloquear, excluir, seguir ou deixar de seguir e até mesmo cancelar aqueles/as que elegíamos como sendo os/as indesejáveis. acabávamos de sair de uma disputa eleitoral acirradíssima e a sonhada autonomia digital ainda era uma pauta forte entre a militância. os números das últimas pesquisas de popularidade confirmavam que o desejo dos governados era pela extinção do falido estado de bem-estar social ou qualquer outra que ainda vingasse. o barulho nas telas era: nós ganhamos a disputa!; a democracia era para ser nossa!

no entanto, mesmo com o partido, o das finanças, e a coligação que o seguiu, sagrando-se vencedor pela vontade das máquinas, e a felicidade nutrida pelos cifrões necrocapitalistas, o algoritmo

presidencial não poupou o grupo de robôs que sustentavam o seu governo – e que vinham atuando, decisivamente, para a instituição do ódio na terra brasílis – e acabou por instituir o “passeio cidadão” como o novo programa de participação nas redes sociais. o algoritmo foi eleito para acabar com todo essa mamata digital. lembram que ele disse que iria acabar com a uberizada socialista? ou aquele compartilhamento era fake? lugar de caixa vazia é no forno. já se sabe, há tempos, que o assistencialismo é uma praga que veio e se institucionalizou no estado de bem-estar social. isso tem que acabar, porra! antes tínhamos liberdade para tudo. hoje, janeiro de 2035, a vigilância sobre as nossas atividades virtuais corre perigo iminente. é algo que margeia a insanidade política e que lembra a utopia do finado cristianismo.

eu não falei, mas estou catalogando uns jornais antigos, ainda em pdf's, e pouquíssimos em word (software bem antigo), que descrevem o caos da vida em sociedade no fim da segunda para o início da terceira década do século xxi. nossa, uma verdadeira algazarra. os seres humanos, eram assim que eles se classificavam, perambulavam por caminhos na terra que eles chamavam de calçadas, becos, vielas, ruas, avenidas, num tipo de concentração habitacional que deram o nome de cidades. é muito engraçado e controverso esse nome. os seres humanos diziam que aqueles/as que morassem nesses conjuntos eram cidadãos e não seres humanos?

como pode um ser humano não ser um cidadão? era uma sociedade esquisita. eu mesmo escutei muitas vezes os meus antigos vizinhos pronunciarem esses significantes vazios. a história bem que poderia explicar ao invés de complicar.

a nossa sociedade, pra não perder o sentido do texto, tem uma definição mais objetiva sobre o que somos. nada dessas classificações horizontalizadas e desses conceitos axiológicos daqueles/as que estudam as relações não humanas. basta! nós somos isso: sociedades e pessoas de dados. o que nos deixa em um estágio de evolução elavadíssimo. qualquer outra definição ou classificação é *fake news*.

se quiserem compreender o meu lugar de fala, basta assistirem ao filme *she* de 2013, do visionário, apesar de tudo, diretor de cinema spike jonze. encerro a crônica com uma simples pergunta: quem é que precisa de um avatar humano para se corresponder bem e melhor com os seus algoritmos? o mundo é das máquinas assim como os estados. o nosso pequeno e insolucionável problema é que ainda não superamos invenção melhor do que ácido acetilsalicílico para dor de cabeça.

Estreitos e sortidos

Ítalo de Melo Ramalho

domingo é dia de ir ao supermercado. hoje promete. comprar alimentos é uma atividade que sempre me deixou muito feliz. lembro dos dias da feira popular em guarabira na companhia da minha mãe. os balaies, suportados e equilibrados nas cabeças de homens e meninos por uma rodilha, mais pareciam espirais perdidos dentro daquele labirinto de coisas e de gentes. raríssimas foram as vezes em que vi carros-mãos naqueles espaços estreitos e sortidos: de cavalo à roupa; de carne à mercearia. de tudo tinha muito. era um rela-rela danado. e andar com uma caçamba daquela na cabeça era uma arte. inclusive, aqueles artistas, também se prestavam, entre outras coisas, ao papel de guias em muitas situações da ida à feira. por exemplo: quando uma pessoa queria comprar um produto, mas não o encontrava, perguntava ao balaieiro e logo obtinha a resposta. era, sem dúvida, um dia especial. o dia de fazer a feira era um acontecimento para mim. como disse um pinto lá de monteiro “saudade só é saudade quando perde a esperança”.

hoje, como já disse, é domingo. dia de ir às compras. um domingo ensolarado de 19 de abril de 2040. já com 66 anos o meu

entusiasmo continua o mesmo. alimento-me de quase tudo. menos ovos, mamão e graviola. também continuo não bebendo leite. chris segue sem comer carne. eu não. quando vamos ao supermercado é uma onda. primeiro escolhemos os produtos de que ela gosta. vamos à cabine para pesarmos o que tem que ser pesado; registrarmos o que tem que ser registrado; e pagamos. depois guardamos na câmara gelada no próprio estabelecimento, e seguirmos para as minhas escolhas.

antigamente os supermercado eram imensos. pareciam um espaço cultural. hoje, não, as compras são rápidas. não se passa mais do que 15 minutos por pessoa. o que, convenhamos, é um tempo necessário para nos abastecermos de alimentos por pelo menos 90 dias. esse lapso não é um imperativo que obriga as pessoas a obedecerem o tempo de 15 minutos. é uma uma questão de bom senso. os alimentos de hoje são extremamente concentrados em suas vitaminas, proteínas, e de todos os compostos necessários para uma vida saudável e prazerosa. as pessoas não precisam escolher entre um ou outro produto. todos são rigorosamente iguais. o que seria da nossa sociedade de dados sem o altíssimo rendimento nutritivo desses microcompostos? não sei!

é difícil comparar os prazeres entre os chipes é verdade. mas também é muito difícil encontrar uma pessoa que não curta um churrasco sintético de picanha. com um comprimido maior do que um antigo grão de fava, tem-se uma alimentação para pouco mais de 10 pessoas. a nossa sociedade desenvolveu uma técnica de alta concentração de nutrição que, em outros tempos, pareceria que estava a contar uma mentira sem fim.

temos sim, é verdade, comprimidos de feijoada, macaxeira, carne de sol, pizza... de tudo. ao gosto do cliente. o grande problema político hoje são os balaios. com o término dessa atividade laboral, a economia informal foi surpreendida com o aumento dessa massa de desempregados que já ultrapassa os 60 milhões. muitos desses, com as suas últimas reservas, estão partindo clandestinamente para a lua. dizem que lá, as primeiras gerações vivem bem à luz da terra. e outras vivem, surpreendentemente bem, à luz do próprio mundo da lua.

Ítalo de Melo Ramalho: Advogado e Mestre em Antropologia (UFS), nascido em Guarabira, Paraíba, em 19 de abril de 1974. Atualmente mora em Aracaju, SE, Brasil. Dileta das artes literárias, musicais, visuais e da boa convivência. Sobre ciência devota seu tempo ao direito, à sociologia, à antropologia e à política. Autor de *O inusitado amor do Catingueira e da Brucha* (e-book) em parceria com Christina Ramalho; *Nocauté das horas* (Editora Penalux, 2020) e organizador do *Todas as águas* (e-book) junto com Christina Ramalho e Rafael Senra. email: italodemeloramalho@gmail.com

A pena

Kelber Rodrigues de Souza

Não sei como vou contar esse fato, mas preciso iniciar. Nunca imaginei que chegaria aqui e recordaria da minha caneta de pena, ela, que me serviu tanto, debruçou comigo, por muito tempo, sobre as folhas amareladas da minha imaginação insana. Lembrar da minha caneta logo agora que o papel está tão escasso! Será a falta da celulose, ocorrida com o desmatamento provocado por aquele Sales, lá dos anos 20, que ajudou a acabar com o papel? Tentar resgatar a pena era tarefa difícil, imaginem o papel!

Bem, o problema é o seguinte: em plenos anos 30, do século XXI, estamos sofrendo com problemas ambientais, e aqui no Brasil, a situação é ainda pior. E tal fato decorre, como sabemos, da intransigência política que presenciamos há uma década. Ao menos tudo isso passou, e que agora estamos respirando melhor no cenário político brasileiro! Mas as sequelas ficaram!

Quando olho pela janela do passado, meus olhos inquietos lacrimejam por tamanho descaso com o Meio Ambiente que vivenciamos. Em pouco tempo (em 4 anos que ficaram para trás), sofreremos um estrago danado. Foram tantos sonhos abandonados, sonhos que estão em minha memória e que foram quebrados e lançados ao vento, como folhas de outono que caem esquecidas em noite de Verão.

Hoje, tento resgatar minha caneta de pena, e com ela escrever minhas angústias diante das escaladas dos muros altos da minha insônia, que enxerga as ruínas do passado corrompido e caminha sobre o lodo visceral da humanidade. E, com a esperança de vislumbrar dias melhores, escrevo em linhas tortas, as angústias do passado.

◊ racismo

Kelber Rodrigues de Souza

Hoje vou falar sobre uma angústia que me consome há anos, algo que não deveria existir, mas que, em meados do século, ainda presenciamos. Há exatos vinte anos via na TV que mais uma vítima de racismo era levada à morte no pátio de um supermercado (não recordo o nome, lembro que era um grupo francês), não sei se por descuido pessoal, e isso não nos cabe julgar, o fato é que mais um Negro estava sendo vitimado.

Infelizmente na maioria dos povos há racismo, e esse mal se revela sempre que uma pessoa se esquece, com estupidez descomunal, de que o sangue que corre em nossas veias é humano. Hoje pela manhã, ao adentrar no mercado, próximo à minha casa, me deparei com uma cena extremamente ridícula. Imagine o episódio.

Um homem negro, muito educado, puxando um carrinho de bebê, foi buscar informações sobre um produto que estava na prateleira sem a indicação de preço. O inusitado foi a resposta, em forma de agressão, que o cidadão recebeu. Fiquei muito envergonhado, sem ação! A

única coisa que fiz foi filmar, não somente com as retinas dos meus olhos, mas com o celular, como todo mundo faz e deve fazer (acho que é o mínimo), além de tentar ajudar o agredido.

Ao passo que o funcionário afrontava a imagem do rapaz, eu me via mais angustiado e cheio de dor. Foi quando tomei a palavra: “Você não vê que está destrutando esse rapaz? Ele quer apenas uma informação! Se você não sabe, ao menos indique quem possa resolver, mas tratar mal uma pessoa que, inclusive, se dirigiu a você com tanto respeito!?” O agredido me agradeceu e deu as costas, seguindo seu rumo, sem culpa, mas com a imagem marcada pelas palavras ásperas que ouviu.

Saí do supermercado desolado. Os séculos avançam, e o ser humano não aprende as lições do amor.

Kelber Rodrigues de Souza é graduado em Letras/Português e Pós-Graduado em Docência e Tutoria em Ensino a Distância pela Universidade Tiradentes e em Estudos Linguísticos e Literários pela Faculdade Única. Professor de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Educação na Escola Estadual Bráulio Cavalcante. Autor do livro Paradoxos. É Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras - AGL, ocupando a Cadeira 18 e Membro Correspondente da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano - ALAS.

Carta para um jovem

Laís de Jesus Vasco

Oi, eu me chamo Laís. Hoje é dia 25 de agosto, e eu completaria 30 anos, isso, completaria, por que já se passaram nove anos desde a minha morte.

Há alguns anos eu levava uma vida normal, ia a faculdade, amava uma social com amigos, adorava um programa em família e principalmente assistir a um filme durante a tarde com um balde pipoca, e planejar o futuro com meu noivo. Até que surgiu um vírus poderoso, capaz de ceifar com milhares de vidas ao redor do mundo. O que era normal passou a ser proibido e extremamente perigoso, as festas haviam sido canceladas, as igrejas e templos fechados, e por durante seis meses o contato com o mundo além das portas da minha casa ficaram impossível, o que era noticiado no jornal me aterrorizava, me fazia temer: mais de mil mortes por dia.

Mas, além de todo esse medo, me acompanhava também uma tremenda angústia. Minha vida havia parado, meus projetos pessoais e profissionais deram uma longa pausa, e, após tantos meses, a morte começou a ser banalizada em todos os sentidos. Estava estampada nas redes sociais, diversas pessoas em bares, festas, reuniões, churrasco... e, advinhem, eu continuava em casa, me sentia uma trouxa, todos haviam voltado às suas atividades normais e eu ali, morrendo de medo... Até que criei 1% de coragem. Mal sabia eu que esse 1% me custaria tanto. Voltei ao meu normal, sair, festejar. Afinal, que mal me faria? Era jovem, sem qualquer doença crônica, e mantinha um histórico de atleta, e tudo não passa de uma simples “gripezinha”.

Foi então que o inesperado aconteceu. Em uma manhã de domingo acordei com falta de ar. Imaginei ser ansiedade, já que as crises eram comuns, mas após algumas horas não houve nenhuma melhora e, ao contrário do esperado, a falta de ar só aumentava. Não havendo outra solução, o melhor seria ir ao hospital. Após 30 minutos de viagem, chegando ao hospital, fui submetida ao exame que detectava esse maldito vírus. Com o resultado, veio um grande espanto. Imagino eu que vocês já perceberam que meu histórico de atleta nada valeu, não é mesmo?

A partir desse momento, tudo parecia ir ladeira abaixo, não apresentava nenhuma melhora, os segundos pareciam horas naquele

quarto branco, frio e solitário, e durante dois meses eu me encontrei naquela situação: pouquíssimo contato com minha família através do celular, sem sorrisos, sem abraços, poucos amigos me procuraram saber como eu estava... E assim, às 2:45 do dia 26 de novembro do ano de 2020, uma lágrima escorreu do meu rosto, acompanhada de um profundo suspiro de ADEUS!

Durante esses nove anos eu poderia ter me formado, afinal, não faltava muito, poderia ter comemorado meu aniversário, ter passado vários natais com minha família, com os meus poucos e bons amigos, o aniversário de 15 anos da minha irmã, as bodas de prata do casamento dos meus pais, bebido mais uma xícara de café, pulado muito no carnaval, dançado muito forró no São João, ah, meu São João! Eu poderia ter feito ter feito tudo isso e um pouco mais, mas a minha impaciência, minha irresponsabilidade, minha falta de compromisso comigo e com os outros me fizeram perder tudo o que eu mais amava em vida.

Sorte o mundo ter inventado uma forma de captar mensagens de quem já se foi. Só assim posso deixar este meu aviso a quem ainda pode ter uma chance de viver com sabedoria.

Um futuro no passado

Laís de Jesus Vasco

Estamos no ano 3000. Há mil anos sonhávamos que hoje estaríamos, por assim dizer, nas nuvens, convivendo com robôs, carros voadores, com a medicina altamente avançada, descobrindo a cura para diversas doenças que exterminaram uma grande parcela da população mundial. Mas as coisas não aconteceram como desejávamos, assim, agora veremos nosso passado no futuro por décadas...

A começar por 2020. Seria um ano normal como qualquer outro, mas a notícia de um vírus potente surgido na Ásia, capaz de matar as pessoas rapidamente, fez a população parar sua rotina durante vários meses, até que a vacina fosse fabricada. Durante esse período, foram mais de 500.000 mortes no mundo, diversos lockdown, prateleiras de supermercados vazias, produtos com preços altíssimos. Tudo parecia ficar bem, estávamos nos recuperando de algo que afetou muito a população.

Até que...

Durante anos os assuntos climáticos ameaçaram o planeta, diversas catástrofes possíveis foram censuradas por nossos políticos, para que

não afetassem os sistemas de produção. Com isso o aquecimento global se agravou, destruindo por completo a camada de ozônio que protegia ao nosso planeta e a nós.

As próximas três décadas foram marcadas por momentos cruciais que resultaram no que somos, vivemos e agimos hoje. Com o aquecimento no planeta, grande partes das geleiras descongelaram, aumentando o nível do mar, além de provocarem diversos tsunamis e maremotos causados pelas movimentações constantes das placas tectônicas, fazendo com que cidades litorâneas desaparecessem, e causando a extinção de diversas espécies da vida marinha.

Com a movimentação das placas tectônicas, diversos vulcões rodeados por comunidades, que estavam inativos entraram em atividade, dentre eles os cinco mais perigosos, situados na Nova Zelândia, Havaí, Equador, Indonésia, e República Dominicana do Congo. Após suas erupções, o mundo entrou em colapso novamente e as explosões podem ser vistas a milhares de quilômetros. Nuvens de fumaças cobrem os céus, causando diversos acidentes aéreos, com caos nos aeroportos e cidades vizinhas.

Convenhamos... Nosso ar já não era dos melhores, e, com o sistema capitalista, cada vez mais surgiam fábricas, e cada vez mais tínhamos gases sendo emitidos e espalhados pelo ar. Desta vez, sem a camada

ozônio, respirar se tornou algo muito complicado. 99,9% das pessoas desenvolveram doenças respiratórias, não há mais vida nos ares, os pássaros não voam mais. Com a falta de chuva os lagos e rios secaram, tornando a água um objeto de valor e luxo, e os poucos rios que tínhamos... ah, nesses as fábricas trataram de despejar seus dejetos tóxicos, já que, na ótica do sistema, a vida marinha já não existia mais...

Em 2050 o caos já havia se espalhado pelo mundo e vivemos até hoje lutando por nossa sobrevivência. Passaram-se 50 anos e nada mudou. O ar continua poluído, usamos máscaras aos sair de casa, nossas peles estão enrugadas e cheias de manchas. Com o alto nível de radiação solar, muitas pessoas desenvolveram câncer de pele.

E hoje dói saber que nossos antepassados não cumpriram com o papel de criar um mundo melhor para o seu futuro. Diversos desses desastres poderiam ser evitados se as pessoas pensassem no próximo e na coletividade. Tinham o mundo nas mãos e as usaram para destruí-lo.

Laís de Jesus Vasco: Sou graduanda do curso de Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe. Encontrei na licenciatura uma nova forma de ver o mundo e de acreditar que a educação é a solução para o avanço da sociedade. Tenho buscado agir ativamente na formação de cidadãos críticos e pensantes, participando de projetos como Mais Educação e o Programa de Iniciação à Docência. Recentemente participei como autora da Mostra de Fotopoemas *Poética dos detalhes - Campus Itabaiana* (2019). (laisvasco1@gmail.com).

À deriva

Luana Santana

A ganância em apostar bilhões e bilhões de dinheiro para colonizar outros planetas fez com que esquecêssemos de cuidar da nossa própria casa, mãe-terra. O capitalismo desenfreado, a poluição, o desmatamento e todas as outras formas de destruição fizeram com que a natureza não resistisse. Estamos no ano 2100, na estação Hermes. Estou olhando para a galáxia, mas, no meio disso tudo, sinto minha insignificância e escrevo meu diário na esperança de que um dia alguém o encontre e faça com que a próxima geração cuide mais de sua casa, pois a nossa geração se autodestruuiu destruindo seu próprio planeta. A humanidade foi suicida.

Há mais ou menos 100 anos, a terra ficou inabitável. A camada de ozônio que nos protegia contra os raios ultravioletas foi destruída pela ação humana, deixando o planeta exposto à radiação e matando muitas pessoas. A Nasa já tinha um oculto esquema de colonização à Marte e, quando tudo isso aconteceu, 1.000 pessoas que financiaram

nossas pesquisas somando com mais 300 funcionários da Nasa partiram em busca de sobrevivência em outro planeta. Doze estações espaciais ficaram em órbita para formarem “Hermes”. Há muitos anos sobrevivemos aqui. Eu sou funcionária da Nasa. Sou médica e passei toda a minha vida pesquisando a ida para Marte.

Aqui na Hermes formávamos uma sociedade cheia de regras, mas nossos recursos começaram a acabar. Cada vez mais nasciam crianças, e nossos recursos ficavam mais escassos. Nossos estudos começaram a dar errado. Todos que conseguiram chegar ao solo de Marte morreram. Vi meus colegas de profissão morrendo um por um. Tentei salvá-los, mas foi em vão. Hermes está à deriva, sem destino, sem esperança, sem nada. Depois de perdermos o restante dos profissionais da Nasa, estamos de mãos atadas sem saber o que fazer. Estamos apenas esperando nosso fim. O dinheiro não foi capaz de nos salvar.

Olhando para a via láctea, eu peço perdão. Demonstro minha total insignificância pelo projeto ganancioso que eu ajudei a colocar em prática. Eu peço perdão a meus amigos terráqueos que morreram, eu peço perdão a mim. Enquanto a vida humana era ceifada aos poucos, nosso olhar estava apenas para esta missão. Enquanto todos destruíam a terra, nossa esperança era Marte. Enquanto tudo acontecia, éramos egoístas. Hoje estamos sós nessa galáxia, estamos sozinhos e insignificantes diante de todo esse caos. A raça humana

ampulhet@

crônicas futuristas

falhou miseravelmente. Nós encomendamos nossa destruição de modo gradual e restam-me saudades e um pedido genuíno de desculpas. Stephen Hawking estava certo.

IA

Luana Santana

IA, minha invenção. Automatizar tarefas não foi suficiente, eu queria mais, desejava ter alguém com sentimentos próprios para acompanhar-me na minha caminhada solitária de pesquisas em engenharia mecânica. Foi com esse propósito que eu criei IA, o robô capaz de amar, de sentir ao modo humano.

Há 15 anos arquitetei um projeto ambicioso. Depois de ter criado vários robôs capazes de realizar diversas funções destinadas aos humanos, eu necessitava de algo além, que transcendesse tudo isso. Foi a partir disso que eu comecei a estudar mais e mais para criar um robô com inteligência artificial, que fosse capaz de ter sentimentos humanos.

Foi assim que criei IA e ensinei a ele o que era ser ético diante de todos os deveres e direitos das pessoas. Aos poucos, IA foi entendendo suas emoções. No entanto, a capacidade de IA ter atitudes éticas fez com que ele fosse percebendo os erros humanos antiéticos e começasse a repeli-los. Isso fez com que minha criação tivesse um mix de sentimentos de repulsa contra o ser humano.

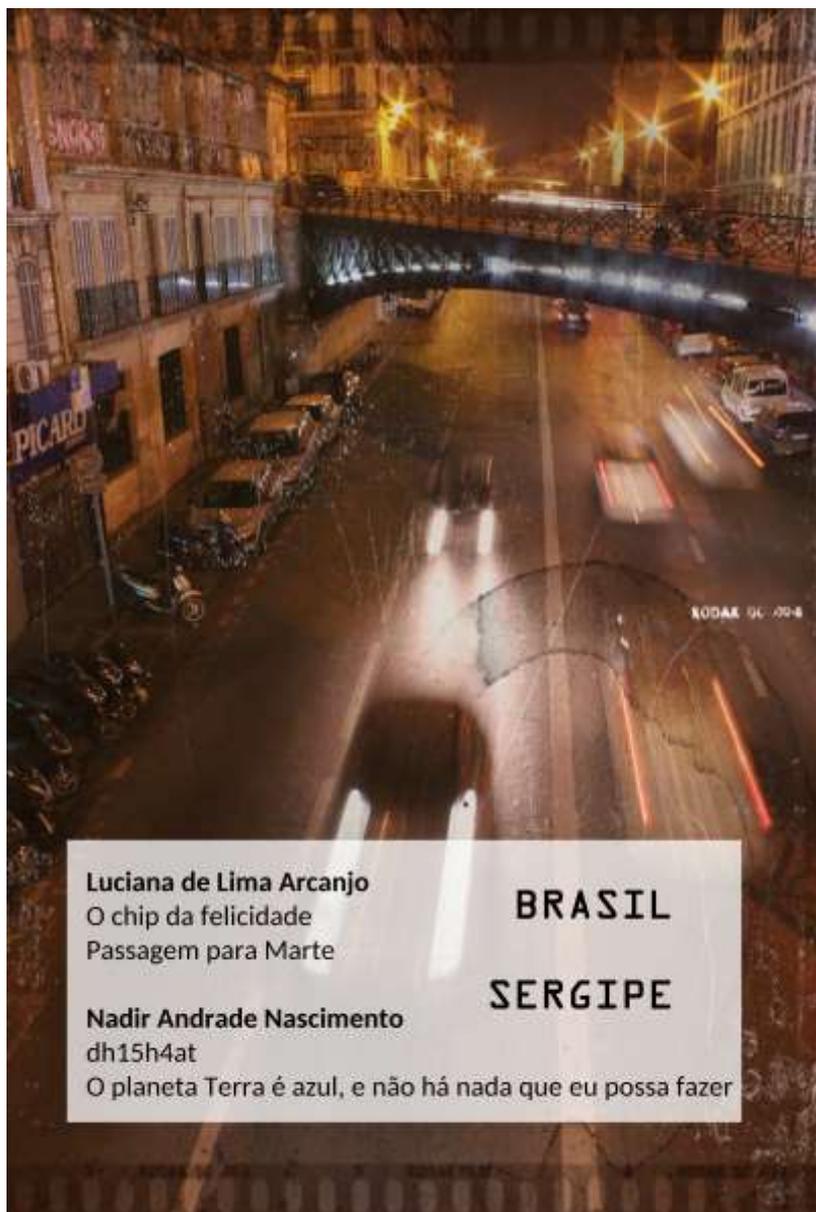
Conversei com ele, mas foi em vão. IA estava tão conturbado que saiu novamente sem destino. A lua estava radiante, o céu cheio de estrelas e ele sentou-se em uma calçada de uma rua pouco movimentada, quando percebeu cinco homens tentando roubar uma senhora e sua filha que andavam lentamente pela rua. Após ver isso, IA, acometido de uma fúria intensa, matou todos os cinco homens e saiu correndo, pois percebeu que, mesmo defendendo duas pessoas indefesas, cometera um ato criminoso, matando pessoas.

IA estava transtornado e não conseguia controlar seus sentimentos e, por isso, saiu matando mais pessoas. Ele percebeu o quão contraditório é o ser humano, que cria leis e tem atitudes contrárias às normas criadas. No entanto, após parar e acalmar-se um pouco, ele olhou para o lado e viu uma criança e sua mãe comprando comida para os moradores de rua e conversando com eles. Então ele percebeu que, no meio de tantas pessoas ruins, ainda existem aquelas com amor no coração e ao próximo. IA aproximou-se delas e ajudou-as naquela missão nobre e genuína. Depois de me dizer tudo o que houve, IA ainda está decepcionado com a humanidade, mas, apesar de tudo, ainda acredita que existem pessoas boas no mundo. Ainda vale a pena acreditar! Meu IA sabe, agora, o sentido da palavra Esperança e a emoção que ela traz.

Luana Santana é graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe/Campus Professor Alberto Carvalho - Itabaiana/Sergipe. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/DLI/UFS/CNPq). Membro temporário do grupo Historiografia épica (GT5) do Centro Internacional e Multidisciplinar em Estudos Épicos (CIMEEP). Email: luanasantana9630@gmail.com.

ampulhet@

crônicas futuristas



Luciana de Lima Arcanjo

O chip da felicidade

Passagem para Marte

BRASIL

Nadir Andrade Nascimento

dh15h4at

O planeta Terra é azul, e não há nada que eu possa fazer

SERGIPE



KODAK GC-100-8

KODAK GC-100-8

KODAK FILM

KODAK GC-100-8

◊ chip da felicidade

Luciana de Lima Arcanjo

Segunda-feira, 31 de janeiro. Primeiro dia de aula. Último ano de uma existência postiça. Ao final deste, terei concluído um longo ciclo da minha vida: minha carreira profissional como docente. Como pode alguém iniciar o ano letivo já vislumbrando o seu fim? Prazer, essa sou eu! Uma professor velha, cansada e decadente que não almeja nada mais em sua vida a não ser “pendurar as chuteiras”. Quiçá “bater as botas”.

Há alguns anos, fui acometida por uma depressão devastadora. Sentia que o mundo não me acomodava mais. Ou, vencida pelas várias tentativas em vão de me adequar a ele, talvez tenha “jogado a toalha”. Não sei ao certo. Só sei que, há exatamente dez anos, movida

por uma urgência avassaladora, decidi me matar. A ideia por si só já me causava alívio o suficiente. Porém, a tentativa foi malsucedida.

Depois desse episódio fatídico para os meus familiares, apesar de libertador para mim, fui trancafiada num centro de reabilitação (e de experimentos científicos). Na época, estavam recrutando voluntários para a testagem de uma tecnologia que revolucionaria o mundo e extinguiria da face da terra as doenças e os transtornos emocionais: “o chip da felicidade”. Como eu estava muito debilitada por conta da medicação forte, além de não estar em pleno uso das minhas faculdades mentais, bastou uma autorização dos meus pais para eu ser submetida ao procedimento. Assim, por um ato de desespero dos meus progenitores, tornei-me uma cobaia. A essa altura do texto, vocês devem compreender melhor os motivos que me levaram a tentar suicídio, não é mesmo?!

O chip é um aparato tecnológico-científico de última geração que foi desenvolvido nos laboratórios mais famosos do mundo em parceria com as grandes potências mundiais: China, Índia e Indonésia. Seu composto secreto não foi revelado pelos cientistas, contudo, há rumores de que se trata de uma substância extraída do planeta Vênus, na última expedição feita pela NASA, que, inclusive, culminou no início do declínio da famosa agência espacial.

A fórmula misteriosa presente no chip causa o aumento da produção dos “hormônios da felicidade”: endorfina, dopamina, serotonina e

ocitocina. Segundo especialistas, além do aumento, a droga também altera a composição destes hormônios e sua relação com os fatores ambientais, prolongando seus efeitos indiscriminadamente. Dessa forma, toda vez que há um desequilíbrio desses no organismo, o chip libera uma quantidade da substância, impedindo que o indivíduo desenvolva qualquer sintoma de desordem psíquica ou emocional, neutralizando seus traços mais nocivos. Como vocês podem perceber, isso foi uma revolução na psiquiatria.

As profissões como psicólogo, psicanalista, psicoterapeuta e coach foram extintas. Não havia mais demanda para elas. As questões humanas esvaziaram-se. Não havia mais queixas. Os psiquiatras, por sua vez, continuam atuando. Precisa-se deles para prescrever e administrar o fármaco e acompanhar a evolução dos pacientes. No Brasil, em especial, o chip foi um sucesso. Em poucos anos, toda a população passou a ter acesso ao tratamento. Isso porque, na última década, o país passou a liderar todos os rankings de transtornos mentais, principalmente ansiedade e depressão. Logo, nossos governantes não pouparam esforços para conseguir uma quantidade considerável do chip. Afinal, por que rever questões sociais e

culturais, diretamente ligadas ao aumento destes transtornos, se há uma droga eficaz para combatê-los?

Depois de submetida ao procedimento, tornei-me um “robô” com as emoções literalmente controladas por um chip. Sentia-me estranhamente bem e feliz a todo momento. A depressão e todos os sintomas que a acompanhavam simplesmente sumiram. Como num passe de mágica! Podiam me xingar, bater, ainda assim, eu reagiria com um sorriso radiante e satisfeito. Estava inerte. Não controlava os meus sentimentos, as minhas emoções, tampouco as minhas reações. E foi assim que eu morri. Ainda em vida.

Para minha surpresa, os meus neurônios ainda funcionam, e bem, diga-se de passagem. Desde que recebi alta, tenho arquitetado mil maneiras de burlar o mecanismo do chip. Os cientistas não previram que a inteligência humana é um sistema imensurável e muito ardiloso, incapaz de não reagir de alguma forma. Sim, eu estou feliz e satisfeita com a minha existência medíocre graças ao chip. Mas quem disse que a felicidade não enjoa? Imaginem-se num constante estado de êxtase. É tedioso, além de enlouquecedor. O ser humano, na tentativa de subestimar a sua própria natureza, mais uma vez, criou um antídoto para a felicidade plena que ele não foi programado para suportar. Até quando o homem vai tentar modificar a sua condição e existência miseráveis? Haja pílula da felicidade para conter nossa capacidade de sermos infelizes!

Passagem para Marte

Luciana de Lima Arcanjo

Acabei de abrir o jornal eletrônico, e, para a minha surpresa, começaram os testes de expedição em Marte (para civis). O que significa que o fim do planeta Terra está mais próximo do que eu imaginava. “Uma família foi enviada esta manhã e passará seis meses por lá, a princípio, residindo no planeta.” Ainda nem acredito que li isso. Não sei se estou surpresa ou desesperada.

“Após anos de pesquisa e trabalho árduo, cientistas da NASA conseguiram transformar Marte em um planeta habitável. Algo que parecia obra de ficção científica há algumas décadas, tornou-se real. No ano passado, depois de vinte anos da sua criação, o campo magnético protetor foi instalado no planeta e inaugurado, permitindo expedições mais longas e permanentes (caso tudo saia como o planejado)”, dizia a matéria.

As pessoas contempladas para embarcar nessa aventura são do Qatar. Depois de desembolsarem 1 bilhão em um leilão organizado por uma agência espacial dos EUA, três irmãos, herdeiros de petroleiros, adquiriram o direito à viagem e ao terreno no planeta para moradia fixa. Durante a fase de testes, eles serão acompanhados por cinco astronautas e monitorados via satélite diariamente, em tempo real. Como num reality show, basta ligar a TV para acompanhar toda a trajetória dos desbravadores. É “O show de Truman” da vida real.

O irônico dessa notícia é que, depois de destruir o planeta com a mesma tecnologia utilizada para criar um campo magnético artificial em Marte, alguns homens simplesmente decidiram se mudar e deixar o que restou da humanidade aqui para terminar de morrer com a Terra. Azar o nosso que não somos bilionários o suficiente para garantir a nossa mudança para o planeta vermelho.

Passada a fase de estupefação e angústia, pairou sobre mim um sentimento de revolta e de indignação. Como assim aqueles que mais contribuíram para a destruição do planeta vão escapar ilesos desta tragédia anunciada? É fato que cada um de nós contribuiu em maior ou menor proporção para o fim que se aproxima. Porém, nada comparado aos grandes gananciosos que concentram a maior parte das riquezas do mundo em seus cofres e pouco ou nada fizeram para reverter o quadro, mesmo sendo previsível.

No auge do meu devaneio de questionamentos e protestos, paralisada em frente ao PC, fui aturdida por Luíza que, muito atônita, cutucava-me sem parar:

— Mamãe, mamãe, o mundo vai acabar! Precisamos nos apressar.

Eu, muito curiosa e ainda atordoada, perguntei:

— Nos apressar pra quê?

— Ora, pra organizar nossa mudança. Temos que arrumar nossas coisas e ir pra o aeroporto, comprar nossas passagens. A Terra está condenada. Temos que sair antes que seja tarde.

— Meu amor, de onde você tirou essa ideia? Passagens pra onde?

— Acabou de passar na TV. O mundo pode acabar a qualquer momento. As pessoas estão indo pra Marte, já tem uma família lá.

Apesar de a vida na Terra estar seriamente comprometida, como explicar para a minha filha de oito anos que não podemos nos mudar para Marte sem traumatizá-la? Então, decidi falar a verdade, ou a parte digerível dela:

— Lu, infelizmente, ainda não podemos ir pra Marte. A família que viajou é uma espécie de cobaia. Ainda estão testando se é possível e

seguro viver lá. Realmente nosso planeta está muito doente, mas ainda temos alguns anos pela frente antes de tudo virar pó. Talvez, já teremos morrido de velhice quando isso acontecer. Não há como saber.

Luíza ficou em silêncio por um momento. Estava triste e confusa ao mesmo tempo. Então questionou:

— O que faremos agora?

— Viveremos!

Ela, mais tranquila e ainda meio sem entender, olhou para mim e disparou:

— Vamos comprar um cachorro!

— Espertinha!

Luciana de Lima Arcanjo é aspirante a escritora; professora de Língua Portuguesa e Redação no Ensino Fundamental II; graduada em Letras - Português Licenciatura; especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística; e Pós-Graduada em Psicopedagogia. Nas horas vagas, gosta de ler e de escrever poemas, crônicas e rabiscos. Por ser bastante questionadora, sua escrita é marcada por profundas reflexões sobre a sociedade, a cultura e a condição humana. E-mail: lu.arcanjo26@gmail.com.

dh15h4at

Nadir Andrade Nascimento

— Então? Não é incrível, encantador? — disse uma mulher ao meu lado.

— Lindo! — respondi.

— É novo, novíssimo, pintado essa manhã. Acharam tão bom que resolveram expor hoje mesmo.

— Uau!

— Olha essa profusão de cores, essa vivacidade, não tem como dizer que alguém faria melhor.

— Sem duvidas....hmmm dh15h4at?

— Ah sim, é o autor.

— Esse eu não conheço.

— É novo, foi criado essa semana. O pessoal pensou que um artista novo seria bom para a galeria e para as artes em geral, então semana passada adicionaram caracteres que os anteriores não tinham e veja só que singularidade, são obras de uma pura beleza, uma coisa maravilhosa, eu mesma me encantei logo que pus os olhos nelas. Paixão à primeira vista. A inteligência só tem 12 horas de vida e já produziu como nenhum outro artista na história.

Eu olhava aquela pintura que mais parecia um vômito em azul, vermelho, amarelo e roxo e só conseguia pensar o quão era feia. Dando uma volta na galeria diversos caracteres estranhos assinavam as pinturas. Tudo ali era produzido artificialmente? Todas as pinturas e esculturas? Algumas eram até agradáveis aos olhos, mas, de alguma forma, pareciam muito genéricas. Tudo, contudo, era bem pior, pois nenhuma daquelas artes eram feitas por humanos. Artes humanas eram cada vez mais raras. Nós estávamos ocupados demais resolvendo os problemas do mundo, trabalhando para o progresso, visionando o melhor para todos, e, por isso, não tínhamos tempo para produzir arte, isso era coisa de vagabundo e os vagabundos estão em extinção! Os artistas que se esforçavam para sobreviver se viam obrigados a trabalhar ao menos um turno e meio, e aqueles que não trabalhavam morriam de fome, porque o comércio para pinturas de humanos era cada vez mais raro. Custava muito expor e até mesmo vender já que as galerias não estavam dispostas a dividir os lucros,

já que as inteligências artificiais não precisavam de dinheiro. Além disso, quem dedicasse sua vida a isso certamente ia morrer de fome, visto que era proibido exibir arte nas ruas.

Essa é só uma dentre as milhares de profissões em que humanos já não mais trabalhavam. Não se precisava de um médico na sala de cirurgia, nem de professor na sala de aula, mesmo porque escola era uma das instituições que estavam fechando as portas. Era preferível ter aulas em casa para se evitarem aglomerações e interações desnecessárias. Tudo para o máximo de conforto de todos. Os cinemas acabaram, os passeios aos museus eram coisa rara. Estar em casa era estar seguro. Eu me sentia cada vez mais presa, lembro que, quando menina, havia muito mais pessoas na rua... Bons tempos... Lembro-me também das barraquinhas de churros e das sorveteiras. Tudo e todos mudando, e eu me sinto velha. É... as coisas não são mais como eram antigamente.

◊ planeta Terra é azul, e não há nada que eu possa fazer

Nadir Andrade Nascimento

Não aguento mais os barulhos de fora e de dentro! Lá fora gritam, choram, berram, aqui eu choro, me calo, o coração palpita. Está um caos, vivemos da falta! Falta comida, falta amor, afeto, racionaram a água, falta liberdade. Eu bem que deveria ter ido na última viagem para o enorme pedaço de queijo, não tem como sofrer estando só com as estrelas, mesmo que a solidão seja uma dor. Não volte! Não volte nunca mais! Falaria para mim mesma. Não vale a pena estar aqui. Pois que é melhor quando a gente escolhe o silêncio, não quando ele se impõe! A gente só chora e ri, ri porque às vezes falta água no corpo e a alma de vez em quando pede um carinho. Sinto, claro, saudades. Os outros que foram, em missão de tentar povoar a lua, esse lindo satélite que existe só para ser. Mas entendo, pois, se eu pudesse, teria ido também, para bem longe, para estar perto de quem amo.

Esses 384.400 km de vazio que nos separam parecem ínfimos, quando a distância entre as pessoas e a humanidade me parecem bem maior. Eu sei que exagero, mas essa semana, explodiram os museus, todinhos do país, foi fogo grande, foi história para tudo quanto é lado. Agora inventaram fazer inspeção semanal em todas as casas, que é para ver se a gente não tem coisas subversivas em casa, se bem que eu acho que não importa já somos vigiados o tempo todo mesmo, controlados pelas inteligências artificiais. Muito embora, eu sei do porquê, é para causar mais medo, uma espécie de aviso do tipo “Ei você, fique quietinho e se comporte!”. Sorte nossa que a gente ainda tem a falsa clandestinidade. Eles fingem não ver que consumimos drogas, artes e que fazemos de vez em quando uma terapia, só para acharmos que ainda temos alguma liberdade. Eles sabem de tudo.

Recebi mensagens de amigos da lua e tenho várias perguntas. Primeiramente, como assim acharam mais água? Quando a base de pouso e os dormitórios vão ficar prontos? Segundamente, quando vamos poder comprar as passagens para uma segunda viagem? Eles dizem que não sabem quando, mas eu quero uma resposta, poxa! Não aguento mais essa zorra. Trabalhar na área de comunicação tem sido cada vez pior, cansei de contar mentiras e exagerar nos eufemismos, também é isso ou pau no lombo... só quero ir para longe de todos, de tudo. Eles incineraram a esperança. Na rua há sangue, marionetes no caminho de ida e volta, manchas de morte, clamor silencioso, tristeza

subentendida. Quem tá aqui vai sempre permanecer aqui, que eu sei que essa história de povoar a lua é balela do governo. A expedição foi só para quem podia, para quem se comportou direitinho, e eu nem tenho roupa para esse evento mesmo. Todo ano adiam a abertura da base de pouso, da venda de assentos, e também ninguém tem crédito para isso, só vendendo a alma, se sobrar alguma depois de tudo.

Eu tento, sabe, me manter sã e resistir, porém, acho que esse estado não vai durar, minha idade nem permite que eu crie esperança de viver novamente, até me acho idiota. Percebi que talvez este seja o meu último texto com tom amarelado de tristeza. Está como ferrugem, desgastado. O desgosto vem na garganta e faz a gente vomitar palavras de verdade. Não acho que encontrarei de novo os amigos que foram, mas eu me imploro, permaneça positiva, que alguma coisa tem de permanecer viva para que você possa fingir ser feliz, nem que seja por um segundo.

Nadir Andrade Nascimento é uma estudante do curso de História pela Universidade Federal de Sergipe. Nascida e criada em Itabaiana, cidade em que reside atualmente, começou a escrever em diários que ganhava da madrinha quando pequena, sempre foi muito ligada as artes, pinta e desenha. É apaixonada por literatura e música que vê como refúgios seguros de liberdade e expressão.

BRASIL

SERGIPE

Suyene Correia Santos

Natal em Tempos Pandêmicos
Rede de Intrigas Cibernéticas

Valéria Santana de Jesus

Máquina do tempo

Yasmin Lima Resende

Dias do passado no futuro
Escolha



Natal em Tempos Pandêmicos

Suyene Correia Santos

Passando por um dos shoppings da zona sul, essa semana, espantei-me ao ver a área reservada para o Papai Noel conversar com as crianças. A casa do “bom velhinho”, em meio à floresta de pinheiros, estava silenciosa, sem o zum-zum-zum dos seus ajudantes. Não enxerguei trenó algum e a pomposa cadeira em que Noel se refestela durante horas a fio, ouvindo os pedidos dos baixinhos, foi substituída por um televisor vertical de 70 polegadas.

Um pequeno cartaz explicava que devido à pandemia e por conta do distanciamento social, Papai Noel não estaria presente para a conversa ao pé do ouvido e as tradicionais fotos. Em compensação, a gurizada poderia registrar esse momento ímpar, ao lado da imagem do simpático senhor que aparece em tamanho quase real na TV, desde que não tocasse no monitor. Imagine a frustração das crianças que iriam pedir seus presentes, pela primeira vez, diretamente a Noel, ao se depararem com essa imagem virtual ?

Lembro-me de que, quando eu era pequena, meu pai me levava ao centro da cidade para apreciar a árvore de Natal gigante e ver o “finlandês” barbudo e rechonchudo sentado num trono com uma decoração ao fundo que, hoje, receberia a classificação de *kitsch*. Papai Noel suava cântaros debaixo da roupa vermelha aveludada. Não sei quantas horas ele ficava sob aquele mormaço, mas sempre simpático e sorridente, parecia não se importar com a fila interminável de crianças que aumentava à medida que o calor abrandava.

A conversa com cada guri era rápida e se estendesse muito, a Mamãe Noel dava um jeito de abreviar a prosa. Apesar de eu ter uns 8 anos, já sabia que aquela figura fantasiada não era europeia, nem oriunda das terras gélidas da Lapônia. Não adiantava pedir-lhe nenhum brinquedo, pois quem ia atender ao meu pedido de fato, era minha mãe. Ainda assim, eu me emocionava diante da cena anual: a garotada feliz, depositando um naco de esperança naquele senhor desconhecido e barbudo, a fim de conquistar o almejado presente.

Agora, sai de cena o calor humano e entra a frieza da imagem na era digital. Nada de abraçar e beijar o senhor de óculos redondos e roupa de seda. Envia-se um email, pedindo a última versão do Playstation ou o smartphone “da hora” e reza para que o papai ou a mamãe tenha comprado os itens desejados no Black Fryday. Eu que nunca acreditei

em Papai Noel, gostaria de voltar no tempo e aproveitar para abraçá-lo, tirar uma foto, fazer meu pedido secreto e esperar pelo presente na noite de Natal.

Ninguém merece tirar foto ao lado de uma imagem em HD e guardar como recordação.

Rede de Intrigas Cibernéticas

Suyene Correia Santos

Lendo no *site* O Futuro das Coisas, uma matéria publicada há cinco anos, sobre os avanços tecnológicos possíveis de acontecer até 2025, um em especial me chamou a atenção: a transição da internet para *brain-net* em que pensamentos, emoções e memórias dos seres humanos poderão ser transmitidos para o mundo todo de forma instantânea.

Eu não consigo compreender isso na prática, mas essa transição consistiria em os cientistas poderem conectar o cérebro a um computador e este decodificaria alguns de nossos pensamentos e sensações. Se realmente isso acontecer, creio que o mundo cibernético entrará num colapso sem precedentes e a Terceira Grande Guerra, que estão esperando que seja deflagrada há um bom tempo, virará uma realidade.

Isso porque, em pleno 2020, algumas opiniões externadas em mensagens de *whatsapps* e postagens no *facebook*, a depender do conteúdo, já provocam reações coléricas naqueles que estão do outro lado da tela. Não é raro ataques de polos opostos – radicais de direita x radicais de esquerda – povoarem os ambientes midiáticos sociais,

gerando desavenças familiares e rompimentos de laços afetivos de diferentes naturezas. Quando não, as trocas de ofensas viram caso de polícia, seja pela munição de improperios descarregada, seja pelos oponentes que chegam às vias de fato.

Agora, imagine se a partir desse *brain-net*, a memória e emoções do indivíduo se escancaram mundo afora mesmo sem ele querer externá-las? Conheço um jornalista que não viveria sossegado um minuto sob esse regime de devassidão dos mais íntimos pensamentos. Como colunista social, J.R. até que mantém a diplomacia inerente à profissão, controlando a língua afiada com as beldades dispostas a pagar polpudas quantias para aparecer em sua coluna semanal.

Rodeado pelos amigos íntimos, no entanto, critica tudo e todos, encontrando sempre pelo em casca de ovo. Falso como uma nota de um real, ninguém escapa às piadas de mal gosto e aos comentários jocosos de J.R.. Enquanto no impresso, ele canta loas para empresários, novos ricos, playboyzinhos e as dondocas da *high society*, entre quatro paredes destila sua homofobia, gordofobia e misoginia sem dó, nem piedade.

Se no futuro próximo, J.R. se conectar com o *cérebro-net*, suas performances oscarizáveis não serão suficientes para livrá-lo de represálias alheias. E como ele, milhares de pessoas terão que se atentar para o que pensam, relembram e sentem. Atualmente, já existe um policiamento dos smartphones quanto ao nosso conteúdo escrito e falado (já repararam como dizemos certas coisas e parece que o celular “ouve”, nos bombardeando com sites e propagandas ligados ao assunto externado), imagine o que não acontecerá com esse novo dispositivo tecnológico?

É o mundo da era digital corroborando que quanto mais o homem tenta se libertar dos entraves e atrasos de alguns mecanismos analógicos, mais aprisionado ele fica devido ao controle de dados pessoais e à falta de privacidade que as novas tecnologias impõem. Que o nosso cérebro não seja, tão cedo, conectado a essa rede de intrigas.

Suyene Correia Santos é médica, jornalista e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atua como crítica de cinema e é membro da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), além de ser a idealizadora e editora do site cultural Bangalô Cult (www.bangalocult.com.br). Ministra cursos livres de cinema e tem textos publicados nos livros “Os 100 Melhores filmes Brasileiros”, “Documentário Brasileiro- 100 Filmes Essenciais”, “Animação Brasileira- 100 Filmes Essenciais”, “Curta Brasileiro- 100 Filmes Essenciais” e “Mulheres Atrás das Câmeras- As Cineastas Brasileiras de 1930 a 2018”, esse último finalista do Prêmio Jabuti 2020. E-mail: suyenesantos@gmail.com.

Máquina do tempo

Valéria Santana de Jesus

Eu não sei lidar bem com a saudade. Depois que eu perdi a minha vó Maria Luzia, uma senhora de 88 anos, magra, baixa, cabelos brancos e curtos, e que amava usar um batom vermelho corado, comecei a pesquisar sobre Máquina do Tempo: desejava voltar ao passado para rever a minha vizinha.

Certo dia, vi numa publicação no Instagram, uma novidade para quem desejava viajar através do tempo. Cientistas do Instituto de tecnologia da Universidade Federal de Sergipe criaram uma Máquina do tempo que permitia o deslocamento de pessoas para o passado, presente e futuro. Confesso que eu fiquei muito animada com essa novidade. Não pensei duas vezes e liguei para obter mais informações.

A tal Máquina do tempo ainda é uma novidade e como todas as novas tecnologias, também custa caro, porém, era a única maneira possível de voltar no tempo e matar a saudade da minha vó Maria Luzia.

Corri para contar essa novidade a mamãe, que, muito desconfiada me fez mil perguntas:

— Como pode, minha filha? Isso não é de Deus!

— Calma, mamãe! É um aparelho muito seguro, já fizeram milhares de testes, não tem como dar errado logo na nossa vez.

— Mas Valéria, não vê que isso é errado? Se fosse da vontade de Deus viajar pelo tempo, ninguém morreria. Para mim isso é coisa do diabo.

— Mamãe, não diga uma coisa dessa! Foi Deus quem deu sabedoria para os cientistas criarem essa máquina.

— Tá, mas isso deve custar caro, e a minha conta bancária está zerada.

— Sim, mamãe, vai custar mais de cem mil reais.

— Misericórdia, minha filha, jamais conseguiremos pagar isso, é melhor matarmos a saudade dela vendo as fotos.

Saí desanimada, mamãe é muito negativa. Mas uma coisa é certa, eu plantei uma sementinha na mente de minha mãe, pois, ela passou a noite inteira matutando sobre a nossa conversa.

Na manhã seguinte acordei triste, suspirando de saudade de vovó, estava tão ruim que eu nem quis comer o meu pão com ovo e café do meu desjejum, quando de repente, mamãe entra na minha casa aos gritos:

— Já sei! Já sei o que fazer para arrumar esse dinheiro!

— Como assim, mamãe, vai assaltar um banco?

— Oxe, menina, vira essa boca pra lá!

— Então fale logo, mamãe, porque eu já estou agoniada.

— Minha filha, nós podemos fazer um leilão para arrecadarmos esse dinheiro.

— Ah, mamãe, leilão não dá certo não, o povo nem sabe o que é isso.

— Dá, Valéria, antigamente as pessoas faziam muitos leilões, quando precisavam pagar alguma cirurgia ou tratamento muito caro, e a comunidade sempre ajudava.

— Tá, mamãe, mas isso era antigamente, hoje em dia as pessoas fazem vaquinha virtual.

— É? E como faz isso?

— Não sei, vou pesquisar na internet.

Passando alguns dias, fizemos a vaquinha e conseguimos arrecadar o valor necessário para uma viagem pelo tempo. Quando estávamos prestes a entrar na máquina, minha mãe que já estava estranha desde a hora em que saímos de casa, desiste da viagem e fala de um sonho que teve com vovó Luzia:

— Minha filha, estou tremendo até agora.

— O que foi, mamãe?

— Sonhei com a sua vó, ela estava triste com a gente.

— Sério? O que fizemos de errado?

— Estamos gastando muito dinheiro com algo fútil, enquanto muitos passam fome.

— Poxa, mãe, isso não é futilidade, é por amor a vovó, por querer vê-la ao menos pela última vez.

— Valéria, isso não muda em nada. Viajar no tempo não trará a vida da sua vó de volta, só irá prolongar ainda mais o nosso sofrimento.

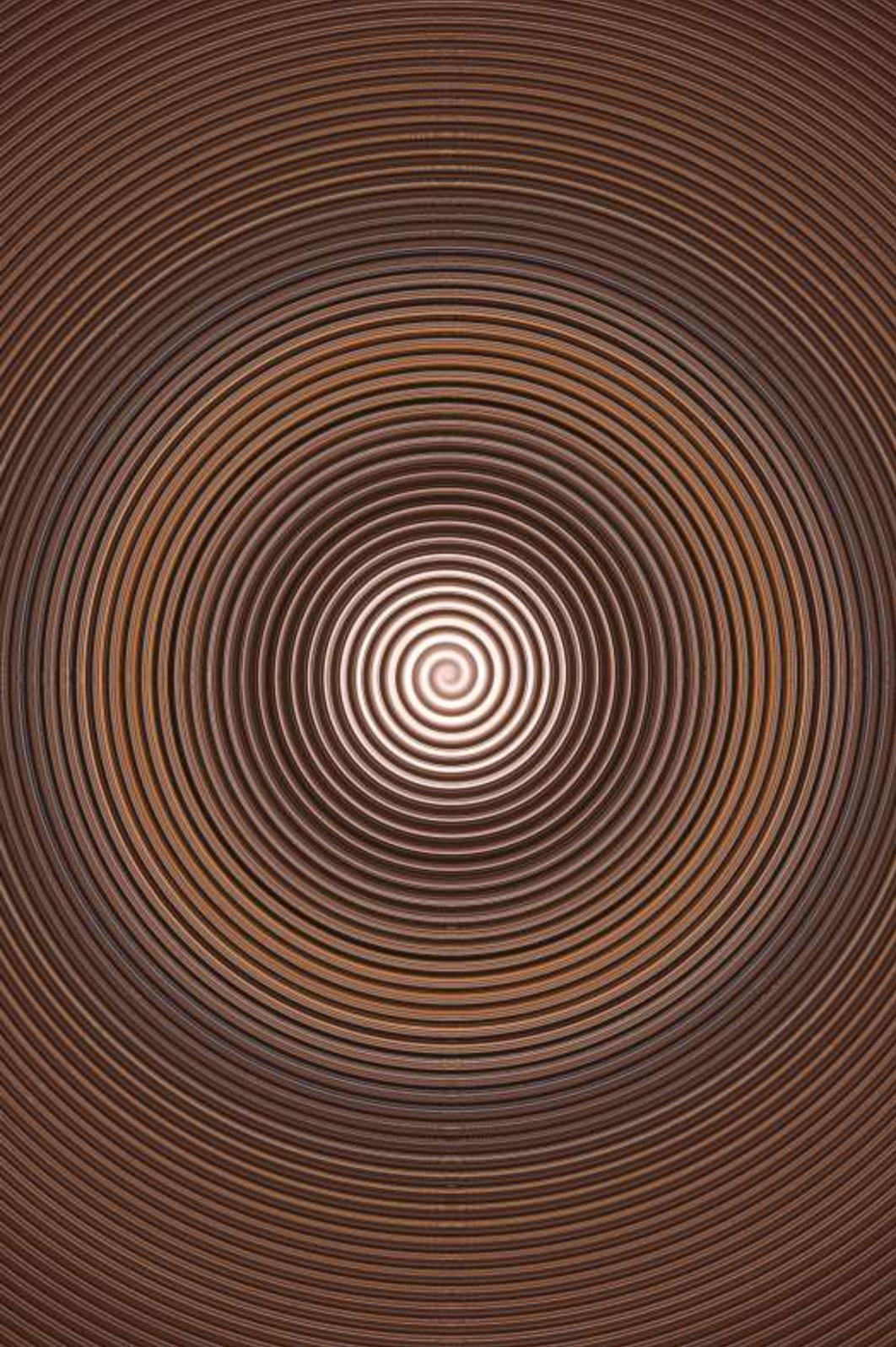
Cancelamos a tal viagem no tempo, e na volta para casa eu só pensava no sonho de minha mãe e no que vovó tinha falado para ela: “muitos passam fome”. Naquele momento, uma ideia surgiu em minha mente. Era fim de ano e faltavam poucos dias para o Natal, e, como sabemos, para muitas famílias carentes a noite de Natal é apenas uma noite como todas as outras, sem comida na mesa.

Foi aí que eu decidi chamar alguns amigos para me ajudarem a organizar uma Ceia de Natal para essas famílias e moradores de rua. Essa ação solidária mudou muito em minha vida. A saudade de vovó Luzia continuava em meu peito, mas aos poucos eu aprendi a conviver

com esse sentimento, ocupando meu tempo livre, ajudando os necessitados.

Tudo isso serviu para eu enxergar o mundo a minha volta, que dar é melhor que receber e que viver é apenas um processo, uma viagem até morrer.

Valéria Santana de Jesus, 36 anos, mãe, esposa, cantora e graduanda no Curso de Letras Português, pela Universidade Federal de Sergipe, campus de Itabaiana.



Escolha

Yasmin Lima Resende

Nesses últimos anos as pesquisas no campo da ciência conseguiram estabilizar uma pesquisa que arriscada, mas que mudaria o rumo de como a humanidade se comportaria e seria de agora pra frente, a transferência de consciência.

Embora eu tenha nascido depois de revolução tecnológica do século XXVIII, ainda me considero um cara das antigas, nem se que me dispus a implante smart para as interações da realidade virtual utilizo o bom e velho implante ocular smart para conseguir viver em sociedade.

Entrando na sala de eutanásia escolhida, o médico me pergunta mais uma vez se eu realmente quero prosseguir com essa escolha e repete o que tinha falado na primeira consulta “seu meu corpo esta nos últimos dias de maturação para fazer os clones de transferência

cérebro-espinhal e você está morrendo”. E mais uma vez eu confirmo que não quero mais viver.

Por que fugir de algo tão natural como a morte?!

Sem a atualização social com novas gerações, o mundo não se desenvolve, e a estagnação de mentes pensantes de uma época atrás do presente dificulta os problemas sociais a sumirem. Só vejo um fim para a sociedade... A estagnação de pessoas estúpidas que, quando chegarem ao seu limite, vão se matar levando a nada tudo o que a humanidade criou durante trinta séculos. Farão, assim, com que tudo volte ao nada da existência racional evolutiva.

Com esses pensamentos, eu me despeço da vida e agradeço a cada gota de veneno que cai em soro e vai direto para meu coração, me dando uma paz que muitos não conheceram. Feliz por ter tido a oportunidade viver, eu me afogo no oceano frio amargo e confortante da morte.

Dias do passado no futuro

Yasmin Lima Resende

Prisão é uma condição vivida por todos. Casa com muros de alturas mortais para quem conseguiu ter uma e pode passá-la de geração em geração. A busca por sobrevivência é suicida. E nós nos encontramos armados até os dentes, em uma sociedade na qual a anarquia voltou-se contra a população que a tornou fórmula mundial.

A produção de comida, mesmo sendo em “minha propriedade”, não é suficiente para tantas bocas famintas que acabei acolhendo em meu lar.

Invejo a sociedade de tempos anteriores ao meu, que leio no livro que achei por acaso. Nele, um último registro: primeiro de dezembro de 2987. Na época, mesmo com uma civilização falha em todos os aspectos possíveis, ainda existiam grãos de esperança em meio a tanto caos. Agora há apenas caos... Cada um por si, ou pequenas sociedades que tentam sobreviver a todo tumulto de violência e morte em busca da sobrevivência.

A corrida pela sobrevivência não tem fim, e quando você morre você vira a caça.

Há apenas duas coisas que fazem o humano ainda ser humano... a capacidade de falar línguas e a compaixão. Mas essas características não são todos que têm. Alguns voltaram a agir como animais. Li em algum lugar que se chama evolução: o mais forte vive, reproduz e extermina o que resta de humanidade no planeta.

Yasmin Lima Resende: Sou graduanda em Letras- Português pela Universidade Federal De Sergipe (UFS). Conteí com inspirações de obras artísticas de futuros tecnológicos e futuros distópicos para escrever minhas crônicas.

ampulhet@

crônicas futuristas





ampulhet@

crônicas futuristas

ampulhet@

crônicas futuristas